

TESE DE DOUTORADO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ENEIDA ESTEVES MARTINS LATHAM

**LINGUAGEM, IDENTIDADE E GÊNERO NA COMUNICAÇÃO MEDIADA
POR COMPUTADOR: UM ESTUDO DE *WEB PAGES* PESSOAIS DE
MULHERES.**

CAMPINAS, SP

Janeiro de 2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

<p>L</p> <p>346L</p>	<p>Latham, Eneida Esteves Martins. Linguagem, identidade e gênero na comunicação mediada por computador : um estudo de web pages pessoais de mulheres / Eneida Esteves Martins Latham. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.</p> <p>Orientador : Kanavillil Rajagopalan. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Identidade. 2. Gênero. 3. Mulheres - Linguagem. 4. Comunicação. I. Rajagopalan, Kanavillil. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
----------------------	--

Título em inglês: Language, identity and gender in computer-mediated communication: a study of personal web pages of women.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Identity; Gender; Women - Language; Communication.

Área de concentração: Lingüística - Pragmática.

Titulação: Doutorado.

Banca examinadora: Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan, Profa. Dra. Maria Izabel Magalhães; Profa. Dra. Dina Maria Martins Ferreira, Profa. Dra. Maria José Coracini e Prof. Dr. Jonas Araújo Romualdo.

Data da defesa: 31/01/2006.

TESE DE DOUTORADO

Programa de Pós-Graduação em Lingüística

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan – Orientador

Departamento de Lingüística – IEL – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dra. Dina Maria Martins Ferreira

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Jonas Araújo Romualdo

Departamento de Lingüística - IEL – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dra Maria Izabel Magalhães

Universidade de Brasilia

Prof. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

Departamento de Lingüística Aplicada - IEL – Universidade Estadual de
Campinas

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo sobre a construção discursiva de identidades em um *corpus* constituído de 54 *web pages* pessoais de mulheres, coletadas na Internet. Inspirando-se nas perspectivas teóricas dos estudos de linguagem e gênero (*gender*), que tomam “gênero” como algo fluido, produzido no e através do discurso, em situações comunicativas situadas sócio-historicamente, a investigação compreende uma abordagem micro e macro analítica dos recursos lingüísticos e extra-lingüísticos utilizados pelas autoras das *web pages* em suas apresentações pessoais. Os resultados obtidos na pesquisa levam a concluir que a identidade de gênero se constrói e se sustenta ora de acordo com o discurso tradicional do que é “ser mulher” na sociedade brasileira atual, ora como contestação a este, na medida em que o gênero se entrecruza com outras identidades e posições sociais ocupadas pelas autoras como a idade, posição familiar, estado civil, profissão, entre outras.

ABSTRACT

This thesis presents a study on the discursive construction of identities in a *corpus* of 54 personal web pages of women retrieved from the Internet. Following the theoretical perspectives of the field of language and gender research, gender is taken to be fluid, co-constructed in and through discourse in communicative events, socially and historically situated. The linguistic and extra-linguistic resources used by the authors in their personal presentation are analyzed in both micro and macro perspectives. The results from this study lead to a conclusion that gender is constructed and sustained both according to traditional discourse of what it means to be a woman in the present Brazilian society and against it, as gender is not to be taken on its own, but intertwined with other identities and the social stands of the authors, such as age, family position, marital status, profession, amongst others.

AGRADECIMENTOS

Ao Rajan pela gentileza de me deixar cometer meus próprios erros; à Debbie Cameron, pela orientação em Londres; à Dina, pela leitura atenta e o encorajamento; à minha mãe, Maria Helena, e aos meus irmãos, Nando e Dinho, pelo apoio incondicional a todas minhas empreitadas; à amiga Tida, que me acompanhou de perto nesta longa caminhada; à PUC Minas, pelo apoio institucional, em especial aos coordenadores do curso de Letras em Betim, Gilberto Xavier e Jane Quintiliano; e ao Steve, por tornar minha vida muito melhor.

Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnologia (CNPq) e pela CAPES (bolsa *sandwich*).

Para meu pai

Heladio José Martins

in memoriam

*O MISTÉRIO das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens
pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.*

*Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.*

*Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: ---
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas*

(Alberto Caeiro, O Guardador de Rebanhos)

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 -	
A comunicação mediada por computador	25
1.1 - Breve histórico	28
1.2 - A participação feminina na Internet	31
1.3 - Características da comunicação mediada por computador ...	35
1.4 - Ciberespaço, “mundo virtual” e “mundo real”	43
1.5 - As <i>web pages</i> pessoais	45
1.6 - Questões metodológicas e éticasgicas	50
CAPÍTULO 2 -	
Linguagem e gênero na comunicação mediada por computador	55
2.1 - Linguagem e gênero na CMC	58
2.2 - Relações entre gênero e linguagem	66
2.3 - Deficiência e dominação	69
2.4 - Diferença	75
2.5 - Um novo paradigma	78
2.6 - O novo paradigma nos estudos de gênero na comunicação mediada por computador	81

CAPÍTULO 3 -

Identidade e Performatividade	83
3.1 - Identidades	85
3.2 - Identidades de Gênero	88
3.3 - Performatividade e Comunicação mediada por computador	96
3.4 - Enfim, o gênero é real?	102

CAPÍTULO 4 -

Construindo identidades nas <i>web-pages</i>	105
4.1 - Dados pessoais	108
4.1.1 Nome	109
4.1.2 Idade	109
4.1.3 Escolaridade e Profissão	110
4.1.4 Estado civil e vida familiar	111
4.1.5 Religião	111
4.1.6 Signo do zodíaco	112
4.1.7 Raça/etnia	112
4.1.8 Local de origem ou residência	113
4.2 - A apresentação pessoal	114
4.3 - Por que construir uma <i>web page</i> ?	120
4.4 - Hipertextualidade	123
4.5 - Interatividade	129
4.5.1 Interatividade Explícita	129
4.5.2 Interatividade Constitutiva	134
4.6 - Recursos não verbais	141

CAPÍTULO 5 -

Construindo gênero nas <i>web-pages</i>	145
5.1 – <i>Web-pages</i> femininas?	149
5.2 - O corpo no ciberespaço	152
5.3 - Diferentes discursos, diferentes feminilidades	154
5.3.1 Maternidade	155
5.3.2 Vida Profissional.....	158
5.3.3 Corpo	159
5.3.4 Sexualidade	161
5.3.5 O outro.....	166
5.4 Gênero e idade	171
CONCLUSÃO	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179

INTRODUÇÃO

Nesta tese, analiso “páginas pessoais” (*personal web pages*) da Internet de “mulheres” (indivíduos que se apresentam como pertencentes ao sexo feminino), buscando compreender as estratégias lingüístico-discursivas empregadas nas construções de identidades, principalmente as identidades de gênero. Meu interesse pelo tema surgiu a partir de um estudo que fiz de *nicknames* usados em salas de bate papo on-line, em que considerava que esses apelidos não só contribuía para a construção da identidade de gênero dos usuários, como também (re)velavam estereótipos de gêneros próprios da nossa cultura. Foi a partir dessa pesquisa que iniciei minhas leituras na área de linguagem e gênero e comunicação mediada por computador, e constatei que, no Brasil, as pesquisas a esse respeito são escassas, apesar de o uso de computadores e de conexões à Internet aumentarem de forma exponencial a cada dia.

O mundo digital, à época, não me era muito familiar, talvez por essa razão a hipótese de que seria um lugar em que as mulheres poderiam sofrer menos preconceitos e serem levadas mais a sério me pareceu plausível. Afinal, a comunicação mediada por computador poderia nivelar os indivíduos, uma vez que – me pareceu então – poucas “pistas” relacionadas a gênero, idade, sexualidade, raça etc. são visíveis ao interlocutor. Na medida em que fui mergulhando no ciberespaço, no entanto, outras “janelas” foram se abrindo para mim. Esta tese acompanha, de alguma forma, o caminho trilhado.

A tese compõe-se de cinco capítulos. O primeiro capítulo trata de questões relacionadas à comunicação mediada por computador e à coleta de dados para a tese. Aí não só introduzo as características do discurso produzido em meio digital, como também discorro sobre os fatos que concorreram para sua possibilidade (a criação da rede internacional de computadores), e faço algumas considerações sobre a participação feminina na Internet.

No segundo capítulo, faço uma revisão crítica dos estudos das relações entre linguagem e gênero na comunicação mediada por computador realizados, principalmente no mundo anglo-saxão, desde o final da década de 1980. Os temas aí tratados, no entanto, incluem-se em uma área de pesquisa ampla – linguagem e gênero – que vem sendo analisada em diferentes perspectivas. Dessa forma, por julgar necessário para compreensão dos temas tratados, incluí no capítulo um panorama geral de como os estudos de linguagem e gênero evoluíram, assim como os debates que ainda suscitam. Tive por objetivo estabelecer um diálogo com esses textos para, dessa forma, delinear o pano de fundo contra o qual minha pesquisa se constrói. Este capítulo foi escrito, quase em sua totalidade, no período em que estive fazendo estágio *sandwich* no Institute of Education, Universidade de Londres, com supervisão da Prof. Deborah Cameron, lingüista com produção extensa na área.

Já no terceiro capítulo, tentei delinear – para mim e para o leitor – um quadro teórico em que os conceitos de “identidade” e “gênero” são tomados a partir da “performatividade” . Considerei, junto com outros autores, que houve uma mudança de paradigma nos estudos de linguagem e gênero a partir do momento em que o “gênero” deixa de ser considerado como dado (pré-existente ao discurso) e passa a ser entendido como algo que as pessoas “fazem”, e para qual a linguagem é fundamental.

É no quarto capítulo que minha análise empírica das *web pages* se inicia. Primeiramente, apresento um perfil das autoras, baseando-me nos dados disponíveis nas apresentações pessoais de suas *web pages*. Interessa-me também encontrar nos textos das autoras os motivos pelos quais decidiram criar *web pages*, uma prática relativamente nova de escrita sobre si. No restante do capítulo, busco explicitar os recursos próprios do meio digital e das *web pages* em especial, que as autoras dessas páginas utilizam para a construção de suas identidades e para a apresentação do “eu” (Goffman, 1959) virtual. .

Dentre os recursos, privilegio a interatividade, a hipertextualidade, e os recursos não-verbais (fotos, figuras, cores, sons).

Finalmente no quinto capítulo, concluindo o percurso analítico, tomo a linguagem verbal e as práticas textuais discursivas como sendo um lócus privilegiado da construção das identidades de gênero e busco analisar como o gênero se integra a outras identidades sociais (faixa etária e sexualidade) bem como a temas que marcam a vida da mulher, como o casamento, a maternidade, a vida familiar, o cuidado com os filhos, as relações com o corpo e com o outro.

Na conclusão do trabalho, procuro ressaltar os resultados obtidos com esta pesquisa, e faço alguns comentários finais.

No CD-ROM em anexo estão gravadas todas as *web pages* do *corpus*. Optei por deixá-las em seu formato original para que os membros da banca pudessem visualizar a gama de possibilidades de cores, imagens, *hyperlinks*, movimentos e até mesmo recursos de áudio que esta mídia coloca à disposição do autor. No entanto, para facilitar a leitura do texto, incluí os excertos no corpo do trabalho, sempre que necessário.

Minha análise não se pretende objetiva, e gostaria de deixar claro desde o princípio o lugar do qual eu falo, uma vez que acredito que todo pesquisador é parcial, subjetivo e tem algum interesse naquilo que pesquisa. Escolhi pesquisar o universo feminino porque quero mostrar as mulheres como agentes de nossas próprias vidas, não como vítimas e a posição de *insider* me coloca como privilegiada na compreensão e análise dos dados. Minha interpretação dos textos aqui apresentados é portanto uma das interpretações possíveis.

Capítulo 1 –
A comunicação mediada por computador



"On the Internet, nobody knows you're a dog."

Neste capítulo, apresento inicialmente um breve histórico da comunicação mediada por computador. O objetivo é localizar essa forma de comunicação como um fenômeno que ocorreu nas décadas finais do século XX, a partir do desenvolvimento de tecnologias que proporcionaram a integração de computadores em redes, o que possibilitou que pessoas distantes no espaço pudessem transmitir e compartilhar dados.

Logo após, baseando-me em dados estatísticos que comprovam a menor probabilidade da participação feminina na rede, busco compreender o(s) motivo(s) que levam a essa “brecha digital” com respeito ao gênero. Para tal, é necessário que considere não somente aspectos econômicos, educacionais e sociais, mas também valores culturais de nossa sociedade.

No restante do capítulo, faço uma introdução aos fatores que tornam a comunicação por meio eletrônico uma forma de comunicação particular, que possui características que a distingue das outras formas mais tradicionais de comunicação. Apresento também uma caracterização das *web pages* pessoais, forma de comunicação mediada por computador privilegiada nesta pesquisa.

Para terminar o capítulo, introduzo a forma com que os dados para esta pesquisa foram coletados, e faço algumas considerações sobre questões éticas envolvidas na pesquisa com seres humanos em meio virtual.

1.1 Breve Histórico

A comunicação mediada por computador (doravante CMC) pode ser definida como um meio de comunicação interpessoal que utiliza a tecnologia computacional para transmitir, armazenar e recuperar informações. Essa forma de comunicação é um fenômeno recente, pois só foi viabilizada pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento das redes de computadores (*networks*), o que se deu na segunda metade do século XX.

É sabido que os primeiros computadores surgiram por volta da metade da década de 1940 nos Estados Unidos e na Inglaterra. Como grandes máquinas de calcular, foram primeiramente destinados a cálculos científicos militares, mas logo tiveram seu uso ampliado para o setor empresarial, industrial e acadêmico (Lévy 1999). O desenvolvimento do microprocessador nos anos 1970 proporcionou a criação do computador pessoal, o que veio a ampliar as possibilidades de uso da informática de forma nunca antes imaginada. Para Lévy (1999), é nesse momento que o computador deixa de ser um processador de dados para se tornar um instrumento de criação (e aqui está incluída a comunicação, uma vez que ela se dá através da criação de textos), de organização, de simulação e de diversão.

O que possibilitou a comunicação humana por meio de computadores foi a integração de máquinas via rede, fato ocorrido nos meados da década de 1960. Essas redes foram criadas a partir de pesquisas feitas principalmente pela ARPA (*Advanced Research Projects Agency*), agência do Departamento de Defesa norte-americano, que desenvolveu um sistema capaz de conectar computadores geograficamente distantes através de um conjunto de programas denominados protocolos TCP/IP¹. Para atender a objetivos militares, criou-se uma rede sem centro, quebrando o tradicional modelo de pirâmide

¹ TCP (*Transmission Control Protocol*, Protocolo de Controle de Transmissão) e IP (*Internet Protocol*) são “protocolos”, ou seja, um conjunto de regras que, mediante sinais de controle, possibilita a comunicação entre computadores através de transmissão ou recuperação de dados.

(conectado a um computador central), permitindo que todos os pontos (nós) tivessem o mesmo *status* (Rheingold 1993).

Em 1969, quando a primeira conexão foi realizada, havia quatro pontos interligados na rede denominada ARPANET². Em 1971, havia menos de vinte junções de redes locais (Sterling 1993). A tecnologia desenvolvida - embrião da Internet - embora usada inicialmente para transferir dados e programas, logo se tornou meio de comunicação interpessoal entre cientistas, acadêmicos, e usuários comerciais. Já no segundo ano de operação da rede, os pesquisadores descobriram que ali estava uma forma de correio eletrônico extremamente rápida e confiável. Sterling (1993:2) afirma que:

Pesquisadores estavam usando a ARPANET para colaborar em projetos, trocar observações sobre o trabalho, e eventualmente, para fofocar e bater-papo. As pessoas possuíam suas próprias contas pessoais nos computadores da ARPANET, e seus próprios endereços de correio eletrônico. Eles não só estavam usando a ARPANET para comunicação pessoa a pessoa, mas estavam muito entusiasmados com esse serviço em particular -- bem mais entusiasmados do que estavam com a computação de longa distância³.

A estrutura descentralizada da ARPANET facilitou sua expansão durante os anos 1970. Qualquer máquina que usasse o protocolo TCP/IP poderia se conectar à rede de computadores, mas a ARPANET, já no início da década de 1980, tornou-se apenas uma das redes conectadas, vindo a se extinguir formalmente em 1989. Nesse ponto, a complexa rede mundial de computadores que havia se formado já era conhecida como Internet: a rede das redes, uma "interconexão de redes locais (LANs: *local area networks*), regionais e internacionais, sem controle central e sem limites quanto a sua extensão ou tamanho" (McCleary 1996:6).

² ARPANET (*Advanced Research Projects Agency Network*) é a Rede de computadores da Agência de projetos de pesquisa avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

³ A tradução de todos os textos em inglês no original é de minha responsabilidade.

Entre 1990 e 1997, uma equipe de pesquisadores na Suíça desenvolveu a *World-Wide Web*, um sistema de hipermídia para a recuperação de informações através da Internet, que propiciou uma verdadeira revolução no sistema de comunicação digital (Lévy 1999). Vários fatores contribuíram para o sucesso da World-Wide Web, entre eles está o fato de que a criação e distribuição de mídia se tornaram extremamente fácil, possibilitando aos internautas se comunicarem com pessoas interconectadas à rede, mesmo que estejam localizadas em lugares distantes. A Web também criou uma forma de homogeneização das formas de tratamento da informação que permite que novos servidores sejam facilmente integrados, além de fazer uso de regras consistentes que tornam fácil a “navegação”, mesmo para quem tenha pouco conhecimento técnico.

Talvez por essas razões apontadas acima, o número de usuários da Internet cresce de forma exponencial a cada dia, o que torna difícil apontar com precisão o número atual de usuários. Afirma-se, no entanto, que tal número superou a marca dos 500 milhões de usuários em nível mundial em 2001, e que chegou a 580 milhões em maio de 2002 (Nua 2002).

No Brasil, a inauguração oficial da rede se deu em 1989 por iniciativa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Em 1991, com a implantação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), o número de conexões se expandiu no meio acadêmico-científico e, quatro anos depois, uma portaria conjunta do Ministério das Comunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia liberou a operação comercial da Internet no país, criando os Provedores de acesso privado. A partir de então, qualquer indivíduo com um computador pessoal e uma conexão telefônica poderia obter conexão à rede internacional.

1.2. A participação feminina na Internet

Em um estudo patrocinado pela Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Mapa da exclusão digital" (Neri 2003), afirma-se que, de acordo com o PNAD 2001 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, levantada pelo IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 12,46% dos brasileiros têm, em seus domicílios, acesso a computador e 8,31% acesso à Internet (2003:27). Aproximadamente 14,5 milhões de brasileiros com acesso domiciliar à Internet é também o que calcula o Instituto Ibope E-rating, em 22/07/2002.

Ainda segundo Néri (2003:33), 52,04% da população com acesso à Internet são mulheres, índice similar ao percentual de mulheres na população total. No entanto, o fato de que as mulheres possuem "mais atributos positivamente relacionados com acesso à informática" (2003:33) - em especial um nível de escolaridade superior ao dos homens - leva os analistas a supor que, no geral, o nível de participação de usuários do sexo feminino seria maior. O que concluem, no entanto, é que, quando as demais características consideradas são idênticas (faixa etária, nível de instrução, raça, posição na família, entre outras), a chance de um homem possuir acesso à Internet é 11% maior do que a de uma mulher e afirmam que, como as mulheres brasileiras têm nível de instrução superior ao dos homens, "era de se esperar um maior, e não igual, grau de inclusão digital, configurando uma brecha digital condicionada entre os sexos" (p. 33).

Os motivos que levam a essa diferença na participação feminina são vários, e serão apontados abaixo, mas de toda maneira confirmam a idéia de que a tecnologia não existe em um sentido a-social, mas é refletida nas práticas sociais. Balka (s/d) afirma:

A tecnologia é, (...) um produto cultural. (...) São os indivíduos e as forças sociais que moldam e criam a tecnologia; os produtos tecnológicos por um lado trazem a marca de seu contexto social e por outro reforçam aquele contexto. A tecnologia é constituída ao mesmo tempo em que constitui relações sociais. (Balka s/d:serial)

Também a relação entre os seres humanos e as formas de tecnologias é construída socialmente. As mulheres sempre foram usuárias de tecnologia; vale lembrar que, na Revolução Industrial, eram as mulheres que trabalhavam nos teares; tomando o século XX e mencionando somente os papéis mais geralmente relacionados às mulheres, temos as donas-de-casa, usuárias de eletrodomésticos diversos, as secretárias, que utilizavam uma gama de máquinas de escritório; as telefonistas; as costureiras, entre tantas outras. No entanto, essas máquinas cujas tecnologias as mulheres dominam não são consideradas tecnologicamente avançadas, uma vez que a sociedade patriarcal valoriza o tipo de tecnologia usualmente relacionada aos homens, como automóveis e motores em geral. Da mesma forma, é o domínio das técnicas de processamento de dados e da tecnologia do *hardware*, extremamente valorizado, que é relacionado ao universo masculino.

Paul Edwards, em um artigo sobre a relação entre computadores e a política de gênero, afirma que os computadores "criam e reforçam meios de pensar, sistemas de interação e ideologias de controle social" (Edwards 1990:102). Uma das explicações para o menor acesso das mulheres aos computadores é que o projeto e a produção da tecnologia da informática foram e são dominados por homens⁴. Daí resulta a crença de que essa tecnologia reflete valores tradicionalmente masculinos e que a interação entre seres humanos e computadores é estruturada sob esse viés. Assim, as mulheres teriam dificuldades em se relacionar com a informática; uma vez que essa não reflete sua forma de experimentar o mundo. É óbvio que não há, nos computadores, nenhum aspecto inerentemente masculino, mas não se pode negar que a tecnologia de processamento e funcionamento dos computadores se baseia na racionalidade, linearidade, objetividade, etc.,

⁴ Há autores que afirmam que a contribuição das mulheres para a ciência da computação, apesar de não documentada e divulgada, se deu em diversos campos. O artigo de Vanberg (s/d) apresenta interessantes colocações a esse respeito.

conceitos estes que são tradicionalmente ligados ao masculino. Como afirma Rajagopalan, "a metafísica da cultura ocidental expõe o logocentrismo e o falocentrismo como duas faces da mesma moeda" (Rajagopalan 2002a:12), e o homem, desde sempre associado à razão, acaba levando vantagem.

Edwards (1990) nos lembra ainda a relação entre a ciência da computação e o Exército norte-americano, e afirma que ela é "conceitualmente movida pelos enigmas tecnológicos e estratégicos que os militares proporcionam" (p.115). Tal fato também contribui para que a tecnologia seja percebida como pertencente à esfera masculina, uma vez que o Exército está intimamente relacionado com o discurso do masculino. Para Edwards, essas atitudes são uma reação compreensível a um discurso dominante propagado pela mídia e por círculos profissionais que resulta de uma combinação complexa do "discurso da ciência da computação, da cultura das engenharias e da ligação simbólica entre a identidade masculina e o exército" (p. 103).

Considerando-se outras sociedades ocidentais, além de argumentos de ordem cultural, existem outras barreiras dificultando o acesso das mulheres aos computadores e à Internet. Entre elas, há a falta de treinamento técnico, já que só muito recentemente as mulheres começaram a ingressar em carreiras técnicas⁵; a menor quantidade de tempo que as mulheres têm para o lazer (quando poderiam querer explorar a Internet), uma vez que enfrentam jornadas duplas ou triplas de trabalho; e o menor acesso a recursos econômicos para aquisição de *hardware*, pagamento de mensalidade aos provedores de acesso, etc.,

⁵ Na Conferência de Pequim, realizada em 1995, constatou-se que a participação feminina nas áreas de ciência e tecnologia não evoluiu e, em alguns casos, houve retrocesso se comparada a 1985, uma vez que não supera os 35% em níveis de baixa responsabilidade, alcançando 5% ou 10% em postos de gerência.

devido ao fato de que, como já está comprovado em diversos estudos, o salário das mulheres é, em média, 40% mais baixo que o dos homens, exercendo a mesma função⁶.

Sendo assim, o fato de que cada vez mais aumenta a participação das mulheres na Internet demonstra que as mulheres estão quebrando mais uma série de obstáculos na conquista de novos espaços para si fora do espaço doméstico, da mesma forma que ocorreu (e ainda ocorre) na conquista do trabalho remunerado, da participação nas artes, na política, etc. Demonstra também que a pretensa relação negativa entre as mulheres e os computadores pode ser reconstruída, uma vez que é parte de um sistema econômico, social e cultural historicamente constituído. Com isso, é de se supor que novas possibilidades de ser mulher (assim como ser homem) se apresentem⁷. Investigar essas novas possibilidades é o que me proponho nos próximos capítulos desta tese.

A seguir, passo a uma caracterização da comunicação mediada por computador como uma forma de comunicação que se distingue das formas tradicionais tanto em termos do meio de comunicação quanto de seu modo, explicitando alguns fatores que a tornam única.

6 Considerando todos os trabalhadores, foi constatado que o salário médio das mulheres, em 1983, representava cerca de 52% do salário dos homens e, em 1993, essa participação subiu para 63%. Considerando os trabalhadores com baixo nível de escolaridade, o salário das mulheres, em 1983, representava apenas 43% do salário dos homens e, em 1993, representava 52%. (Barros et al, 1997)

⁷ E aqui “ser mulher” e “ser homem” são entendidos como construções de gênero, a ser explicitado nos capítulos seguintes.

1.3. Características da comunicação mediada por computador (CMC)

Primeiramente, é bom lembrar que a comunicação mediada por computador não é uma forma única e homogênea de comunicação, uma vez que as necessidades de comunicação de vários tipos de público com objetivos diferentes (comercial, acadêmico, social, etc.) deram origem a vários gêneros textuais dentro da comunicação mediada por computador. Sendo assim, surgiram as *web pages*, o correio eletrônico (*e-mail*), os fóruns ou listas de discussão, os sistemas de mensagem eletrônicas (ICQ⁸, Yahoo messenger), os MUD's (*Multi user dungeons*), as salas de bate papo (*chats*), as videoconferências, entre outros. Farei uma breve exposição do que diferencia esses gêneros textuais em relação a outras formas de comunicação mais tradicionais, assim como as semelhanças e diferenças entre eles.

A comunicação mediada por computador se dá, como já foi dito anteriormente, através do meio eletrônico, mais especificamente, de terminais de computadores interligados em rede. No entanto, é importante notar que o discurso mediado por computador ou "discurso eletrônico", resultante da CMC, não é simplesmente um texto escrito distribuído por meio eletrônico. O terminal de computador proporciona um meio de comunicação distinto, que se aproxima e se distingue tanto da escrita (meio impresso) como da fala (interação face a face).

⁸ ICQ, acrônimo de *I seek you* ("Eu procuro você" em inglês) é um software que permite enviar mensagens em tempo real, localizar usuários, identificar se a pessoa procurada está conectada, fazer transferências de arquivos e iniciar *chats* com dois ou mais participantes. É um dos programas de maior sucesso na Internet, com mais de 10 milhões de usuários.

O discurso eletrônico vale-se da escrita, ou seja, de uma linguagem que é digitada por um dos interlocutores e visualmente apresentada na tela do computador, mas não se limita a características dessa modalidade, uma vez que pode também assumir formas que mais se assemelham ao discurso oral face a face. O discurso produzido nas salas de bate-papo on-line (*chats*), por exemplo, se aproxima muito da interação oral face a face, por ter caráter essencialmente dialógico e desenvolver-se por meio de turnos (embora com características próprias). Hilgert (2001) o coloca mais próximo do texto oral prototípico (conversa informal face a face) no *continuum* entre fala e escrita em que se distribuem os gêneros textuais (Marcuschi 1997), embora seja realizado por escrito. No caso do *e-mail*, Alves (2001) afirma que "tem inúmeras características que o relacionam ao texto falado" (2001:142), mas considera mais lícito considerá-lo uma forma híbrida, uma vez que:

No *corpus* examinado, encontramos um bom número de *e-mails* com características tradicionalmente associadas à modalidade escrita (utilização de uma sintaxe organizada, ausência de "erros", utilização de termos da língua padrão (...)) (2001:143)

Alves, entretanto, não considera que o *medium* eletrônico seja um fator preponderante na configuração formal do texto, ao contrário de diversos outros autores que entendem que o fato de o discurso ser produzido e distribuído por meio eletrônico deixa marcas na composição e organização do texto, um fenômeno que é denominado "efeitos do meio" (Cherny 1999; Crystal 2001; Herring 2001). Dentre as características distintivas do meio eletrônico citadas por esses autores, relaciono:

a) as trocas de mensagens se dão de forma mais rápida que na modalidade escrita, comparando-se, por exemplo, o envio de *e-mails* com o de cartas através dos correios tradicionais; e mais lentas que na modalidade oral, uma vez que, mesmo

nas conversas em tempo real (como as que ocorrem nas salas de *chat*), as pessoas não digitam tão depressa quanto falam (Herring 2001);

b) o meio eletrônico permite que vários interlocutores se comuniquem simultaneamente, (forma denominada “*todos-todos*” (Lévy 1999) e explicitada abaixo), em número muito superior ao possível através de outros meios;

c) o caráter “público” da rede permite que leitores desconhecidos e não relacionados ao autor ou ao assunto leiam mensagens que seriam, a princípio, “privadas”, ou seja, endereçadas a determinados destinatários (Herring 2001).

d) os indivíduos têm a possibilidade de interagir com outros sem revelar dados pessoais ou biográficos, uma vez que em vários ambientes virtuais as pessoas são identificadas apenas por um *nickname* (apelido) ou *username* (nome de usuário) que pode não oferecer “pistas” para sua identificação (como nome, endereço, profissão, etc.). Soma-se ainda o fato de que, na maioria das vezes, o fato de a interação se dar através de mensagens escritas impede que os interlocutores tenham contato visual que, nos dizeres de Goffman (1959) “emitem” (*give-off*) diversas informações sobre sexo/gênero, raça, idade, etc.

e) as mensagens são trocadas de forma unidirecional, ou seja, a informação transita por uma via apenas, o que não permite que o destinatário faça comentários ou envie *feedback* durante o tempo em que o texto esteja sendo construído. Salvo em poucas modalidades de CMC, em que a comunicação se dá em duas vias, a mensagem só é enviada quando o autor aciona a tecla “*enter*”, e não na medida em que vai sendo

digitada. Outra consequência da unidirecionalidade da comunicação é que não há simultaneidade ou sobreposição de "vozes" que caracterizam a interrupção e tomada de turno, tão comum na comunicação face a face.

Concordo com Crystal (2001) para quem a CMC abre espaços discursivos para a emergência de novas formas textuais, nas quais novas identidades são construídas e projetadas a novas audiências, de acordo com as restrições e possibilidades oferecidas pelo meio eletrônico.

Quanto ao "canal", a comunicação mediada por comunicação através de textos se caracteriza por disponibilizar a informação somente através do canal visual, ao contrário da comunicação face a face, em que os três canais (visual, auditivo e tátil) são utilizados. Isso não significa, no entanto, que a interação seja prejudicada, como alguns acreditavam, uma vez que as pessoas se adaptam, compensando textualmente a falta de elementos visuais e auditivos. O uso de "emoticons"⁹, aparecimento de pontuação exagerada, uso excessivo de maiúsculas, entre outros, são formas de adaptação ao meio eletrônico. A introdução de novos programas que proporcionam a utilização de áudio (assim como de vídeo) integra o canal auditivo, e pode ser observado, por exemplo, em algumas *web pages* que apresentam fundo musical.

Quanto aos gêneros textuais, é correto afirmar que diferentes configurações de "parâmetros de interação" (McCleary 1996:8) proporcionam diferentes gêneros de CMC: *e-mails*, *bate-papos*, *web-pages*, *blogs*¹⁰, listas de discussão, etc. Cada uma desses gêneros

⁹ *Emoticons* são os símbolos gráficos gerados por uma combinação expressiva dos caracteres do teclado do computador. São utilizados pelos usuários para representar expressões faciais e exibir emoções, como por exemplo ☺ ☹ que representam, respectivamente, alegria e tristeza.

¹⁰ *Blogs*, ou *weblogs* ("arquivos na rede") são diários pessoais digitais, "um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela Internet" (Komesu, 2004)

tem uma história definida e uma "cultura" que os distinguem dos demais. Definirei esses gêneros em termos dos seguintes parâmetros:

a) número de participantes: A CMC permite que a comunicação envolva dois ou mais participantes, que se relacionam de três formas: *um-um* em que há uma relação recíproca entre dois participantes como por exemplo nos casos de trocas de e-mails pessoais; *um-todos* forma tradicionalmente ligada à imprensa, rádio e televisão em que um centro emite mensagens a um grande número de interlocutores que, no entanto, são considerados passivos; e *todos-todos* ou *muitos-muitos*, um sistema original propiciado pelo meio eletrônico. Segundo Lévy (1999), esse tipo de interação se dá quando, por exemplo, em uma comunidade ou grupo de discussão, os textos são enviados a todos os outros membros e podem ser respondidos e comentados por qualquer um deles, propiciando assim uma construção conjunta e cooperativa de um determinado saber.

b) direcionalidade: relaciona-se à possibilidade de envio simultâneo de "feedback" por parte do destinatário da mensagem. No caso da CMC, quando a comunicação se dá de forma *unidirecional* o texto é transmitido como uma unidade; o autor necessita pressionar a tecla "*enter*" para que a mensagem seja enviada, o que impede que o leitor/ouvinte faça comentários no processo de elaboração da mesma. Como consequência, há menos interatividade. Na comunicação *bidirecional*, por outro lado, há forte interação entre os participantes que ora são falantes/autores, ora são ouvintes/leitores, como na interação face a face. A maioria das formas de comunicação mediada por computador, atualmente, se dá de forma *unidirecional*, o que impede que o leitor/ouvinte emita sinais, ou *feedback* instantâneo. Já a

comunicação bidirecional permite que ocorram processos complexos de interação entre os participantes, uma vez que o texto pode ser co-construído pelos participantes na medida em que vai sendo produzido. Algumas formas de bate-papo eletrônico oferecem a possibilidade de a comunicação se dar de forma bidirecional, como é o caso de um tipo *software* de mensagem instantânea em que cada tecla digitada pelo autor aparece na tela do computador do destinatário, que tem assim a possibilidade de enviar comentários na medida em que for lendo o texto.

- c) **sincronicidade:** existem dois tipos possíveis de comunicação em função da variável tempo: comunicação síncrona ou assíncrona. Na comunicação **síncrona**, os interlocutores trocam informação em tempo real, por estarem conectados simultaneamente à mesma rede. As mensagens são assim recebidas e respondidas de forma contínua, durante uma mesma sessão, e são consideradas efêmeras, já que em sua maioria não ficam armazenadas nem gravadas, mas "passam" pela tela de forma contínua. Um exemplo típico de comunicação síncrona é a que ocorre nas salas de bate-papo on-line ou *chats*. A comunicação **assíncrona**, ao contrário, acontece quando o envio e o recebimento da informação se dão em instantes independentes. As mensagens ficam armazenadas nas "caixas postais" dos destinatários, ou em determinados *websites* para serem lidas oportunamente, e são normalmente arquivadas para consultas posteriores. É o que se dá tipicamente nas mensagens enviadas por correio eletrônico (*e-mails*), ou para listas de discussão. As *webpages* pessoais também são uma forma assíncrona de CMC, uma vez que a produção e a leitura do texto não se dão em tempo real.

d) acesso: na comunicação mediada por computador temos tipos de ambientes em que a pessoa pode transitar. Existem ambientes fechados como, por exemplo, as redes corporativas ou institucionais, nas quais cada participante é identificado e existem objetivos bem definidos para o grupo, e há os ambientes abertos como a Internet, em que qualquer participante pode atuar sem que seja necessária uma filiação corporativa. Em alguns ambientes da Internet, no entanto, também é necessário que o usuário possua uma senha para poder acessar determinados conteúdos ou ambientes virtuais. As *webpages* analisadas neste estudo são todas de acesso público.

Em algumas modalidades de CMC esses parâmetros se configuram da(s) forma(s) mostradas na tabela 1 abaixo:

Tabela 1:

Modalidade	Número de participantes	Sincronicidade	Direcionalidade	Acesso
<i>e-mail</i> pessoal	Um-um, um-muitos	assíncrono	unidirecional	fechado
Listas de discussão	muitos-muitos	assíncrono	unidirecional	aberto ou fechado
Salas de batepapo	um-um, um- muitos,	Síncrono	unidirecional	aberto
ICQ	um-um	síncrono	unidirecional ou bidirecional	fechado
Web Pages	um-muitos	Assíncrono	unidirecional	aberto

Tabela 1: parâmetros de interação em algumas modalidades de CMC

Há também outras características do meio que influenciam na forma e uso do discurso eletrônico; segundo Cherny (1999) são elas: a) "granularidade" da mensagem, referindo-se aos limites impostos pelo software quanto ao tamanho da mensagem; b) possibilidade de armazenamento da mensagem e facilidade com que ela pode ser acessada para futuras consultas, e c) características da interface que podem permitir efeitos de interação espacial, muito além da simples troca de áudio e vídeo.

1.4 Ciberespaço, mundo virtual e mundo real

O escritor William Gibson, a quem se atribui a criação do termo “ciberespaço” no romance *cyberpunk* “Neuromancer” (Gibson 1984), concebia-o como um espaço fora do mundo corpóreo: uma "alucinação consensual vivida por bilhões de operadores" (p. 67) a que as pessoas se conectam através de "chips" implantados no cérebro. O ciberespaço de Gibson é um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores, através das quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulam.

O termo ciberespaço, no entanto, há muito saiu das páginas de ficção científica e entrou na fala das pessoas para designar o “mundo digital” constituído pelas redes de comunicação global, em especial à Internet. Nesse sentido, é utilizado como metáfora para descrever o terreno não físico criado por sistemas de computadores. Sistemas *on line*, por exemplo, criam um ciberespaço no qual pessoas podem se comunicar, fazer pesquisas, jogar, etc.

O ciberespaço a meu ver não se constitui como espaço fora do “mundo real”; pelo contrário, a cada dia mais, torna-se parte integrante dele. Entendo o ciberespaço como espaço de interação, que pode ser usado por pessoas “reais” para – entre outras coisas - se comunicarem com outras pessoas “reais”. Diversos autores que exploraram a relação entre o ciberespaço e a vida cotidiana concluíram que os usuários da comunicação mediada por computador sentem que as atividades que desempenham on-line fazem parte de sua vida “real” tanto quanto as outras desempenhadas fora da tela (Jones 2004).

Dessa forma, não considero que exista um espaço irreal (“mundo virtual”) no qual os indivíduos, ao se apresentarem em suas páginas pessoais, ao participarem de jogos on-line ou ao discutirem tópicos de seu interesse em fóruns de discussão on-line, participem de um mundo virtual que não interaja ou negocie com aspectos da vida real. Acredito que, ao

considerar como dicotômicos os mundos real e virtual, perdemos de vista como o ciberespaço e a vida cotidiana (real?) estão inextricavelmente interligados. Não há como traçar uma linha clara de separação entre o virtual e o real, uma vez que os próprios participantes muitas vezes se vêem como uma mistura de suas identidades dentro e fora da rede. Jones afirma:

Quase todos os estudos que examinaram em detalhe este relacionamento [mundo real x mundo virtual] afirmam que a grande maioria das pessoas que se engajam na comunicação mediada por computador a considera como uma extensão (McLuhan 1994) de suas interações sociais da “vida real” e não como separada dela, e que, ao contrário de levar os usuários ao “ciberespaço”, o efeito da CMC mais freqüente é o de ligá-los mais firmemente a suas comunidades e circunstâncias materiais existentes (2004:24).

Como veremos no capítulo 4, diversas autoras das *web pages* analisadas afirmam que criaram suas páginas pessoais por motivos bem “reais”: atender um requisito de um curso de informática, disponibilizar material de pesquisa para alunos, compartilhar piadinhas e poemas com pessoas de seu círculo de amizade já existente. Até mesmo quando o interesse é conhecer pessoas e fazer amigos, uma das autoras se preocupa com a questão do espaço, uma vez que não quer simplesmente uma “amizade virtual”. Na *web page* 19 do *corpus* há a seguinte afirmação:

Eu fiz este site aqui para conhecer pessoas independente do sexo ou da idade. Quero fazer amizades, **conhecer pessoalmente é claro**...Prefiro pessoas aqui de Poa ou redondezas pois quero sair e tudo mais...Se vc for lá do México vai ser difícil, hehehehehe! (grifo meu)

A autora, embora ciente da possibilidade que a Web oferece de contato com pessoas de qualquer parte do planeta (“Se vc for lá do México vai ser difícil”), se interessa a princípio em conhecer pessoas *daqui* (“Poa”) por que quer *sair e tudo mais*. É evidente aqui que a comunicação eletrônica funciona como uma nova possibilidade de socialização, mas que,

para a autora, não se coloca fora de sua vida cotidiana, a que normalmente é referida como “vida real”.

No restante do presente capítulo, passo a um estudo mais detalhado das *webpages* pessoais, por ser esta modalidade de CMC a que escolhi como espaço de análise das construções de identidades femininas no discurso eletrônico.

1.5. As *web pages* pessoais

Tecnicamente, um *website*, também denominado em português “*web-site*” ou simplesmente “*site*”, são documentos gerados em um computador individual capazes de ser transferidos e apresentados através de *browsers*¹¹, utilizando um dos formatos padrão (HTML¹²). São identificados por um endereço particular, ou URL¹³, podendo conter um número quase ilimitado de páginas de dados (Crystal 2001)¹⁴. O que se denomina *web pages* ou *homepages* pessoais ou ainda “páginas pessoais” são assim o *web-site* de um indivíduo que contém informações pessoais sobre ele. Apesar de a expressão “*homepage*” referir-se à primeira página de um *web-site* (a que contém uma espécie de índice), todo o conteúdo, ou seja, todas as outras páginas que estão ligadas através de *hiperlinks*¹⁵ a essa

¹¹ *Browser* é “um programa usado para ver páginas disponíveis na WWW (World Wide Web). Interpreta as informações de um *site* indicado, exibindo na tela do computador textos, sons, imagens, etc.” (Sawaya 1999: 59)

¹² HTML (Hypertext Markup Language) *Linguagem de marcação de hipertexto* “é uma linguagem que permite criar programas que trabalham com textos e imagens numa mesma tela simultaneamente”. (Ibid. p. 220)

¹³ URL (Uniform Resource Locator) *Localizador Uniformizado de Recursos* “é uma forma padronizada de se especificar o endereço de qualquer recurso, site ou arquivo existente em um servidor da WWW (World Wide Web). Em outras palavras, é o endereço de um site da WWW na Internet.” (Ibid. p. 490)

¹⁴ Sawaya define o *website* como sendo “um grupo de documentos HTML (*Hyper Text Markup Language*) que cobre um ou mais tópicos relacionados, com arquivos, *scripts* e bancos de dados associados, e que é publicado por um servidor HTTP (*HyperText Transfer Protocol*) da *World Wide Web*. Os documentos HTML de um *site* da Web são, geralmente, interligados por meio de hiperlinks. A maioria dos *sites da Web* tem uma *homepage* no seu início, que frequentemente funciona como um índice do site.” (Ibid. p. 508)

¹⁵ Hiperlink ou link é “uma conexão eletrônica em um documento HTML que conduz para outra localidade (*site*) da WWW, ou a outra localidade dentro do mesmo documento. É normalmente uma frase ou palavra (podendo também ser uma figura), sublinhada ou mostrada em uma cor diferente do texto que a envolve, que recebe cliques para efetuar a conexão” (Ibid. p.220)

homepage formam as *homepages* pessoais. A seguir, a título de exemplificação, apresento a primeira página de uma das *web pages* (WP 24¹⁶) de *corpus*. Nela, há na parte superior uma lista de *hiperlinks* para as outras páginas (*Principal, Links, Fotos, Pessoal, Pink e Cérebro, Tom Cruise, Guestbook*) que formam a “Home Page da Mariana”. Há também, no texto introdutório, *hiperlinks* que remetem para outros *web sites* da Internet como os da UNEB, BSB Eventos e Correio Braziliense. Vejamos a seguir:



Figura 1: “Home Page da Mariana” (WP24)

Como forma assíncrona de comunicação, as *web pages pessoais* podem ser comparadas às formas tradicionais de mídia impressa, no sentido de que o texto adquire uma semi-autonomia proporcionando uma interatividade com o leitor que independe da presença do autor. Chandler (1998) nos lembra que esse “self virtual” existe desde os primórdios da publicação de textos escritos: já Platão, no *Fedro*, nota essa característica

¹⁶ “WP24” refere-se à forma com que as web-page do *corpus* foram numeradas para efeito de referência.

da tecnologia da escrita, que proporciona às pessoas um encontro com um "self textual" independentemente de um encontro face a face com o autor. E Chandler completa:

O que é novo a respeito desses "selves virtuais" é que eles nunca estiveram disponíveis para tanta gente. Por mais mal interpretados que possam ser, os "selves virtuais" estendem a influência potencial de seu autor tanto no tempo (principalmente livros) quanto no espaço (principalmente a Internet). (Chandler 1998:serial).

Há, no entanto, características que distinguem as *web pages* de outras formas de comunicação escrita, não só pela possibilidade de inclusão de áudio (como um fundo musical, por exemplo, o que acontece em algumas páginas pessoais), mas fundamentalmente por serem as *web-pages* pessoais *dinâmicas*: seus autores podem alterar forma e conteúdo, adaptando-as, refazendo-as, moldando-as às novas necessidades do "eu" que se apresenta. São como versões de uma escrita que nunca está pronta, e que é modificada por um eu que se mostra e se transforma na medida em que o queira; ao contrário de um texto impresso, que está fixo e, muitas vezes, fora do controle do autor (Chandler 1998). A possibilidade de mudança existe também no caso dos livros - em forma de novas edições, ou de revisões - mas a "primeira versão" estará sempre lá, para consulta ou comparação; nas *web pages*, ao contrário, as mudanças ocorrem sem que as versões prévias permaneçam.

Em comparação às interações face a face, as *web pages* também apresentam diferenças. Apesar de serem, em sua maioria, de alguma forma interativas, na medida em que o leitor é constantemente chamado a interagir quer através do envio de *emails*, participação em pesquisas, assinatura no "livro de visitas"¹⁷, o autor, a princípio, desconhece quem serão seus leitores, e por qual/quais motivo/s esses chegarão a sua

¹⁷ Para minha análise da interatividade explícita nas *web pages*, ver capítulo 4.

página. O motivo que me levou às páginas aqui analisadas, por exemplo, foi puramente acadêmico, mas podemos imaginar que outras pessoas possam estar procurando amigos, ou um profissional qualificado, ou uma amante..., e para cada uma dessas situações o autor poderia querer se mostrar de forma diferente. Na conversação face a face, por outro lado, os interactantes – em menor ou maior grau – sabem de que tipo de encontro participam (um encontro comercial, um bate-papo entre amigos, uma consulta médica, etc.) e podem assim determinar dentro de qual “enquadre interativo”¹⁸ ele deve ser interpretado.

Döring (2002), em um artigo em que faz uma revisão dos estudos sobre as *web pages* pessoais, aponta para algumas questões que têm sido feitas e que nos ajuda a entender melhor diversos fatores relacionados com sua produção. Abaixo, relaciono três desses fatores:

Em primeiro lugar, faz-se um levantamento a respeito dos autores dessas *web-pages*. As pesquisas citadas no artigo de Döring indicam que somente 10% dos indivíduos com acesso à Internet têm páginas pessoais, e que eles são, em sua maioria jovens, do sexo masculino, com um nível de experiência com a Internet acima da média (Miller e Mather 1998; Döring 2002). Embora não haja no Brasil estudos semelhantes, uma busca rápida em um diretório de *web-pages* pessoais (como, por exemplo, no *site* www.yahoo.com.br) é suficiente para nos mostrar que o número de páginas cujos autores se apresentam como homens é muito superior ao de mulheres. Quanto à idade, também encontramos uma predominância de jovens, principalmente estudantes universitários, que são os que mais possuem acesso à Internet e conhecimento da tecnologia necessária ao desenvolvimento de uma *web-page*.

¹⁸ A noção de enquadre interativo refere-se à “definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento, ou gesto) poderia ser interpretada” (Tannen e Wallat 2002[1987]: 188).

Em segundo lugar, sendo um tipo de comunicação em massa, ou seja, um-muitos, procura-se investigar para quem essas páginas pessoais são criadas. Döring cita um estudo (Buten 1996) que aponta para uma audiência bastante heterogênea que vai desde os mais próximos (família e amigos), passa pelos conhecidos do "mundo virtual", colegas de trabalho, pessoas que partilham dos mesmos interesses e alcança os desconhecidos internautas que chegam até a página por motivos diversos. Todavia, para Döring, os autores, embora cientes da possibilidade de comunicação “em massa”, preocupam-se mais com as pessoas de seus círculos de conhecimento mais íntimos do que com "internautas" abstratos.

Em terceiro lugar, alguns autores consideram por quais motivos as pessoas constroem páginas pessoais. Döring encontra uma diversidade de motivos, sendo o principal deles a comunicação inter e intrapessoal: a necessidade de se expressar, de construir um "eu virtual", não é menos importante do que a necessidade de conhecer outras pessoas, de fazer contato com outros. Outras razões também concorrem para a criação das *web pages* pessoais citadas são: testar a capacidade de criação e de conhecimento técnico do autor, criar um *locus* virtual que reúna todos os *links* favoritos do autor, facilitando assim a tarefa de navegação e atender ao requerimento de um curso ou disciplina que está sendo cursado. Como será mostrado no capítulo 4, esses também são os motivos apresentados pelas autoras das *web pages* analisadas.

Um outro aspecto das *web pages* apontados em alguns estudos é que elas tendem a oferecer um retrato mais realista de seu autor se comparado a outras formas de CMC, como os jogos em realidade virtual (MUDs). Chandler (1998) afirma: “os laços sociais presentes nas *home pages* pessoais (sem os quais não poderiam ser reconhecidas como *home pages* pessoais) tenderiam a tornar difícil a sustentação de identidades assumidas”. Dessa forma, não é de surpreender que, em um estudo citado por Döring (Buten 1996), 91% dos

entrevistados considerem suas próprias páginas como "confiáveis" e 71% façam o mesmo julgamento das páginas alheias.

Para finalizar este capítulo, exponho a seguir a forma com que os dados desta pesquisa foram coletados e discuto algumas questões éticas relativas à pesquisa com seres humanos no mundo virtual.

1.6 Questões metodológicas e éticas.

As *web-pages* foram por mim colecionadas ao longo do ano de 2003, nas diversas vezes em que "navegava" pela Internet na busca de material para minhas pesquisas. A princípio, o único critério que seguia era o de que as páginas fossem escritas por mulheres (e aqui o termo "mulheres" deve ser entendido como "indivíduos que se apresentam como mulheres") e que contivessem algum tipo de relato sobre a pessoa.

As páginas que mais me interessavam eram aquelas que pareciam ter sido elaboradas pelas próprias pessoas, e não por um *web-designer* profissional. Essas páginas são, normalmente, hospedadas nos grandes portais da Internet, como UOL, Terra, IG, Yahoo, entre outros, que oferecem um determinado "espaço" (em megabytes) para que seus assinantes hospedem suas páginas pessoais. Além do espaço, os portais oferecem também informações detalhadas de "como criar sua home-page", oferecendo modelos de páginas, que podem ser adaptados ao gosto da pessoa (através de inserção de figuras ou fotos, de som, troca das fontes ou cores no fundo, etc.)¹⁹. Como garantem os portais, o "internauta" que queira ter uma *web page* não precisa ter qualquer conhecimento de programação de

¹⁹ O portal do UOL, por exemplo, oferece instruções detalhadas para que o usuário monte sua própria página (<http://noticias.uol.com.br/mundodigital/beaba/homepage/simples.jhtm>), e oferece também uma forma mais fácil de elaboração de *web pages*, a partir de uma página padrão (http://sites.uol.com.br/editor_facil.htm)

computadores, pois tudo se dá de forma rápida e sem complicação: “*Faça sua página pessoal em poucos minutos. Basta escrever um pouco sobre sua vida e seus interesses*”²⁰.

Um outro critério que utilizava era que as páginas tivessem um caráter "pessoal", ou seja, que não se limitassem a uma apresentação do trabalho da pessoa (em forma de *curriculum vitae*), ou que contivessem somente informações e textos relacionados a alguma atividade profissional, mas que nelas as autoras discorressem sobre seus gostos e preferências, a família, os amigos, e outros aspectos de suas vidas. Seguindo os critérios acima, coletei 54 páginas pessoais, que foram gravadas em CD-ROM e também impressas para a pesquisa.

Em nenhum momento as informações obtidas nas *web pages* foram verificadas, visando a constatar se aquela pessoa que ali se apresentava existia, com tais características, na "vida real". Interessava-me conhecer as formas de construção discursiva dos sujeitos como mulheres, ou seja, quais estratégias lingüísticas e discursivas eram atualizadas nos discursos para, juntamente com outros signos, significar uma mulher, brasileira, com acesso a computador, no início do século XXI.

Como é recente a pesquisa científica com dados coletados na Internet, não há, no meio acadêmico nem na legislação vigente, um conjunto estabelecido de normas éticas que deverão ser seguidos pelos pesquisadores. Em um relatório sobre os aspectos éticos e legais da pesquisa com seres humanos na Internet, publicado pela *American Association for the Advancement of Science*²¹ são apontados três fatores que diferenciam, para considerações éticas, a pesquisa feita na Internet de outra feita em outros ambientes, uma vez que dificultam a comunicação entre o pesquisador e os informantes: a distinção não

²⁰ http://sites.uol.com.br/editor_facil.htm

²¹ Frankel, Mark S. e Sanyin Siang. “Ethical and legal aspects os human subjects research on the Internet. A report of a workshop”, Washington, 1999. Texto disponível em <http://www.aaas.org/spp/dspp/sfirl/projects/intres/main.htm> [24/02/2003]

muito clara entre o domínio público e o privado; a facilidade de comunicação de forma anônima ou por pseudônimo e o acesso fácil e global.

De maneira geral, não é esperado que um pesquisador obtenha o consentimento informado dos sujeitos de sua pesquisa quando os dados com que trabalha tenham sido coletados em ambiente de domínio público, como televisão, jornal, arquivos públicos, conferências, ou em locais públicos (cf. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde). É sabido também que no “mundo virtual” algumas fronteiras não se encontram claramente demarcadas, principalmente as que separam o espaço público do privado. Dessa forma, alguns pesquisadores consideram o ciberespaço um local de domínio público, uma vez que as *web pages*, os grupos de discussão, ou as salas de bate-papo que observam são acessíveis a qualquer indivíduo, da mesma forma que uma entrevista ou uma discussão em um programa de televisão, por exemplo. Herring (1996) argumenta:

“... é ético coletar dados enquanto o pesquisador estiver “espreitando” [no original “*lurking*”] um fórum de discussões eletrônico? Na medida em que o fórum for aberto ao público, pode-se argumentar que essa prática não se diferencia da coleta de dados através da escuta às escondidas [no original “*eavesdropping*”] de uma conversa em um lugar público, como um restaurante ou um aeroporto” (p. 5)

Há pesquisadores que discordam dessa posição, e argumentam que é preciso conhecer as expectativas que os usuários têm em relação à forma de comunicação em que estão engajados uma vez que, mesmo a informação sendo pública, os participantes podem ter expectativas que suas declarações gozem de certo grau de privacidade. É o que ocorre em diversas listas de discussão, grupos de suporte *on-line*, comunidades virtuais, etc., em que o usuário pode perder a perspectiva de que a Internet é uma forma de comunicação global, e que a participação em um fórum aberto implica falta de privacidade e confidencialidade. Nesses casos seria mais ético considerar os dados como se colhidos em

ambiente privado, sendo indicado ao pesquisador que obtenha o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos participantes, inclusive com assinatura do termo de consentimento informado²².

Seguindo outros pesquisadores, tomei a decisão de considerar o material por mim coletado como sendo de domínio público, uma vez que todas as páginas consultadas são abertas a qualquer pessoa com acesso à Internet. No caso das *web pages* pessoais, o objetivo e a expectativa dos autores é que as informações ali publicadas sejam lidas por qualquer internauta. Há, no entanto, um fator que pode suscitar questões éticas, uma vez que, ao considerarmos as expectativas das autoras quanto a seus leitores e ao suporte de divulgação, não podemos ignorar que houve um deslocamento do espaço virtual para uma tese acadêmica, com um público leitor bem distinto do esperado. Dessa forma, julgo que seria uma violação de confidencialidade e de “anonimato” divulgar dados pessoais (especificamente o sobrenome e o endereço da *web page*) dos sujeitos para outros públicos que não aquele vislumbrado pelas autoras das *web pages* analisadas.

Para garantir o anonimato e a confidencialidade dos dados, ainda seguindo o que tem sido usual nas pesquisas, adotei alguns procedimentos como supressão do sobrenome das autoras, e da não divulgação dos endereços eletrônicos das *web pages* analisadas. Quando as *web pages* são reproduzidas no corpo da tese, as fotografias foram manchadas e foram excluídos quaisquer outros indícios que pudessem levar à quebra de confidencialidade e privacidade, nos termos da Resolução 186-96 (Conselho Nacional de Saúde 1996), levando em consideração as particularidades da comunicação mediada por

²² Nesses casos, pode ocorrer que o pesquisador tenha sérios problemas para conseguir tal consentimento, justamente pelas outras características da CMC que possibilitam que os sujeitos façam uso de pseudônimos de forma que a comunicação pode se dar de forma “anônima”, ou seja, sem que sejam fornecidos dados como nome e endereço para contato .

computador. Julgo, assim, estar agindo de acordo com a ética estabelecida, de forma a garantir a privacidade das minhas informantes.

No próximo capítulo, farei uma revisão crítica dos estudos das relações entre linguagem e gênero na comunicação mediada por computador, buscando construir, para mim e para o leitor, o pano de fundo contra o qual minha análise se realizará.

Capítulo 2 – Linguagem e gênero na comunicação mediada por computador

Como afirmei anteriormente, a comunicação mediada por computador se tornou um *locus* interessante para pesquisarmos as inter-relações entre linguagem e gênero social especialmente por se tratar de uma forma de interação através de textos escritos em que não há uma série de sinais extra-lingüísticos, característicos da comunicação face a face, que nos revelam importantes informações sobre nosso interlocutor no que se refere a gênero, raça, idade, etc. (Goffman 1959)²³. Outra característica distintiva da CMC é a possibilidade que o usuário tem de participar das interações usando *usernames* ou *nicknames* que não necessariamente revelam seus dados pessoais da "vida real" como nome, endereço, título, profissão, etc. O indivíduo está protegido por uma tela de computador, e há pouca possibilidade técnica para que outros descubram informações que não são reveladas através do discurso.

Início este capítulo com uma revisão crítica dos estudos das relações entre linguagem e gênero na comunicação mediada por computador realizados, principalmente no mundo anglo-saxão, desde o final da década de 1980. Tenho por objetivo estabelecer um diálogo com estes textos para, dessa forma, delinear o pano de fundo contra o qual minha pesquisa se constrói. No decorrer da minha leitura desses textos, tornou-se evidente que eles não poderiam estar dissociados de outras pesquisas realizadas na área de linguagem e gênero, um campo de estudos que têm suscitado debates em várias áreas como a lingüística, a antropologia, a sociologia e os estudos culturais, entre outras. Dessa forma, incluí no item 2.2 considerações sobre as relações entre a linguagem e gênero, questionando principalmente duas suposições tácitas: a correlação entre padrões de

23 Para Goffman (1959), a expressividade do self envolve duas atividades simbólicas diversas: a primeira toma a comunicação em seu sentido tradicional e "estrito", ou seja, o que a pessoa fala ou "transmite" (*gives*) sobre si mesma; a segunda, comunicação em um sentido mais amplo, envolve sentidos inferidos, implicados, informações extra-lingüísticas, etc., aquilo que a pessoa "emite" (*gives off*).

comportamento lingüístico e gênero, tida como sendo direta e não-problemática, e a relação entre forma lingüística e função comunicativa, muitas vezes considerada unívoca.

A partir do item 2.3, traço – sempre através do diálogo com outros pesquisadores – um mapa das formas com que as relações entre linguagem e gênero têm sido abordadas na história recente desta área de estudos. Tais abordagens, denominadas “deficiência”, “dominação” e “diferença” são explicitadas nos itens 2.3 e 2.4. Na parte final do capítulo, apresento o que tem sido considerado como um novo paradigma nos estudos de linguagem e gênero, qual seja, tomar a linguagem como o lugar de produção cultural da identidade de gênero, uma vez que a subjetividade é construída discursivamente. No item 2.6, discuto as implicações desse novo paradigma, e aponto para pesquisas que têm sido feitas em comunicação mediada por computador, tomando como perspectiva teórica este novo paradigma.

2.1 Linguagem e gênero na comunicação mediada por computador

A falta de "pistas" extralingüísticas (como vestuário, aparência física, tom de voz, etc.) foi um dos motivos que levou alguns estudiosos a supor que a Internet seria um espaço em que o gênero social e outras diferenças relacionadas ao *status* dos indivíduos seriam neutralizadas, uma verdadeira *ágora* democrática em que os interlocutores, livres de preconceitos de gênero, raça, idade, tamanho, peso, deficiências físicas seriam avaliados somente por suas idéias (Rheingold 1993). Sendo supostamente uma forma de interação sem diferenciação de gênero, acreditava-se que os padrões tradicionais da dominação masculina na comunicação não seriam reproduzidos (Graddol e Swann 1989; Rheingold 1993). Essa visão utópica foi denominada "equalizante" (Rodino 1997) ou "democrática" (Trias 1997).

As primeiras pesquisas em CMC buscavam analisar os estilos feminino e masculino de interação on-line comparando-os com o que já havia sido descrito nas pesquisas de linguagem e gênero em interações face a face (principalmente Lakoff 1975; Tannen 1990; Coates 1993) procurando assim testar a hipótese de uma neutralização dos efeitos de gênero nos ambientes de interação virtual. Em um dos primeiros estudos a focalizar questões de gênero na CMC, Graddol e Swan (1989) concluem que a participação em um teste do sistema de conferência por computador da *British Open University* não reproduziu os "desequilíbrios entre os gêneros" típicos da interação face a face (Graddol e Swann 1989:177): homens e mulheres contribuíram com aproximadamente o mesmo número de mensagens, e as contribuições das mulheres foram tomadas para discussão na mesma proporção que as dos homens. Segundo os autores, os fatores que contribuíram para a democratização foram: o uso de *usernames* (nome de usuário) que não revelavam a identificação dos participantes; a falta de sinais não verbais de diferenciação de *status* (como linguagem corporal e sotaque) e a falta de um sistema hierárquico que poderia conferir a alguns participantes direitos especiais de fala. (Graddol e Swann 1989:176-177).

Graddol e Swan reconhecem que esses resultados não foram reproduzidos quando o sistema foi utilizado por estudantes; ao contrário, as contribuições das mulheres foram em menor número e um pequeno grupo de indivíduos - embora nem todos homens - dominou a conferência. Mesmo assim, os autores se mostraram otimistas com o meio virtual e afirmam que: "uma mudança nas práticas de linguagem e nas relações entre usuários da linguagem pode surgir como produto secundário de uma inovação tecnológica e mudança no contexto comunicativo" (1989:189).

A partir dos anos 1990, com o aumento da participação feminina on-line, as pesquisas sobre linguagem e gênero na CMC levaram os estudiosos a adotar posições mais céticas quanto às possibilidades de democratização e neutralização de gênero deste "novo"

meio, afirmando que, apesar de seu potencial, a comunicação on-line não mitiga os desequilíbrios de gênero. Para a lingüista americana Susan Herring, uma das pioneiras nos estudos de gênero na comunicação mediada por computador, já em 1996: "estudos empíricos recentes de interação mediada por computador sugerem que as diferenças de gênero on-line reproduzem e até mesmo intensificam as diferenças de gênero encontradas na interação face a face" (Herring 1999 [1996]:244). No mesmo ano, Ferris conclui sua análise dos padrões de comunicação utilizados por mulheres em contribuições a um grupo de discussão sobre psicologia, juntamente com uma revisão de outros poucos estudos feitos até então, afirmando que "ao invés de quebrar as barreiras de gênero e de criar maior igualdade, a comunicação on-line freqüentemente reflete os problemas de comunicação de gêneros do mundo cotidiano" (Ferris 1996:37). Kramarae e Taylor, em um artigo centrado nos problemas que as mulheres experimentam ao participar de redes eletrônicas acadêmicas, também afirmam que "apesar de todo potencial que as redes têm para equalizar a influência dos participantes, temos prova que as mulheres estão vivenciando nas redes muitos dos problemas que vivenciamos em outras conversações" (Kramarae e Taylor 1993:54). Alguns desses problemas citados pelas autoras são: os homens monopolizam a fala, as mulheres são vítimas de assédio sexual, a atitude agressiva dos homens faz com que muitas mulheres evitem participar de discussões, entre outros.

Grande parte desses estudos privilegiou os "grupos de discussão" como local de observação dos padrões de comportamento interacional dicotômico entre os gêneros. Esses grupos funcionam como verdadeiros fóruns de discussão, através da troca de e-mails que são enviados para uma central que ou os encaminha para as caixas postais de todos os membros do "grupo", ou os armazena em um *web-site* para serem lidos pelos membros, conforme sua conveniência (forma de CMC assíncrona). Normalmente, têm como foco tópicos específicos de interesse dos participantes e permitem que os usuários expressem

livremente suas opiniões. Os participantes podem se manter apenas como observadores/leitores, não contribuindo para as discussões (comportamento denominado "lurking" no jargão da Internet).

Herring (2000; 2003a) considera um aparente paradoxo essa persistência de desequilíbrios em um meio que, ao menos em tese, oferece a possibilidade de liberação de categorias sociais como o gênero, uma vez que dados biográficos dos participantes não precisam necessariamente ser fornecidos. O que ocorre de fato, segundo a autora, é que, em primeiro lugar, embora teoricamente exista a possibilidade do envio de mensagens "anônimas", a maioria dos usuários prefere utilizar seu nome "real", o que revela, na grande maioria das vezes, o gênero/sexo do participante (Herring, Johnson et al. 1992; Herring 2003a). Em segundo lugar, o gênero dos interlocutores se mantém visível nos ambientes virtuais através de características dos estilos discursivos que "emitem" (no sentido de Goffman 1959) informações sobre o gênero do usuário. As diferenças nos estilos discursivos de homens e mulheres mencionadas por Herring foram descritas na comunicação on-line síncrona e assíncrona, entre outros por Herring 1992, 1993, 1994, 1996, 1999 [1996]; Herring et al. 1992; Herring et al 1995; Cherny 1994; Ferris 1996; Hall 1996. Em recente revisão dos estudos de questões de gênero e poder na CMC, Herring (2003a) lista as características lingüísticas e os padrões de comportamento interacional que sinalizariam o gênero dos autores nas mensagens enviadas a grupos de discussão, enfatizando a consistência com os resultados encontrados nos estudos de interações face a face. Na tabela 2 a seguir, apresento essas características.

Tabela 2

Homens são mais propensos a:	Mulheres são mais propensas a:
Enviar mensagens maiores	Enviar mensagens relativamente menores
Iniciar e finalizar discussões	
Asseverar opiniões de maneira forte, como "fatos"	Qualificar e justificar as suposições
Usar linguagem rude (incluindo insultos e profanação)	
Manifestar orientação "agonística" (<i>adversarial</i>) em relação aos interlocutores, mesmo quando em cooperação	Manifestar orientação "alinhada" em relação aos interlocutores, mesmo quando deles discordam
	Expressar apoio
Preocupar-se menos com a polidez (executar atos de fala ameaçadores da face do interlocutor de forma direta, como criticar e insultar; violar regras de conduta on-line; tolerar e mesmo apreciar o processo de "flaming" ²⁴)	Preocupar-se mais com a polidez (agradecer, elogiar, e desculpar-se; ressentir-se com as violações das regras de conduta on-line)
Preocupar-se com ameaças à liberdade de expressão	Apreciar ambientes virtuais em que as normas da interação são controladas, de forma a manter a ordem e o foco das discussões.

Tabela 2 - Características lingüísticas e padrões de comportamento interacional que sinalizam gênero em listas de discussões e *newsgroups*

Fonte: baseado em Herring 2003a (p. 206-208) que sumariza resultados dos seguintes estudos: Herring 1993; Kramarae e Taylor, 1993; Herring 1994; Sutton 1994 Hall 1996 Herring, 1996; Savicki, Lingenfelter et al. 1996; Smith, McLaughlin et al. 1997; Herring 1999 [1996]

Embora Herring admita em seu próprio trabalho que as diferenças encontradas refletem tendências gerais, e que exceções podem ser facilmente encontradas, ela sustenta que a variável *gênero* "prediz certos comportamentos on-line com maior frequência que o acaso quando consideradas populações agregadas de usuários, controladas as variáveis de idade, tópico, e sincronicidade do meio" (2003a: 207).

²⁴ "*Flaming*" refere-se ao envio de mensagens ofensivas ou insultantes, "contendo alguma forma de crítica direcionada a comentários de outro usuário" (Sawaya 1999: 185).

Nas *web-pages* pessoais, Döring (2002) nota que o gênero é a categoria social mais explicitada, bem mais do que raça ou profissão, por exemplo. Também nessa modalidade de CMC, alguns estudos, muitos deles exploratórios, descrevem diferenças na forma e no conteúdo atribuídas ao gênero do autor. Miller e Mather (1998) analisaram páginas pessoais de 35 homens e 35 mulheres, encontrando "interessantes diferenças de gênero": as páginas das mulheres eram mais longas, continham mais *links*, e demonstravam maior preocupação com o leitor (através do uso de pronomes de segunda pessoa, e outras formas de interatividade). Os autores também encontraram diferenças quanto ao uso de fotos e/ou representações gráficas: as páginas masculinas continham mais imagens "reais" (fotos) do que as femininas, e somente os homens usavam uma forma engraçada ou lúdica de representação (caricatura, personagem de desenho animado, animais, etc.). As formas "simbólicas" (imagens humanas, que não fossem fotos), por outro lado, foram a opção mais comum de mulheres se representarem, e não ocorreram nos *sites* masculinos. Miller e Mather são, todavia, muito cautelosos ao exporem os resultados, uma vez que têm consciência de toda a crítica feminista ao estudo das diferenças entre os sexos/gêneros, e da necessidade da análise dos dados ser feita à luz de uma teoria de gênero (Miller e Mather 1998).

Os estilos característicos de ambos os gêneros são também reproduzidos na apresentação dos indivíduos nas páginas pessoais de acordo com outras pesquisas citadas por Döring:

os homens parecem colocar ênfase no status, escolher motivos relacionados à tecnologia, utilizar o estado-da-arte da tecnologia, e se expressar de forma mais breve na escrita, enquanto que as mulheres tendem a referir-se mais à audiência, utilizar cores pastéis e motivos florais, optar por uma tecnologia mais simples, e oferecer narrativas biográficas extensas" (Döring 2002:serial)

As questões de gênero na CMC síncrona - a que ocorre em tempo real entre participantes conectados à rede simultaneamente, como nas salas de bate-papo (*chatrooms*), Internet Relay Chat (IRC), e jogos em "realidades virtuais" (MUD's e MOO's) - não foram objetos de um grande número de estudos (Stewart, Shields et al. 1999). No entanto, o que há disponível revela que a maioria dos autores também busca (e encontra) diferenças dicotômicas de gênero nos estilos lingüístico e interacional dos participantes. Embora Herring (2003) afirme que homens e mulheres tendem a participar de forma mais igualitária em ambientes lúdicos e de recreação (como os da CMC síncrona), enviando mensagens que se aproximam em termos de quantidade e de tamanho médio, assim como no fato de que as taxas de resposta serem mais balanceadas; em um artigo em que compara dois eventos de assédio sexual, Herring reconhece "similaridades contundentes nas dinâmicas de gênero" que subjazem a ambos os eventos (Herring 1999:151), uma vez que o resultado final é o silenciamento da mulher e a aceitação das normas masculinas.

Cherny (1994) analisa os comportamentos de gênero em uma realidade virtual baseada em textos, na qual era participante-observadora. Durante três meses gravou interações entre personagens masculinos e femininos, e examinou "ações emotivas" virtuais dos personagens como "abraçar", "tocar", "beijar", "matar", "morder", etc. A autora encontrou diferença de gênero no uso desses verbos: os personagens femininos tendem a abraçar e "whuggle"²⁵ (demonstrando assim afeição e apoio em relação aos outros personagens) quatro vezes mais que os personagens masculinos; esses, por sua vez, usam mais violência física (como "matar") durante as interações. Nota-se que as diferenças relacionadas são consistentes com as descritas por Herring na CMC assíncrona, e apontam

²⁵ Como explica Cherny "whuggle" é uma interação puramente virtual relacionada a "abraçar" (em inglês "hug")

para um comportamento masculino mais "agonístico", comparado a um estilo mais "alinhado" e "de apoio" que as mulheres tendem a adotar.

Um comportamento masculino agressivo e argumentativo nas interações on-line também é o que encontra Soukup (1999) em um estudo etnográfico dos padrões de comportamento de gêneros em duas salas de bate-papo: uma descrita como sendo dominada por homens (relacionada a esportes), e a outra como dominada por mulheres. O autor afirma que as usuárias - que buscam relações e intimidade - eram frequentemente dominadas e subjugadas pelo comportamento agressivo dos homens, mesmo na sala em que eram maioria. Soukup conclui que os participantes tendem a adotar formas de comportamentos de gênero tradicionais e estereotipados e que, neste segmento da Internet, as normas masculinas tendem a prevalecer.

Stewart, Shields et al. (1999) examinam diferenças de gênero quanto à participação e estilos lingüísticos em uma sessão de Internet Relay Chat quase- experimental em que participantes estavam envolvidos em um exercício de tomada de decisão em grupo. A análise das transcrições, de acordo com os autores, revela que os homens mandaram mais mensagens nos três grupos experimentais, e sempre iniciavam e terminavam as sessões²⁶. Houve também uma diferença notável no tipo de linguagem usada por homens e mulheres, com as mulheres usando "linguagem de concordância e inclusão" (p.11) e homens usando linguagem forte e agressiva. No geral, os homens apresentaram maior tendência a "tomar o controle, iniciar cadeias de discussão, tomar decisões e chegar a conclusões" (p. 11),

²⁶ Apesar de as mulheres terem fama de ser "tagarelas", em ambientes públicos são os homens que falam mais. Talbot descreve estudos feitos em ambientes acadêmicos e educacionais que mostram que os homens falavam 2,5 vezes mais que as mulheres, o mesmo observado em reuniões de negócios, discussões na TV, e em muitos outros contextos públicos (Talbot 1998: 106). James e Drakich (1993) fazem uma revisão crítica de 56 estudos que tratam da questão da quantidade de fala e gênero e concluem que "frequentemente, os homens falam mais que as mulheres, no entanto, isso não se dá de forma necessária" (p.301).

resultado também consistente com o comportamento masculino descrito na interação on-line assíncrona.

2.2 Relações entre gênero e linguagem

Os autores dos estudos mencionados acima partem de pressuposições tácitas acerca da categoria "gênero social" e de suas relações com a linguagem. Primeiramente, "gênero" é tomado com uma categoria dicotômica facilmente identificável, uma pressuposição que vem sendo questionada e problematizada por muitos autores (Hall e Bucholtz 1995; Bergvall, Bing et al. 1996; Bucholtz, Liang et al. 1999; Holmes e Meyerhoff 2003), sobre a qual farei comentários mais tarde. Em segundo lugar, a correlação entre padrões de comportamento lingüístico e gênero é tida como sendo direta e não-problemática. Mais uma vez, essa suposição é passível de questionamento tanto teoricamente quanto em pesquisas empíricas.

Concordo com Elinor Ochs (1992), para quem a relação entre fatores lingüísticos e categorias sociais, como classe e gênero, não se dá de forma direta. A autora argumenta que, especialmente na língua inglesa, poucos traços lingüísticos indicam o gênero do falante de forma direta e exclusiva, entre eles os pronomes de terceira pessoa (*he, she, him, her*) e algumas formas de tratamento (*Mr., Mrs., Ms.*). Em português, incluem-se ainda alguns substantivos, adjetivos e pronomes possessivos que variam conforme o gênero do falante. De qualquer forma, na maioria das vezes, o gênero é indicado de forma *não-exclusiva*, ou seja, formas lingüísticas podem traduzir múltiplos significados sociais e podem ser usadas por falantes de ambos os sexos; e *indireta*, uma vez que a relação entre determinada forma lingüística e uma determinada categoria social (no caso, gênero) é mediada por outros fatores, como papéis sociais, atividades, e pontos de vista dos falantes. Além disso, a relação entre linguagem e gênero é, para Ochs, *constitutiva*: uma determinada

forma lingüística indica gênero porque ela é associada a um papel ou atividade social, a um tipo de personalidade ou a determinada postura culturalmente marcada que, para uma determinada sociedade, são considerados como formadores da construção ou constituição do gênero (Ochs 1992:345). Sendo assim, alguns traços lingüísticos são índices de atos sociais, como por exemplo, o uso do imperativo que, em muitos contextos, indica uma ordem que, em muitas culturas, é associado com a fala masculina ou com "masculinidade" (Ochs 1992:341).

Um outro tipo de problema relacionado ao mapeamento de formas lingüísticas com o gênero social do falante é o da "forma e função": tomar uma determinada forma lingüística como sendo expressão de uma única função comunicativa (como por exemplo, perguntas pospostas no inglês como forma de hesitação) reduz o caráter multifuncional das formas lingüísticas. Levando-se em conta o contexto social e lingüístico em que uma determinada forma lingüística ocorre, a multiplicidade de funções torna-se a regra, e não a exceção: "na fala real, a maioria dos enunciados faz muitas coisas ao mesmo tempo" (Cameron, McAlinden et al. 1988:77). Sendo assim, Holmes (1984), por exemplo, distingue uma função "afetiva" para as perguntas pospostas: podem ser utilizadas para mitigar atos de ameaça de face (Brown e Levinson 1987), ou indicar solidariedade; em ambos os casos, nota-se que a função não é de demonstrar hesitação ou dúvida acerca da verdade do que está sendo afirmado, únicas funções consideradas por Lakoff (1975) em seu estudo sobre a "linguagem feminina".

Na verdade, autoras diversas, utilizando abordagens metodológicas diversas, e analisando uma extensa e variada quantidade de dados, têm provado que a correlação entre traços e comportamentos lingüísticos e gênero não pode ser pressuposta, pois a variabilidade é encontrada de forma elaborada. Alice Freed, no epílogo da recente coletânea de estudos *Handbook of Language and Gender* (Holmes e Meyerhoff 2003),

afirma que a pesquisa na área estabelece "a diversidade de padrões de falas e o mosaico de práticas lingüísticas tanto no interior da categoria denominada 'masculina' quanto no da 'feminina'" (Freed 2003:702), contrário à representação popular de um conjunto de características lingüísticas invariáveis que tem sido denominado "linguagem da mulher" (Lakoff 1975). Freed afirma que os resultados de pesquisas em linguagem e gênero indicam que:

(...) a quantidade de fala, a estrutura das narrativas, o uso de perguntas, a disponibilidade de estilos de fala cooperativo e competitivo, o uso de formas lingüísticas de prestígio, o uso de fala amigável e íntima, a ocorrência de padrões fonológicos e prosódicos que algumas vezes representam a mudança lingüística, a ocorrência de formas vernaculares, escolhas lexicais, uso do silêncio, interrupção, formas de tratamento e formas de polidez - não se correlacionam de forma consistente com nenhum dos sexos ou gêneros. (Freed 2003:705)

Dessa forma, sexo/gênero se articulam com outros fatores para determinar as formas lingüísticas e os estilos comunicativos dos falantes; fatores que incluem, entre outros:

(...) lugar e contexto, tipo de atividade em que estão engajados, identidades pessoal, social e de grupo, tópico da conversação, canal de comunicação, comunidade de prática, audiência, repertórios de linguagem de vários tipos, recursos econômicos e simbólicos, motivação política, resistência simbólica e real a variadas formas de opressão, posição relativa, e natureza da relação com o interlocutor. (Freed 2003:705)

Há que se perguntar, então, por que lingüistas que pesquisam as relações entre linguagem e gênero em ambientes virtuais têm considerado sexo/gênero como variáveis capazes de predizer certos comportamentos lingüísticos? Tento, a seguir, responder a essa questão analisando as diferentes formas que pesquisadores (lingüistas, psicólogos, sociólogos, entre outros) têm abordado as relações entre linguagem e gênero na história recente desta área de estudos.

2.3- Deficiência e dominação.

É bastante óbvio que as pesquisas em linguagem e gênero na CMC são semelhantes às que consideram as interações face a face ou em outro meio tradicional, em termos das suposições teóricas sobre as relações entre linguagem, gênero e poder. Três paradigmas ou enquadres teóricos podem ser identificados (Cameron 1995; Cameron 1996; Freed 2003): o primeiro, associado ao trabalho seminal de Robin Lakoff em 1972 mais tarde publicado como *Language and woman's place* (Lakoff 1975), é conhecido como paradigma da *deficiência*. Lakoff descreve a "linguagem feminina" como uma forma deficiente de linguagem, que as meninas aprendem em seu processo de socialização, e que marca a feminilidade lingüisticamente. No entanto, como Cameron (1997) comenta:

(...) essa feminilidade não é apenas uma coleção arbitrária de traços cuja função é diferenciar meninas e meninos, é a realização simbólica da falta de poder: sobre tomar menos espaços, fazer menos exigências, aparentar-se mais fracas e menos agressivas que os meninos. (p.26)

As formas lingüísticas que marcam a falta de poder, fazendo com que as mulheres pareçam hesitantes e sem confiança são, de acordo com Lakoff, evidentes em todos os níveis gramaticais da língua inglesa e incluem o uso de adjetivos "vazios" (por exemplo *divine* (divino), *charming* (charmoso), *cute* (bonitinho)); entonação interrogativa quando declarativas são esperadas (perguntas pospostas e entonação crescente em contextos declarativos); "*hedges*" (atenuantes) de diferentes formas (para Lakoff "as mulheres não utilizam expressões indelicadas ou de mau-gosto, as mulheres são *experts* em eufemismos" (Lakoff 1975:55)); entre outros fatores. Mas o que é denominado por Lakoff de "women's language" é, na verdade, uma representação cultural da fala de mulheres brancas da classe média norte-americana, que não leva em conta dados empíricos, mas baseia-se em

introspecção e na intuição de falante nativa do inglês da própria autora. Estando ciente de não poder estabelecer correlações estatísticas entre formas lingüísticas e gênero, Lakoff fala em termos de tendências gerais e afirma que, mesmo que nenhuma mulher "real" usasse os traços lingüísticos correlacionados com a "linguagem feminina", esses são usados nas imagens estereotipadas que a toda hora aparecem na mídia, e que criam modelos que influenciam as meninas. De fato, releituras mais recentes do trabalho de Lakoff enfatizam que ela descreve a "linguagem feminina" não em termos de variáveis lingüísticas que são realmente atualizadas, mas em termos das "expectativas culturais que vieram a influenciar seu uso" (Bucholtz e Hall 1995:6).

À descrição de uma linguagem feminina, feita por Lakoff, seguiram-se duas correntes de pesquisa. O paradigma da "dominação", apresentado primeiramente por Thorne e Henley (1975), relaciona as diferenças de gênero nos estilos conversacionais à "estrutura de dominação masculina" e à divisão sexual de trabalho que também incluiria uma divisão de práticas de linguagem: a linguagem dos poderosos e a linguagem das mulheres (Thorne e Henley 1975:10). O arranjo social e político entre homens e mulheres é caracterizado como sendo aquele em que as mulheres são vistas e tratadas como desiguais em relação aos homens devido ao fato de que as normas da sociedade foram estabelecidas por homens.

Uma publicação importante relacionada a esse paradigma é o livro de Dale Spender *Man made language* (Spender 1980), cuja principal tese é que os homens controlam os significados e impõem sua visão de mundo para todos pelo fato de que foram eles que criaram a linguagem. Dessa forma, às mulheres cabe lançar mão de significados que não lhes pertencem, uma vez que sua visão dos fatos não foi codificada na linguagem. Ainda quando expressam sua versão dos fatos, são silenciadas pelos homens, ao não concordarem com a forma com que elas se expressam, ao mudarem de assunto ou simplesmente não as

ouvindo. Para Spender, as mulheres apenas perpetuam a ordem patriarcal pré-existente, e precisam tomar a linguagem para si e codificar seus próprios significados.

Através de pesquisas em contextos naturais de fala, foram descritas algumas estratégias usadas por homens para exercitar e manter o poder sobre as mulheres, entre elas se destacam os estudos de C. West e D. Zimmerman sobre interrupções e silêncios na conversação entre homens e mulheres (Zimmerman e West 1975; West e Zimmerman 1983) e os de P. Fishman sobre a interação entre casais heterossexuais (Fishman 1983). West e Zimmerman tomaram o modelo de tomada de turno estabelecido por Sacks, Schegloff and Jefferson (Sacks, Schegloff et al. 1974) buscando refinar a distinção entre falas sobrepostas (falas simultâneas breves e não ameaçadoras) e interrupção (grandes incursões sobre o turno do interlocutor). Analisando a interação conversacional entre duplas de mesmo sexo e de sexos diferentes alegam que os homens interrompem as mulheres com maior frequência do que interrompem outros homens, e com maior frequência do que as mulheres interrompem outras mulheres ou homens. Os autores atribuem esse desequilíbrio de gênero à maior probabilidade de os homens exercerem domínio e poder nas conversações.

Fishman (1983) considera que há diversas estratégias para assegurar, encorajar ou subverter a conversação. As mulheres fazem uso de certas estratégias (como por exemplo, perguntas e marcadores de apoio) para assegurar e encorajar a interação enquanto que na fala dos homens há traços que desencorajam a conversação (por exemplo, uso constante de orações declarativas). Tal é percebido pelo fato de que, embora as mulheres iniciem mais tópicos conversacionais que os homens, esses são raramente discutidos pois, segundo a autora, "homens não responderam com a atenção necessária para levar a conversa adiante" (p.97). Fishman conclui que "a definição do que é uma conversação apropriada ou não, torna-se escolha do homem" (p. 98).

As pesquisas sobre dominação masculina nas listas de discussão on-line, apresentadas brevemente acima, partem dos mesmos pressupostos do paradigma da *dominação* e alegam que os participantes masculinos, mesmo quando em discussões sobre tópicos femininos ou feministas, silenciam as mulheres empregando "versões eletrônicas das mesmas técnicas que foram mostradas como sendo empregadas na interação face a face" (Hall 1996:154). Herring (1992) observou que a participação em um grupo de discussão de lingüistas denominado "Linguist List" foi significativamente assimétrica, uma vez que os homens foram responsáveis por 80% da discussão total; Herring e associados (Herring, Johnson et al. 1992) investigaram uma lista de discussão com um número pequeno de participantes e mais "amigável a mulheres", buscando averiguar se um ambiente menos adversativo iria facilitar padrões mais simétricos de participação. A lista "Megabyte University" - considerada por seus membros como sendo especialmente amigável e de apoio se comparada com outras listas - apresentou um tom menos competitivo, embora a participação feminina também tenha sido pequena (em torno de 30%). O mesmo tipo de desequilíbrio foi encontrado por Ferris (Ferris 1996) em um estudo etnográfico feito durante uma semana em uma lista de discussão sobre psicologia (PSYBER-L): os homens enviaram 16 mensagens do total de 25, e iniciaram 3 dos 4 tópicos discutidos. Ela ainda afirma que os homens que regularmente contribuía para as discussões só tomaram conhecimento de um tópico iniciado por uma mulher quando alguns novatos demonstraram interesse por ele, o que a leva a afirmar que os tópicos de discussão propostos por mulheres não possuem o mesmo "peso" e o mesmo "crédito" dos propostos por homens. Outro dado que autora nos mostra é que as respostas dos homens foram 2.5 a 8.3 vezes mais longas que a mensagem inicial da mulher.

Pesquisadores da área de psicologia social também investigaram a hipótese de que os homens enviam mais mensagens e mensagens maiores para listas eletrônicas de

discussão. Sussman e Tyson (2000) em uma análise quantitativa nos arquivos de seis listas eletrônicas com tópicos relacionados aos interesses masculino, feminino e geral, afirmam que os homens demonstram poder na CMC principalmente através de mensagens maiores e mais longas: os homens enviavam mensagens com um número de palavras maior do que as das mulheres, e o total de mensagens enviadas por homens foi quase o dobro do das mulheres. Até mesmo em tópicos de interesse feminino, a frequência das mensagens masculinas era similar ao número das mensagens femininas; no caso das listas com tópicos de interesse masculino, os homens enviaram 5 vezes mais mensagens do que as mulheres.

Expandindo os estudos anteriores de formas "sexuadas" de interação nas listas de discussão "Megabyte University" e "Linguist List", Herring e seus associados (Herring, Johnson et al. 1995) exploraram as formas com que os participantes masculinos silenciaram as mulheres quando elas resistiram ao silêncio e tentaram participar ativamente da discussão. O resultado da pesquisa aponta para um fato interessante: os homens adotaram diversos mecanismos para silenciar as mulheres quando a quantidade de mensagens enviadas por mulheres ultrapassou 30% do total das mensagens enviadas. A primeira reação dos homens foi ignorar o que estava sendo dito, através das seguintes estratégias: *fingir* que não haviam "ouvindo", *deturpar* o que havia sido dito de maneira a desviar a atenção para outros tópicos, ou *subestimar* a importância do tópico, enviando respostas jocosas e ridicularizantes. Se as mulheres persistiam na tentativa de serem ouvidas, os homens passavam a usar a raiva e acusações para *confrontá-las*. Os autores também consideram que a forma mais comum e ao mesmo tempo sutil de silenciamento foi a *cooptação* dos termos utilizados pelas mulheres, ou seja, os homens tomavam determinados termos como sendo deles próprios. Por outro lado, o estudo mostra que as mulheres foram capazes de, ao menos temporariamente, reverter as relações de poder ao empregar contra-estratégias que poderiam ser utilizadas como métodos de empoderamento.

Herring (1994; 1999 [1996]) sustenta que homens e mulheres constituem diferentes comunidades comunicativas, com estilos on-line característicos e diversos que se assemelham de forma contundente aos empregados nas interações face a face: o estilo masculino caracterizado pela agonística e adversariedade em que predominam asserções fortes, freqüentemente controversas, mensagens longas e/ou mais freqüentes, auto-promoção e sarcasmo; e o estilo feminino, muito similar à "linguagem feminina" de Lakoff, caracterizado por dois aspectos que co-ocorrem: "apoio" ("expressões de apreço, agradecimento, atividades que levam a construir comunidades") e "atenuação" (uso de atenuantes e expressão de dúvida, desculpas, uso de perguntas, e contribuição para as idéias em forma de sugestões). Ela ainda afirma que os dois estilos não são iguais: uma vez que o estilo masculino é aceito e promovido na CMC, o ciberespaço se torna um lugar hostil e inóspito para as mulheres, que são desencorajadas a usar as redes de computadores (Herring 1999 [1996]:247).

Kramarae e Taylor (1993) também consideram que a dominação masculina nas redes eletrônicas acadêmicas as tornam hostis para as mulheres, causando um impacto na participação das mulheres cuja extensão ainda não foi determinada. As autoras sustentam que o controle masculino se estende a listas de discussão direcionadas somente para mulheres: ao observarem a lista soc.women ("soc.mulheres") notaram que havia dias em que somente homens enviavam mensagens. De acordo com Kramarae e Taylor:

O clima das redes pode excluir muitas mulheres e minorias de participar na conversação. Os homens tendem a usar um comportamento mais assertivo que as mulheres. Além de enviarem mais mensagens e introduzirem mais tópicos que as mulheres, os homens tendem a discordar com os outros mais freqüentemente. (1993:56)

A maioria desses autores, no entanto, não considera o comportamento dominante dos homens como sendo a única explicação para as práticas exclusivas no discurso público

mediado por computador. Eles também mencionam outros fatores que podem contribuir para que a participação das mulheres seja desfavorecida: as mulheres são incentivadas desde pequenas a evitar máquinas, matemática, e outras ciências exatas de modo que elas não se sentem a vontade com o meio digital (Smith e Balka 1988; Herring 2003); os rapazes têm mais tempo para passar em frente ao computador (Kramarae e Taylor 1993); o acesso a computadores e a Internet ainda é muito caro, especialmente para mulheres do terceiro mundo. Talbot chega mesmo a afirmar: "não é nem um pouco surpreendente o fato de que quando a maioria das meninas chega à vida adulta, elas não se interessam em tomar parte da CMC" (Talbot 1998:134).

2.4- Diferença

Um outro paradigma nas pesquisas de linguagem e gênero é o da "diferença", introduzido primeiramente por Maltz e Borker (1998 [1982]). Os autores fazem uma síntese dos estudos sobre linguagem e gênero em diferentes áreas de pesquisa feitos até então, e propõem que as falhas na comunicação entre os sexos devem ser vistas não como reflexo da desigualdade de poder, uma vez que há situações em que homens e mulheres interagem como socialmente iguais, mas como "diferenças culturais", do mesmo tipo das que ocorrem na comunicação entre pessoas de culturas lingüísticas diferentes descritas por Gumperz (1982), entre outros:

Sustentamos que homens e mulheres americanos vêm de sub-culturas sociolingüísticas diferentes, tendo aprendido a fazer coisas diferentes com as palavras em uma conversação, de forma que quando tentam manter conversas entre si, mesmo que ambas as partes estejam tentando se tratar como iguais, o resultado são mal-entendidos culturais. (Maltz e Borker 1998 [1982]:420).

Homens e mulheres possuem, assim, diferentes formas de fazer inferências e de interpretar os sinais dados ao longo de uma conversação, uma vez que as regras da

conversação amigável são aprendidas em um período em que meninos e meninas interagem principalmente com pessoas do mesmo sexo (aproximadamente entre os 5 e 15 anos). Maltz e Borker consideram, por exemplo, que homens e mulheres interpretam perguntas de forma diferente: as mulheres as vem como estratégia para manutenção da conversação, enquanto que, para os homens, são pedidos de informação.

A sociolinguista americana Deborah Tannen (Tannen 1990; Tannen 1993), seguindo a tradição de Gumperz, como Maltz e Borker, parte do pressuposto de que os problemas de comunicação entre homens e mulheres resultam das diferenças sistemáticas na forma com que os significados são sinalizados na conversação por cada um dos sexos/gêneros. Tannen caracteriza os estilos interativos de mulheres e de homens em termos de dicotomias que podem levar a problemas na comunicação: simpatia/solução de problemas; cooperação/competição; privado/público; intimidade/distância; estabelecer contato/manter *status*, entre outros. A autora afirma que "embora cada estilo seja válido em seus próprios termos, os mal-entendidos ocorrem porque os estilos são diferentes" (1990:47).

Outros pesquisadores, considerando que as diferenças nos padrões interativos de homens e mulheres pudessem ser reflexos de diferenças culturais e não da dominação masculina, re-examinaram comportamentos linguísticos femininos que foram considerados negativos no paradigma *deficiência-dominação*. Holmes, por exemplo, no estudo sobre perguntas pospostas mencionado anteriormente, adota os pressupostos da *diferença* (Holmes 1984; Holmes 1995) e reinterpreta um traço linguístico particular relacionado a uma característica tida como "negativa" para as mulheres (hesitação, incerteza), apontando para funções previamente ignoradas, e que valorizam a capacidade que as mulheres têm de conexão e apoio, e que é "positiva" em diversos contextos sociais.

Também na CMC alguns estudos não consideram as diferenças de gênero nos estilos interativos como resultantes da dominação masculina, mas examinam os diferentes

O foco na diferença foi duramente criticado por lingüistas feministas (Troemel-Ploetz 1998 [1991]); Cameron 1995; Cameron 1998; Uchida 1998 [1992]), principalmente por ignorar as desigualdades de poder que persistem nas relações homem-mulher. Deborah Tannen, especialmente, recebeu críticas a seu trabalho por parte dessas autoras. Cameron considera que as relações de poder são *constitutivas* das relações de gênero em nossa sociedade, e o relativismo de Tannen não só perpetua a exclusão da mulher como também não desafia os comportamentos masculinos que reforçam a exclusão (1995:42).

Troemel-Ploetz preocupa-se com a não inclusão das questões de poder nas análises de Tannen por considerar que a sociolingüista americana não deixa claro que os dois "estilos" de fala não são simplesmente diferentes, mas têm valores sociais diversos e que, além disso, seu livro (Tannen 1990):

... torna trivial nossa experiência de injustiça e de dominação conversacional; ele mascara diferenças de poder; oculta quem deve se ajustar; esconde diferenças repetidamente e equaliza, com uma mania de nivelamento, as distinções na forma com que vivenciamos ser homem ou mulher" (1998:457).

E, por final, Uchida (1998 [1992]) também trata da questão de que o processo de ajuste e acomodação se dá de forma unilateral, ou seja, toma-se a “minoría” (no caso as mulheres) como sendo, ou tendo, um “problema”, e é esse grupo que deve se adaptar às normas da maioria (no caso os homens). Uchida considera que, em relações sociais desiguais, a “diferença” é interpretada a partir de um esquema pré-existente que considera que um grupo tem supremacia sobre o outro, tornando-se assim “dominação”.

2.5- Um novo paradigma

As descrições de diferenças entre as falas masculina e feminina como as mostradas acima (tanto no paradigma da *dominação* quanto no *da diferença*) têm sido criticadas por

feministas ligadas à pesquisa na área de linguagem e gênero (Bing e Bergvall 1996; Cameron 1996; Freed 1996; Cameron 1999; Freed 2003) por tomarem o gênero de forma essencialista, como uma categoria social pré-discursiva que o indivíduo possui ou por ter nascido de tal forma ou por ter sido socializado para adquiri-lo. As semelhanças entre os do mesmo gênero são enfatizadas e as diferenças são ignoradas, determinando dois pólos de comportamento discursivo, um feminino e um masculino. Para Cameron, no entanto:

Em lugar de dizermos simplesmente que esses estilos [linguagem feminina ou estilo masculino] são produzidos por homens e mulheres como marcadores de sua identidade de gênero pré-existente, poderíamos dizer que os próprios estilos são produzidos como masculino e feminino, e que indivíduos fazem acomodações diversas a esses estilos no processo de *se produzirem* como sujeitos de gênero (1996:45-46)

Indo além, os críticos sustentam que ao pressupor a dicotomia binária entre os gêneros, os pesquisadores reforçam a dicotomia homem-mulher sobre a qual nossa sociedade se organiza (Bing e Bergvall 1996). A polarização de gênero, definida por Bem como sendo "a organização ubíqua da vida social ao redor da distinção entre masculino e feminino" (Bem 1993:2), contribui para a naturalização da desigualdade de oportunidades que é imposta a mulheres, e que não poderia ser de outra forma justificada. Bing e Bergvall comentam:

Os antigos modelos binários da deficiência, diferença e dominação enfatizavam a diferença ignorando as semelhanças e as categorias que se sobrepõem. Esses modelos binários problemáticos sugerem dicotomias separadas por fronteiras claras. Embora, de certa maneira, essas fronteiras existam mais na linguagem do que na realidade, em outras ocasiões podem levantar ou manter barreiras sociais muito reais para mulheres e pessoas de cor. (1996: 24)

De acordo com Freed (2003), o problema fundamental de se adotar um conceito essencialista e dicotômico de gênero, em que os seres humanos são divididos em dois grupos distintos, é que ele "leva invariavelmente a um *ranking* ou ao privilégio de um

estilos na perspectiva da *diferença*. Kaplan e Farrel (1994) em um estudo etnográfico que envolveu a participação de cinco meninas adolescentes em boletins eletrônicos locais, atestam que as conversas entre as adolescentes " são levadas mais pelo desejo que as participantes têm de continuar a conversar do que pelo desejo de chegar a um acordo ou compreensão sobre um tópico ou questão" (1994:8), o que vai ao encontro da afirmação de Tannen de que " para a maioria das mulheres, a linguagem da conversa é primordialmente linguagem de *rapport* [comunicabilidade/simpatia]: uma maneira de estabelecer ligações e negociar relações" (1990:77, tradução de Heberle 2000:304).

Witmer e Katzman (1997) testaram as afirmações de que as mulheres são mais expressivas e emocionais que os homens em uma análise estatística descritiva do uso diferenciado por gênero de "acentos gráficos" (uso de símbolos e letras maiúsculas como recurso emocional ou artístico - como as "carinhas" ou "emoticons" usados na CMC) em 3.000 mensagens de listas de discussões (projectH). Partem da hipótese de que as mulheres, por serem mais emotivas, usariam mais acentos gráficos em suas mensagens e que os homens, por serem mais assertivos e terem um estilo mais competitivo, utilizariam uma linguagem mais provocativa, com menos acentos gráficos. Os resultados da pesquisa indicam que, apesar de os acentos gráficos terem sido utilizados somente em 13.4 % das mensagens, as mulheres tendem a usá-los mais freqüentemente de forma significativa; mas, ao contrário das expectativas dos autores, as mulheres também usaram mais linguagem provocativa e negativa (*flame*). Os autores consideram várias explicações para esse comportamento inesperado: o efeito de neutralização de status da CMC; o fato de que as mulheres envolvidas em CMC já terem estilos interacionais que não representam "mulheres em geral", uma vez que a CMC já é uma atividade masculina; e finalmente as limitações técnicas do projectH, ou seja, os dados não puderam ser codificados para outras variáveis que poderiam ter sido significantes para o estudo (como pedido de desculpas).

grupo em relação ao outro" (2003:703) uma vez que um grupo é tomado como a norma pela qual o outro grupo é julgado. A ênfase nas diferenças de gênero também leva à noção de que "essas distinções são naturais, estáticas e imutáveis", e contribui para sustentar a dominação masculina e a subordinação feminina (Freed 2003:703).

Outra deficiência desta abordagem é que ela tende a reproduzir estereótipos de gênero. "Estereotipar" é uma prática representacional que envolve "simplificação, redução e naturalização" (Talbot 2003:470) uma vez que o comportamento, personalidade, etc. de uma pessoa é interpretado em termos de certos atributos (reais ou imaginários) do grupo a que a pessoa pertence, normalmente de forma exagerada. Na pesquisa de linguagem e gênero, de acordo com Talbot, "estereótipo" não é usado somente para se referir à prática representacional, mas para se referir a "prescrições ou expectativas veladas de comportamento" (2003:472). Uma forma de comportamento lingüístico feminino estereotipado, por exemplo, é aquele em que a mulher deve se desculpar, apresentar seus pontos de vista sem asserção, dar apoio aos homens, etc.

As pesquisas na área de linguagem e gênero avançaram das simples discussões de diferenças entre padrões de fala masculino e feminino para maneiras mais sutis e menos diretas de entender a relação entre linguagem e gênero (Hall e Bucholtz 1995; Mills 1995; Bergvall, Bing e Freed. 1996; Bucholtz, Liang e Sutton. 1999; Holmes e Meyerhoff 2003a). Ao tomar o gênero não como um conjunto de traços opostos, mas algo que existe "somente no processo de sua produção" (Butler 1990), pode-se representar um leque mais amplo de formas com que uma pessoa vivencia e apresenta-se como homem ou mulher. A linguagem é vista como o lugar de produção cultural da identidade de gênero uma vez que a subjetividade é construída discursivamente (Holmes 1997). "As pessoas operam em posições subjetivas, criadas e mantidas pelo uso da linguagem" (Holmes 1997:204), as

diferenças nos comportamentos de homens e mulheres só podem ser entendidos dentro dos contextos sociais e de gênero em que eles circulam.

2.6- O novo paradigma nas pesquisas de gênero na CMC

As pesquisas sobre linguagem e gênero na CMC, em geral, reforçam a noção de gênero como essencial e dicotômico. Considera-se que o gênero pré-existe ao discurso, como sendo um atributo das pessoas. Nomes masculinos ou femininos estampados nas mensagens enviadas às listas de discussão, por exemplo, são suficientes para designar uma identidade de gênero ao autor: "... contribuições ao LINGUIST são normalmente assinadas e, considerando-se as assinaturas e os *logins*, é quase sempre possível asseverar o gênero do autor" (Herring 1992:2). Da mesma maneira, as identidades de gênero fixas são utilizadas para prever e explicar comportamentos lingüísticos e interacionais: os padrões de fala e de interação são descritos em termos de diferença que se correlacionam com as características da "linguagem da mulher" descrita nos estudos que já foram criticados e re-elaborados de diversas formas.

O estilo feminino é definido como sendo "atenuado/pessoal" enquanto o masculino é tido como "adversarial" (Herring, 1992). Afirma-se que os homens expressam emoções negativas ("*flame*") mais do que as mulheres porque eles dão maior valor à liberdade de expressão, condenam a censura e tendem a se expressar de forma direta e franca (Herring, 1994) e que eles valorizam o debate agonístico como uma forma de alcançar o conhecimento. Em diversas ocasiões, Herring focaliza os estilos diferentes, éticas diferentes, estratégias conversacionais diferentes.

Os estilos feminino e masculino, no entanto, existem independentemente dos falantes; o fato de a pessoa ser homem ou mulher não determina a forma com que fala, mas "os discursos masculino/feminino (*gendered discourses*) proporcionam recursos para a

apresentação do *self* masculino ou feminino" (Kendall e Tannen 2001). Os indivíduos são capazes de criar identidades de gênero que vão ao encontro das normas culturais e dos comportamentos esperados pela sociedade, mas também podem contestar ou transgredir essas normas e comportamentos. Em sua pesquisa, Herring encontra mulheres que resistem ao silenciamento (Herring et al. 1992, 1995), mulheres que empregam formas agonísticas (Herring 1992) e mulheres que não utilizam de formas atenuantes em seus estilos interacionais (Herring, 1992), mas todos esses fatos são considerados como exceções.

Considerar o gênero como algo resultante da interação, ou seja, algo que é co-construído durante e através do discurso nos proporciona uma descrição mais precisa das formas com que gênero e linguagem interagem. O fato de que uma pessoa com um nome feminino assine uma mensagem não implica necessariamente que sua contribuição deva ser entendida como exemplo do "estilo feminino". Isso é o oposto do que declara Herring, que considera que alguns comportamentos lingüísticos são característicos das mulheres e não que uma mulher se torna uma mulher (entre outras coisas) ao adotar certos comportamentos lingüísticos, como sugere Cameron (1996).

Acredito que uma análise das formas múltiplas, muitas vezes contraditórias, com que o gênero é construído nos diferentes ambientes virtuais pode nos fornecer *insights* quanto às semelhanças e sutis diferenças entre os estilos de fala de homens e mulheres que são negligenciados quando gênero é considerado como uma variável independente. Tal é meu propósito nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO 3

Identidade e performatividade

3.1. Identidades

A socióloga americana Sherry Turkle conta em seu livro *Life on the Screen* que só começou a realmente perceber-se como um sujeito fragmentado e multifacetado, como o descreviam seus mestres franceses, já nas décadas de 1960-70, quando entrou em contato com a Internet e as realidades virtuais, vinte anos mais tarde:

... mais de vinte anos após conhecer as idéias de Lacan, Foucault, Deleuze e Guattari, as encontro novamente em minha nova vida na tela. Mas dessa vez, as abstrações dos franceses são mais concretas. Em meus mundos mediados por computador, o *self* é múltiplo, fluido, e constituído na interação com máquinas conectadas; é construído e transformado pela linguagem; o encontro sexual é uma troca de significantes; e a compreensão advém da navegação e da improvisação, não da análise. (1995:15)

Para Turkle, a Internet e principalmente os jogos de realidade virtuais (denominados MUDs²⁷) se tornaram um lugar fértil para o estudo das idéias chamadas pós-estruturalistas, justamente por essa facilidade com que conceitos filosóficos e antropológicos que, às vezes, nos escapam por serem de difícil compreensão, são trazidos de volta ao chão.

A dificuldade que as pessoas normalmente encontram em pensar a identidade - do indivíduo, do grupo étnico, ou da nação - como um construto social, e não como algo pronto e acabado pode ser entendida como dificuldade em abandonar os conceitos caros ao Iluminismo cuja lógica centrada no indivíduo e na sua capacidade de auto-conhecimento requer que a identidade seja compreendida como algo imutável; algo que, na nossa cultura individualista, é "questão de sobrevivência" (Rajagopalan 2002a:78).

No entanto, essa forma de pensar a identidade não encontra mais lugar na contemporaneidade; especialmente nos círculos acadêmicos (Rajagopalan 2002). Em

²⁷ MUD (*Multiple-user Dimension*, Dimensão Multi-usuário) é “um ambiente virtual baseado em texto no qual os personagens dos usuários interagem em tempo real. Através de comandos de texto, é possível andar pelas salas, digitar mensagens para outros personagens, participar de jogos, enigmas ou combates. MUD’s são uma transposição para as redes dos jogos de RPG” (Role-play Games)” (Lévy, 1999:257)

diversas áreas disciplinares nota-se a desconstrução da identidade em seu sentido tradicional, ou seja, ela não mais é vista como “uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna” (Hall 1992:102) mas, ao contrário, é aceito que:

as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall 1992: 108).

Um indivíduo é, assim, não somente a soma de identidades sociais²⁸ múltiplas - homem, pai, professor, branco, heterossexual - que são em si construídas social e culturalmente, na medida em que ser "homem" em uma cidade do Brasil no século XXI não é o mesmo que o ser em outros lugares ou em outras épocas; mas também não há como extrair do ser humano uma categoria - "homem" - e defini-la, sem que se considerem as outras identidades sociais que se interligam no mesmo indivíduo, às vezes de forma contraditória: branco, professor, heterossexual, pai. Dizer que a identidade está em constante processo de mudança e transformação é não acreditar que existe no *eu* um núcleo estável que passa inalterado "por todas as vicissitudes da história" (Hall 1992:108). É também o que nos oferece a possibilidade de atuar como agentes: de modificar significados, de contestar e resistir a injustiças e discriminações.

As identidades são construídas dentro do discurso como atos de linguagem e, por emergirem no "interior do jogo de modalidades específicas de poder" e de exclusão (Hall 2000:109), são resultantes da marca da diferença, da falta, do que não é. O Outro funciona como um significado "negativo" em relação ao qual a identidade é construída, sendo por ele

²⁸ A “identidade social” de um indivíduo engloba tanto as circunstâncias sociais em que nasceu e se socializou, entre elas a raça, e o gênero; como também o que é adquirido mais tarde na vida, como por exemplo, o desempenho de “papéis sociais” como professora, médico, etc. (Fairclough, 2003)

constantemente desestabilizada. Essas construções de identidades aparecem normalmente sob a forma de oposições binárias dicotômicas: homem/mulher; branco/negro; homossexual/heterossexual, etc.

Afirmar que as identidades são construídas como atos de linguagem implica aceitar que elas estão sujeitas a algumas propriedades da linguagem, principalmente às formas de significação. Derrida critica as oposições binárias, sugerindo que a própria dicotomia é um dos meios de fixação de significados, uma forma de garantia da permanência das relações de poder na sociedade ocidental. Ao contrário de Saussure, para quem essas dicotomias "estão ligadas à lógica subjacente a toda linguagem e a todo o pensamento" (Woodward, 2000:52), Derrida acredita que a relação entre significado e significante não é fixa, mas que o significado é um "traço" que é produzido por meio de um processo de adiamento infinito, e que carrega em si também o que ele não é, ao que denomina *différance*. Como aponta Rajagopalan,

Tomando como ponto de partida o insight saussuriano de que os valores lingüísticos se dão graças ao fato de se valerem da rede de diferenças, Derrida identifica nesse jogo de diferenças, nessa característica, como diz Saussure, de "*ser [em] o que os outros não são*", a própria possibilidade de significação como afirma Saussure, como também, em última análise, e por mais paradoxal que possa parecer, a sua impossibilidade nos moldes saussurianos. Pois, para Derrida, a necessidade de se apelar incessantemente para a diferença implica um deferimento *ad eternum* - uma diferença, com a inovação ortográfica para consagrar o encontro dos sentidos de diferir - divergir e protelar - que se unem para abortar o signo saussuriano. (Rajagopalan 1992:27)

Derrida, ao desconstruir a fixidez da relação significado-significante, nos propõe uma alternativa para as divisões binárias, uma vez que não partilha da crença no contraste como princípio da estrutura lingüística. O filósofo argelino mostra que o processo de construção das identidades se dá pela exclusão, o que indica que ele é, nas palavras de Laclau, "um ato de poder" na medida em que "se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça" (*apud* Hall 2000:110). Além do mais,

os dois pólos que se estabelecem não estão em termos de igualdade, mas em uma "violenta hierarquia":

Aquilo que é peculiar ao segundo termo [homem/mulher] é assim reduzido - em oposição à essencialidade do primeiro - à função de um acidente. Ocorre a mesma coisa com a relação negro/branco, na qual o branco é, obviamente, equivalente a "ser humano". "Mulher" e "negro" são, assim, "marcas" (isto é, termos marcados²⁹) em contraste com os termos não-marcados "homem" e "branco" (Laclau apud Hall 2000:110)

Identidade e discurso se unem de maneira inexorável e sob dois prismas. Por um lado, construímo-nos como "sujeitos" na medida em que interagimos com o outro através da linguagem: narramos nossas histórias, (re)velamos nossos desejos, etc. Mas, por outro lado, somos construídos através dos discursos que circulam em nossa sociedade e que nos definem como pertencentes a determinada raça, gênero, nacionalidade e que atuam como verdadeiras "formações discursivas" (Pêcheux 1988:111) "aquilo que, em uma dada formação ideológica ... determina '*o que pode e deve ser dito*'" (em itálico no original). A feminista Jill Johnston teve este *insight*, em 1973: "a identidade (...) é o que você pode dizer que é de acordo com o que eles dizem que você pode ser" (Kitzinger, 1989, *apud* Moita Lopes, 2003:22).

3.2- Identidades de gênero

Em geral, define-se "sexo" como sendo as diferenças anatômicas ou biológicas entre homens e mulheres³⁰; enquanto atribuem-se ao "gênero" as diferenças psicológicas, sociais

²⁹ Diz-se que um termo de uma oposição binária é marcado quando possui uma particularidade que o opõe a outro privado dessa particularidade (chamado termo não-marcado).

³⁰ Sexo é definido no "Aurélio", por exemplo, como: "Conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas".

e culturais³¹. Essa distinção terminológica, no entanto, não apresenta uma regularidade nos usos quer seja em pesquisas lingüísticas ou na linguagem falada no dia a dia (Bergvall 1999). O uso do termo "gênero" na linguagem comum é tido como uma opção mais "politicamente correta", mas que designa ainda dicotomias sexuais (feminino-masculino) baseadas em diferenças dos órgãos sexuais. Como afirma Moraes (1998):

O uso da categoria gênero é indiscutivelmente um uso politicamente correto. Em outras palavras, constitui também um modismo de certos sociólogos. Na verdade, o que se tem, via de regra, é uma utilização restrita e imprecisa de gênero como sinônimo de homem e mulher. (1998:102)

Nas pesquisas variacionistas tradicionais, as categorias "homem" e "mulher" relacionadas ao sexo do falante, quer tomadas como independentes ou correlacionadas a outras variáveis sociais, apontam para diferentes formas de uso da língua, em seus aspectos lexicais, morfossintáticas, fonológicas e nos estilos interacionais e discursivos.

Em uma perspectiva social, não somente o gênero, mas também o sexo é visto como sendo um construto social. Para Laqueur (2000), a oposição homem/mulher, tal como a conhecemos hoje, é uma "invenção" da modernidade, pois foi somente a partir do século XVII que os dois sexos passaram a ser visto como "estáveis, incomensuráveis e opostos" (Laqueur 2000:18). Ambos passaram a ser caracterizados por "montagens anatômicas e fisiológicas" diversas, às quais se associaram posteriormente marcas genéticas e hormonais diferenciadas. Os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres passaram a ser baseados na biologia do corpo, entendido como sendo estável, não-histórico e sexuado. Nas palavras de Laqueur: "A biologia (...) é compreendida como o fundamento epistêmico das afirmações consagradas sobre a ordem social" (2000:18). Como derivação disso,

³¹ Ainda segundo o "Aurélio", gênero é definido como: "A forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e status atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos".

legitima-se a alocação das funções sociais cabendo às mulheres, consideradas em suas características biológicas e morais, ser fadadas à maternidade e a governar o espaço doméstico. Em contrapartida, os homens teriam maiores capacidades intelectuais, o que lhes permitiria um domínio sobre as paixões e sobre o corpo, com a ocupação do espaço público (Laqueur 2000).

Laqueur está convencido de que é impossível dizer qualquer coisa sobre sexo, sem que haja uma reivindicação sobre gênero: "o sexo (...) é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder" (p. 23). Não existe como algo fixo e estável, um dado biológico, que é socialmente mediado pelo gênero; mas é em si um construto social. Também para algumas feministas, o "sexo" só passa a ter importância para nós quando, por razões sociais, econômicas e políticas, se torna uma forma bipolar de classificar as pessoas e de estabelecer hierarquias a partir dos órgãos reprodutivos dos indivíduos (Cameron 1997).

Segundo Bergvall (1999), todas as sociedades conhecidas consideram diferenças físicas dos indivíduos (consideradas ou não como construto social) como um princípio fundamental que é refletido na linguagem, havendo, obviamente, variações, entre as diversas sociedades, nas formas com que as construções sociais do gênero representam homens e mulheres. As diferenças são exploradas também em diversas áreas do conhecimento e na sua divulgação pelos meios de comunicação; na maioria das vezes, enfatizam-se as diferenças entre os "sexos" enquanto que as semelhanças são minimizadas.

A principal mudança teórica ocorrida nas pesquisas (feministas) sobre linguagem e gênero nos últimos vinte anos foi, para Cameron, o reconhecimento que não se pode separar o "gênero" de outras variáveis sociais, uma vez que não existe uma "mulher genérica": toda e qualquer mulher é posicionada social e culturalmente. Como também apontam Eckert e Mc Connel-Ginet (1998 [1992]) é difícil extrair a variável "gênero" das

outras categorias sociais, de maneira que não é possível que haja comportamentos lingüísticos monolíticos e dicotômicos que todos os homens ou todas as mulheres compartilhem. Para as autoras, as diferenças de gênero são, ainda, extremamente complexas, especialmente em uma sociedade e em uma época em que as mulheres atuam no mercado de trabalho e questionam os papéis tradicionais a elas atribuídos. O estudo de Dina Ferreira (2002), que analisa o desempenho lingüístico de mulheres brasileiras que transitam em diferentes meios, exercendo papéis sociais diversos (a mulher “executiva” em comparação à “dona-de-casa”), também evidencia essas afirmações. Ferreira conclui que a linguagem da dona de casa é a da “sensibilidade, da emoção, da busca da conexão pela intimidade” (p.116). Já a linguagem da executiva é caracterizada como “forte, ativa, enxuta, local de seriedade e uso de poder” (p.117), ou seja, mais se encaixa aos moldes do discurso tradicionalmente atribuído aos homens.

A ênfase das pesquisas feministas a partir da década de 1990 passa para a questão da construção das identidades de gênero, uma vez que tornar-se mulher (ou homem) é uma tarefa que nunca cessa de ser executada: "cada indivíduo está constantemente negociando as normas, os comportamentos e os discursos que definem masculinidade e feminilidade dentro de uma comunidade específica, em um dado ponto da história" (Cameron 1996:45).

A teoria de gênero da filósofa americana Judith Butler tem se mostrado útil para as pesquisas de linguagem e gênero. Butler, em seu clássico livro *Gender Trouble* (Butler 1990), propõe uma subversão na forma de pensar o conceito de identidade considerando a noção de *performatividade*. Conceito familiar à lingüística, introduzido pelo filósofo John Austin (1962), refere-se ao fato de que a linguagem não se limita a descrever uma ação, situação ou estado de coisas, mas que os enunciados lingüísticos realizam ações. Ao considerarmos a proposição "Maria é mulher" como sendo descritiva (ou *constativa*, na denominação de Austin), estamos afirmando que a feminilidade de Maria pré-existe à

proposição que a descreve como sendo mulher. O grande *insight* de Austin, no entanto, é o de nos ter alertado para o fato de que alguns enunciados não descrevem um estado de coisas pré-existentes, mas fazem com que coisas aconteçam. Em um sentido mais amplo, todas as proposições podem ser consideradas performativas, mesmo que indiretamente, uma vez que a aparente descrição de um estado de coisas pode indicar, por exemplo, a atitude do falante em relação à veracidade da proposição, que já é um enunciado performativo (“Eu acredito que...”).

Para Butler, a identidade de gênero é *performativa*. Butler considera que gênero é um efeito produzido a partir da reiteração no tempo de certos *atos* culturalmente considerados como constituintes de uma determinada identidade. "A *performatividade* não é, assim, um "ato" singular, é sempre uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas" (Butler 1999:167); e pelo fato de exigir o estatuto de ato ocorrido em tempo presente, ela acaba por esconder ou dissimular as convenções de que é repetição:

Gênero é uma estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de um quadro altamente regularizador, atos esses que se solidificam com o passar do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie natural de ser (Butler 1990:33).

Por conseguinte, "ser mulher" é uma forma de "citationalidade"³², ou seja, a reiteração de diversas práticas que definem cultural e historicamente feminilidade: o modo de vestir, o tipo de trabalho, o uso da linguagem, etc. Além disso, para Butler a *performatividade* não é teatral, como usar uma máscara; não há, de forma alguma, a conotação de um forma de sujeito pré-existente "instrumental e dotado de vontade", um

³² “Citationalidade” é um conceito desenvolvido por Derrida (1991) que afirma que a escrita se caracteriza pela repetibilidade e pela capacidade de poder ser retirada de um determinado contexto e inserida em outro. A produção da identidade se dá, assim, como a repetição – de forma *citacional* – de certos enunciados e atos performativos.

sujeito capaz de fazer escolhas. Butler acentua, por exemplo, que a *performatividade* de gênero não significa, de modo algum, que "existe um alguém que, ao despertar, faz uma verificação e decide qual "sexo" assumirá hoje" (Butler 1999:166). Citando Derrida, Butler deixa claro que o poder do performativo não é só função do poder do sujeito:

Um enunciado performativo poderia ser conseguido se a sua formulação não repetisse um enunciado "codificado" ou iterável, dito de outro modo, se a fórmula que pronuncio para abrir uma sessão, lançar um barco ou casamento não fosse identificável como conforme a um modelo iterável, se, portanto, não fosse identificável de qualquer maneira como "citação"? (...) Nesta tipologia a categoria de intenção não desaparecerá, ela terá o seu lugar, mas a partir deste lugar, não poderá mais comandar todo o sistema e toda a cena da enunciação (Derrida 1991 [1972]:368-369)

Ao contrário, os sujeitos não escolhem uma identidade, antes são para ela "convocados" pelos discursos reguladores da sociedade. Para Butler, no entanto, existe a possibilidade, ainda que paradoxal, de certa resistência e, conseqüentemente, de mudança, através do questionamento, e da contestação da reiteração:

(...)é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma." (Butler 1999:163-164).

Dessa forma, Butler não considera que as pessoas estejam fadadas a repetir eternamente comportamentos aprendidos na infância, mas considera que sejam capazes de transgredir, subverter e reagir contra o tipo de comportamento de gênero considerado "adequado". Os indivíduos são produtores e não simples reprodutores dos comportamentos de gênero podendo usar a consciência que têm das significações de gênero atribuídas às diferentes formas de falar e agir para a produção de uma variedade de efeitos. Cameron (1999) nos dá um exemplo disso, ao mostrar que estudantes universitários do sexo

masculino se utilizam de uma forma de conversar relacionada às mulheres (a “fofoca”) na construção de sua masculinidade.

Os questionamentos a respeito do caráter ontológico do gênero não nos levam ao extremo de considerar "gênero" como uma categoria vazia, ou mesmo que não haja diferenças de gênero. Também Freed (1996) nos lembra a importância que o sistema de gênero tem em nossa sociedade, atuando como uma verdadeira "lente" (Bem 1993) através da qual vemos o mundo. Assim, embora a categoria "mulher" não seja algo coerente, não podemos ignorar o fato de que, a todo momento, pessoas são classificadas como "mulheres" e (pré)juízos são feitos a partir dessa classificação. "Enquanto os indivíduos em nossa sociedade sentirem a necessidade de enfatizar as diferenças de sexo e gênero e a professar a existência de identidades de gênero estáticas, sobre-generalizações (*overgeneralizations*) e preconceitos irão persistir". (Freed 1996: 70). O que deve ser reconsiderado é a polarização simplista entre masculino e feminino, bem como a suposição de que o gênero opera no nível individual. Ao contrário, precisamos conhecer as formas com que o gênero opera no nível de um sistema que é institucionalizado e que opera através de estereótipos e suposições sobre a realidade.

É necessário, então, examinarmos o que Butler denomina "quadro altamente regularizador" (e aí se incluem expectativas sociais, estereótipos, etc.) sob o qual os gêneros são construídos, acomodados ou resistidos. Para tal, a análise deve-se voltar para a construção de gênero em práticas discursivas particulares e específicas (no trabalho, na escola, nos tribunais, etc.), atentando sempre para o pano de fundo, ou seja, para “os fortes estereótipos sociais e as atribuições de gênero que nos são imputados” (Bergvall 1999:283).

Fairclough (2003) distingue, na construção da identidade, os aspectos sociais (identidade social) dos pessoais (personalidade ou identidade pessoal), e considera que

embora o discurso tenha papel importante na construção da identidade, há processos de identificação que se baseiam muito na "autoconsciência", a consciência que o indivíduo adquire de si durante a vida, e que é pré-condição para a identificação social..

Como derivação das considerações acima, Bergvall (1999) conclui que as pesquisas na área de linguagem e gênero deveriam: a) reconhecer que o gênero não é fixo nem pré-existente, ou seja, trata-se de "um verbo dinâmico e não um substantivo estático" (Eckert e McConnell-Ginet 1998 [1992]); b) considerar como o gênero interage com outros aspectos da identidade social (raça, profissão, preferência sexual, entre outros); c) desafiar as generalizações sobre variações de gênero baseadas em estudos de pequenas populações; d) empreender análises que vão além do nível textual, mas que considerem o papel das expectativas da sociedade e dos estereótipos de gênero.

Volto agora às considerações de Sherry Turkle sobre as identidades em mundos virtuais com que iniciei este capítulo. Turkle entende que as redes de computadores são a personificação das teorias pós-estruturalistas da fragmentação do indivíduo. Embora considere que a identidade seja construída socialmente, e em relação com as outras identidades que são construídas no mesmo ambiente, não há por parte da autora qualquer menção às forças coercitivas que são impostas aos sujeitos e às relações de poder que fazem com que a construção da identidade de gênero ou qualquer outra, seja um ato político (cf. Rajagopalan 2002:16). Embora descrevendo identidades multifacetadas, essas são "personagens", como papéis que um ator desempenha, mas há por trás de todas elas um "eu" que é quem está sentado à frente da tela do computador e que manipula todas elas, de acordo com sua livre vontade. Ela cruza fronteiras de gêneros (criando personagens transsexuais, *drags*, etc.), mas sempre a partir da distinção dicotômica do gênero biológico: homem-mulher. Isso vai de encontro à posição de Butler, para quem a construção de

gênero não se dá de forma voluntária, mas é pré-condição para o indivíduo pensar, viver e compreender o mundo (Paasonen 2000).

3.3 Performatividade e comunicação mediada por computador

Como mencionei anteriormente, o ciberespaço oferece algumas possibilidades para que as pessoas experimentem a fluidez não somente de gênero, mas de qualquer outro aspecto do *self* de forma teatral, ou como "performance". Sherry Turkle (1995), como foi afirmado, usa o sistema operacional Windows como uma metáfora para se pensar sobre a identidade como múltipla e descentrada: o *self* pode, ao mesmo tempo, existir em vários mundos e representar papéis diferentes. Nas realidades virtuais da Internet, Turkle considera que a metáfora pode ser estendida:

Em comunidades virtuais, usava a linguagem para criar diversos personagens (alguns com meu gênero biológico, outros não). Minhas ações textuais eram minhas ações - minhas palavras faziam coisas acontecerem. Em diferentes comunidades, eu tinha rotinas diferentes, amigos diferentes, nomes diferentes. E as *personas* on-line diferentes estavam expressando diferentes aspectos do meu *self*. (Turkle 1995: serial)

É importante, no entanto, fazer uma distinção entre "performance" e "performatividade". Ao atuar como diferentes "personagens" e assumir diferentes "personas" on-line, Turkle pressupõe o gerenciamento da ação, uma vez que tudo se dá como em um jogo, ou seja, como atividade intencional e consciente de um *eu* que está por traz da tela. Mas como foi dito, identidade de gênero como "performatividade" é, para Butler, a "reiteração de atos dentro de um quadro altamente regularizador"; ou seja, ela impõe limites e condiciona as próprias possibilidades da criação dos diversos personagens.

Na comunicação mediada por computador, como Rodino (1997:14) aponta, há certos ambientes virtuais em que esse tipo de "performance" se dá de maneira mais óbvia,

uma vez que, nestes tipos de CMC, a criação de “personas” é um dos objetivos do jogo. A construção discursiva do gênero tem sido estudada nestes ambientes lúdicos, em que uma pessoa tem a possibilidade de escolher um *nickname* que pode ser relacionado a uma *persona* do sexo masculino, feminino ou "sem-gênero" (como acontece no IRC e em salas de bate-papo em geral (Reid 1991; Bechar-Israeli 1995; Danet 1996; Danet *et.al.* 1996) ou escolhe um personagem (como acontece nos MUD's). A respeito deste último, Bruckman afirma:

Quando uma pessoa entra em um MUD pela primeira vez, ele ou ela cria um personagem. A pessoa seleciona o nome e gênero do personagem, e escreve uma descrição de sua aparência. Existe a possibilidade de a personagem ser masculino ou feminino, independente do gênero do jogador. (Bruckman 1993:2).

O software MOO (uma variedade de MUD) é programado para aceitar uma variedade de gêneros: além dos tradicionais "feminino" e "masculino", pode-se escolher entre "neutro", "qualquer um", "Spivak", "splat", "plural", "egoísta", "majestade" (como em "nós" de majestade), "2º", e "pessoa". Como Danet mostra, cada um desses "gêneros" tem seu conjunto de pronomes; alguns são familiares: para "neutro" os pronomes são os da forma neutra da 3ª pessoa em inglês ("it, its, itself") mas outros se aproximam de formas de linguagem “não-sexista”, no caso de "qualquer um", o jogador será representado, consistentemente, por "s/he, him, her, his/her, his/hers, him/herself" e assim por diante. (Danet 1996:10).

Rodino (1997) tenta ir mais além na análise do processo de construção de gênero no canal IRC, além do ponto em que os jogadores selecionam seus *nicknames* ou personagens. Ela toma o conceito de gênero como um processo contínuo que não tem um fim: "uma pessoa pode bater na porta como mulher e entrar na sala como mulher, mas para continuar a aparecer como mulher, a pessoa tem de continuar a fornecer pistas que significam mulher"

(Rodino 1997:10). Para mostrar as complexidades do desempenho de gênero, Rodino analisa 45 minutos de uma sessão de bate-papo em um canal de IRC afirmando que os estilos conversacionais descritos como facilitativo/controlador (Fishman 1983), "rapport/report" (Tannen 1990) ou pessoal/autoritário (Herring 1993) não são apropriados para descrever os enunciados de uma das participantes. A pessoa - que escolhe um *nickname* feminino (Ginger) bem como pronomes femininos para se referir a si mesma - utiliza enunciados multifuncionais que, de acordo com Rodino, "quebram as dicotomias de gênero" e "caem fora das fronteiras" da linguagem feminina descrita por Lakoff (p.13).

O trecho apresentado por Rodino é reproduzido abaixo, com tradução minha³³:

754. * ginger is VERY BORED!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
ginger está MUITO ENTEDIADA
759. Why is ginger bored?
por que ginger está entediada?
762. * grigg asks why ginger is bored.
grigg pergunta por que ginger está entediada
763. * ginger has no one ot talk to
ginger não tem com quem conversar
765. * Gump wants to entertain ginger
Gump quer distrair ginger
766. hi ginger
oi ginger
767. How is ginger tonite?
Como vai ginger esta noite?
775. * Gump belly dances for ginger, hehehe
Gump dança a dança do ventre para ginger, hehehe
777. * ginger is bored and tired....anyone know of a comfy bed i can nap in?
ginger está entediada e cansada... alguém sabe de uma cama confortável para eu cochilar?
778. ginger are you in school?
ginger você está na escola?
784. wanna nap in mine ginger?
quer dormir na minha ginger?
786. hehehe
hehehe
790. hehe
hehe
792. * Gump wonders
Gump fica pensando
794. * Gump thinks where ginger can stay

³³ Os números referem-se à marcação de linha do original, conforme consta no artigo citado.

- Gump pensa onde ginger pode ficar*
798. well, at three naps a day and 30 days a month that means i can sleep with
bom, com três cochiladas por dia e 30 dias por mês quer dizer que eu posso dormir com
799. all of you.....hehe
vocês todos.. hehe
802. Ginger!
Ginger!
804. *** mrhappy (abc@def.edu) has joined channel #talk
mrhappy (abc@def.edu) entrou no canal #talk
805. Gump!
Gump!
806. really! when will u sleep w/ me ginger
de verdade! quando você vai dormir comigo ginger
808. hehehehehehehe
hehehehehehe
809. howdy mrhappy can i make you happier?
tudo bem mrhappy como posso fazer você mais feliz?
810. ginger!
ginger!
811. :)
815. hmmmmm let me get my calendar
hmmmmm deixa eu pegar minha agenda
819. * ginger gets out her day planner
ginger tira sua agenda
820. i'll pencil u in
vou te agendar
824. * Gump snatches ginger's planner away
Gump arranca a agenda de ginger
831. * Gump writes his name all over gingers planner
Gump escreve seu nome na agenda inteira
832. hehehe
hehehe
839. * ginger snatches it back.....
ginger toma de volta.....
841. looks like your goin to be busy ginger
parece que você vai estar ocupada ginger
844. * bbob snatches ginger
bbob toma ginger
847. * Gump thinks ginger will be happy
Gump acha que ginger vai ficar feliz
851. * grigg smiles at ginger...
grigg sorri para ginger...
853. * ginger likes the attention....finally not bored
ginger gosta da atenção... finalmente não está entediada
856. * Gump gets ginger back
Gump retorna para ginger
858. HI GINGER, I PREFER MARY ANNE BUT YOU'LL DO
859. FOR NOW.
Oi Ginger, eu prefiro a Mary Anne mas você vai servir por agora
865. * Gump knows what ginger's belly look likes
Gump sabe como é a barriga de ginger
867. * ginger wonders what gump has in mind
ginger se pergunta o que gump tem em mente

Segundo a análise de Rodino, na linha 754 acima, Ginger facilita a conversação através de um enunciado do tipo "rapport" (Tannen 1990), enquanto mantém o controle conversacional (Fishman 1983). Ela também utiliza o estilo "report", definido como sendo o uso da linguagem para "ficar no palco", obter e manter atenção. Assim, para Rodino, o enunciado de Ginger opera "de forma a sobrepor as categorias binárias descritas nos estudos de Tannen e Fishman" (p.13)

Ademais, Rodino considera que a asserção da linha 754 ("ginger is VERY BORED") revela tanto a orientação autoritária quanto a pessoal (referindo-se a classificação adotada por Herring 1993), uma vez que descreve um estado "como se um narrador onisciente comentasse sobre o estado de ginger" (p. 13), mas também faz um comentário pessoal, a respeito dela mesma. No entanto, os estilos dicotômicos propostos por Herring ao analisar mensagens de homens e mulheres em listas de discussão, não são descritos como monolíticos e invariáveis. Embora afirme que 68% das mensagens de mulheres contêm uma ou mais características de o que denomina "linguagem feminina", Herring também afirma que 46% das mensagens enviadas por mulheres apresentam uma combinação de estilos retóricos feminino e masculino. Ela afirma que isso se dá devido ao fato de que as mulheres "precisam empregar algumas das características da "linguagem masculina" para que sejam levadas a sério enquanto acadêmicas, e algumas características da "linguagem feminina" para não serem consideradas desagradáveis ou agressivas" (Herring 1993:10).

Herring considera que também na comunicação síncrona (salas de bate-papo do canal IRC) esse estilo interacional duplo é utilizado pelas mulheres, mas ela claramente afirma que nem todos os participantes adotam os estilos característicos tanto do feminino (apoio) quanto do masculino (oposição) (Herring 2000).

A análise de Rodino, a meu ver, confirma o que já foi dito sobre as diferenças de estilos conversacionais de homens e mulheres: que não são "construtos monolíticos" nem são invariáveis e claramente determinados; como Cameron afirma: "as pessoas desempenham gênero de formas diferentes em contextos diferentes, e algumas vezes se comportam de uma maneira que normalmente iríamos associar ao 'outro' gênero" (Cameron 1999:272). Conseqüentemente, a construção do gênero envolve estratégias diferentes nos diferentes tipos de interação que nos engajamos, e têm de variar, por exemplo, em um domínio público ou privado, ou de acordo com a posição social que a pessoa ocupa no momento da interação.

O desempenho de feminilidade de Ginger não é diferente do esperado: primeiramente, ela compartilha da visão de mundo dominante a qual vê as relações heterossexuais como sendo a norma. Como Rheingold (1993) argumenta, adultos são atraídos para as salas de bate-papo da Internet por uma promessa de fantasia e divertimento. Normalmente, há uma maior quantidade de homens (ou seja, de pessoas que se identificam como homens) nessas salas, como é o caso da sala analisada por Rodino; e a atenção dada a mulheres é, em sua maioria, de natureza sexual (Bruckman, 1993). Segundo Bruckman, homens e mulheres reconhecem que as mulheres são mais assediadas, e que ambos tomam partido da situação. Ao dizer que está muito entediada ("ginger is VERY BORED"), Ginger convida aos demais a ajudá-la a mudar esse estado, atraindo a atenção não porque está sendo assertiva ou autoritária, mas porque é o único participante da sala que se apresenta como mulher e se mostra disposta a interagir com os outros participantes (que se apresentam como homens).

Ginger obtém a atenção de grigg que faz uma pergunta ("why is ginger bored"), a qual Ginger responde dizendo que não tem com quem conversar, o que pode ser entendido como um convite. Gump, então, entra na conversa voltando-a mais explicitamente para o

lado sexual, ao se oferecer para dançar a dança do ventre para Ginger. Neste ponto, Ginger continua desempenhando a feminilidade, ao mostrar-se frágil, afirmando que quer uma cama para dormir. Na linha 784, um outro personagem masculino se une à conversação, oferecendo sua cama para Ginger, de maneira que ela agora interage com três personagens masculinos, e propõe uma solução para dormir com todos eles: bom, "com três cochiladas por dia e 30 dias por mês quer dizer que eu posso dormir com vocês..hehe". Assim que um outro personagem masculino entra na sala (linha 804), Ginger o envolve na conversa, oferecendo a torná-lo mais feliz. A conversa continua de forma insinuante, que agrada a Ginger (linha 853: "ginger gosta da atenção"), e ela finalmente conclui que não está mais entediada.

3.4 Enfim, o gênero é real?

Para Rodino, pensar o gênero como sendo construído no discurso, e não como algo pré-existente, não contradiz os resultados das pesquisas que mostram que homens dominam as interações on-line. Ela parafraseia o que foi afirmado nessas pesquisas dizendo que "os participantes que se apresentam de forma masculina têm mais poder do que aqueles que se apresentam de forma feminina" (p. 20). Na verdade, ela considera que o sistema binário de gênero, descrito por pesquisadores da CMC, é "real" no sentido que seu efeito é real: a opressão da mulher, como a que ocorre nas listas de discussão analisadas em vários estudos. Também Herring justifica sua forma de estudar questões de gênero na comunicação on-line dizendo:

...descrever as diferenças de gênero não é necessariamente incompatível com os ideais feministas ou de igualdade. Muito pelo contrário, as diferenças que reproduzem padrões de dominação devem ser nomeadas e compreendidas, para que a desigualdade não se perpetue e seja recriada através da ação a-crítica de scripts familiares. (Herring 1999 [1996]:243)

Outros pesquisadores adotaram uma posição semelhante, considerando que "não importa o que dizemos a respeito da inadequação ou perversidade das concepções de gênero essencialista e dicotômica, (...), na vida cotidiana, frequentemente, o gênero é "essencial" (Holmes e Meyerhoff 2003:9). Os analistas que consideram o gênero como uma categoria social identificável justificam sua posição pelo fato de que a maioria das pessoas compartilha de uma noção de gênero comum, às vezes intuitiva, que está bem viva em nossa sociedade, e que, se a forma não-essencialista de pensar gênero e linguagem for levada ao extremo, o próprio campo dos estudos de gênero e linguagem não existiria (Holmes e Meyerhoff 2003).

Como bem afirmam Eckert e McConnell-Ginet (2003) essas são questões delicadas uma vez que, ao focalizar questões da dominação masculina na pesquisa de gênero e linguagem, tendemos a ofuscar o fato de que o gênero é fluido e construído na interação; mas ao tomarmos gênero como fluido, ofuscamos o peso repressor do sistema que não o considera como tal (p. 80). Para essas autoras, o gênero tem de ser tomado "em toda sua glória" (p. 90), ou seja, em sua relação inextricável com todos os outros aspectos e experiências da vida. Além do mais, todos temos um conjunto de práticas de linguagem que são nossos recursos para construirmos nosso gênero e enquanto esses recursos, assim como a ordem de gênero imposta por nossa sociedade, impõem restrições e limites; cabe a nós decidirmos até que ponto nos permitir "sermos limitados" (p.307).

Dessa forma, parece não haver um método ideal para a pesquisa em linguagem e gênero, mas é preciso lançar mão de uma gama de "abordagens" qualitativas que levam em consideração o significado cultural da categoria gênero social bem como suas dimensões psico-sociológicas.

Nos próximos capítulos, apresento uma análise qualitativa de páginas pessoais da Internet, tomando os recursos da análise crítica do discurso, da pragmática e da sócio-

lingüística interacional, de maneira a descrever algumas formas com que indivíduos constroem-se como mulheres. Para tal, este estudo ocupa-se do exame de fatores pragmáticos, discursivos e sócio-cognitivos que concorrem para a construção da "feminilidade" na sociedade brasileira neste início do século XXI.

CAPÍTULO 4 –

Construindo identidades nas *web- pages* pessoais

If we believe that the self is constructed out of the doing of things, then the new thing to be done, for instance construction a personal Website, will give the possibility of new aspects of the self. The opportunity to make a complex, multi-layered, but controlled presentation – the hypertext self – does raise new possibilities for how people can think about themselves and get others to think about them.
Miller e Arnold

As *web pages* são como vitrines pessoais, em que os indivíduos, através de recursos multimeios, têm possibilidade de publicar o que desejarem para um grande número de pessoas que frequentam o ciberespaço. Muitas vezes de maneira fácil e rápida, os interessados podem mostrar uma - ou várias - de suas “faces” para um público potencialmente universal. Entendo, como Thomas Erickson (1996), que essas páginas pessoais não estão sendo utilizadas somente para publicar informações mas para construir identidades, sendo a informação somente um efeito colateral. Ele afirma: “uma página pessoal é um retrato da pessoa construído com muito cuidado” (serial).

As *web pages* pessoais oferecem um novo tipo de identidade virtual que tem suas raízes nos interesses e relações sociais do autor. Chandler (1998) afirma: “podemos considerar o processo de criação de uma *home page* pessoal como construção de identidade na medida em que ela mostra os tópicos, os pontos de vistas, as pessoas que o autor considera significantes” (serial). Para o autor, os elementos das páginas pessoais que respondem à pergunta “Quem sou eu?” são os seguintes: 1) estatísticas pessoais, dados biográficos; (2) Papéis sociais; (3) qualidades pessoais, de que gosta e de que não gosta (incluindo *hobbies*); (5) idéias, valores, crenças, e causas (religiosas, políticas, filosóficas); e (6) amigos, conhecidos e ícones pessoais.

Nenhuma outra modalidade de comunicação mediada por computador é mais apropriada para o preenchimento das necessidades contemporâneas da construção da identidade, afirma Döring (2002), para quem, por um lado, busca-se a diferenciação, mas por outro há que se estabelecer coerência e significado:

A construção de uma página pessoal promove uma resposta sistemática à crítica pergunta "Quem sou eu?" e comporta a internalização de respostas individuais. Isso é particularmente válido no caso de nossas sub-identidades marginalizadas, que são capazes de se definir de uma maneira auto-determinada na Internet, e de serem conectadas a outros aspectos do self. (Döring 2002:serial)

Neste capítulo, apresento um perfil das autoras das *web pages* pessoais e dos motivos que as levaram a construir e publicar na Internet suas páginas. Em seguida, procuro determinar como os indivíduos aqui estudados utilizaram-se dos recursos que o meio digital, e mais especificamente que as *web pages* pessoais, oferecem para que as identidades fossem construídas. Dentre esses recursos, analiso a forma de apresentação pessoal, a hipertextualidade, a interatividade, e os recursos não-verbais, principalmente as fotografias.

4.1 Dados pessoais

O *corpus*, como já foi anunciado, é constituído de 54 *web pages* de mulheres brasileiras, de diferentes idades, profissões, nível de escolaridade, estados civis, religiões, cidades. São também diferentes os objetivos pelos quais elas criaram e mantêm suas *web pages*. No entanto, podemos observar que há similaridades entre elas, uma vez que todas parecem ser mulheres de classe média, urbanas, e com alto grau de escolaridade.

Analisando os textos apresentados nas *web pages*, verifica-se que as autoras fornecem dados pessoais relativos a: nome (em 100%³⁴ das *web pages* analisadas), lugar de nascimento e/ou de residência (80%), ocupação (80%), idade e/ou data de nascimento (70%), estado civil (40%), filhos (30%), signo do zodíaco (22%), religião (15%), time de futebol de preferência (10%) e altura e peso (10%), entre outros. Apresento, a seguir, mais detalhes desses dados.

³⁴ Os valores percentuais aqui apresentados são aproximados, e não tiveram qualquer tratamento estatístico.

4.1.1 Nome

Em todas as *web pages* analisadas, há indicação do nome da autora logo no início da página, muitas vezes no título mesmo que escolhem para sua *home page*. Entre vários exemplos, encontramos:

- 1) Home Page da Bárbara (WP 4)
- 2) Didica Home Page (WP 25)
- 3) Pagina da Tati (WP 26)
- 4) The Personal Page of Ana Luz (WP 28)

Na maioria das páginas (84%), encontramos novamente o nome logo no primeiro parágrafo, como predicativo das orações *Meu nome é ...* (28 vezes), *(Eu) sou (a) ...* (5 vezes), *Aqui é a ...* (1 vez). Há também ocorrências de *Chamo-me* e *Me chamo*. O nome da autora também aparece como tópico nas apresentações pessoais em forma de “perfis”. Parece haver disposição, por parte das autoras, em informar dados comprováveis, que as liguem à vida “real”, uma vez que quase 60% das autoras informam seus nomes completos, com sobrenomes, enquanto que apenas 3 delas (5,5%) informam somente o apelido.

4.1.2 Idade

As autoras declaram sua idade quer através do número de anos ou de sua data de nascimento. Elas se enquadram numa ampla faixa etária, tendo a mais jovem 16 anos e a mais velha 50 anos (data de nascimento 24/10/1954³⁵). Mais da metade das autoras (54%) que declaram sua faixa etária se encontra na faixa entre 21 e 30 anos; 18% entre 16 e 20 anos; 15% entre 31 e 40 anos e 12% entre 41 e 50 anos.

³⁵ Em 2004

4.1.3 Escolaridade e profissão

Das 44 autoras (mais de 80% do *corpus*) que informaram sua profissão e/ou ocupação, 22 possuem curso superior completo e exercem as mais variadas profissões: duas são administradoras de empresas, duas são administradoras de sistemas de informação, duas são enfermeiras, três são professoras, duas são licenciadas em Letras, e as restantes declaram ter as seguintes profissões: economista, contadora, bacharel em ciência da computação, engenheira elétrica, médica, dentista, pedagoga, escritora e tradutora, licenciada em História, licenciada em Matemática. Entre as demais, 19 são estudantes, sendo que uma faz curso técnico de enfermagem, três cursam o ensino médio (uma delas além de cursar o ensino médio é promotora de vendas), e 15 estão cursando o ensino superior: quatro estudam jornalismo, duas enfermagem, e as demais: administração de empresas, artes cênicas, nutrição, psicologia, engenharia de computação, medicina veterinária e música. Há três autoras que não declaram sua formação educacional, mas que afirmam exercerem profissão remunerada: uma recepcionista, uma funcionária de uma empresa de carga e uma funcionária pública.

O alto nível educacional, diferente do perfil nacional³⁶, se mostra também no número de autoras que fazem pós-graduação: duas cursam o mestrado e três cursam doutorado (uma em engenharia elétrica, uma em enfermagem e uma em história antiga). Mesmo em uma profissão tradicionalmente ligada ao universo feminino, como a enfermagem, essas mulheres não se igualam ao perfil médio das mulheres no Brasil, pois uma tem mestrado concluído, uma está cursando o doutorado, e a outra, que é técnica em medicina de emergência, é formada também em Administração de Sistemas de Informação.

³⁶ Pesquisa por amostragem realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo, em outubro de 2001, revelou que apenas 6% das mulheres brasileiras freqüentam ou freqüentaram a universidade, sendo que somente 1% em nível de pós-graduação (foram entrevistadas 2.502 mulheres de 15 anos ou mais, em 187 municípios de 24 estados brasileiros) (Venturi et al. 2001).

4.1.4 Estado civil e vida familiar

Somente sete autoras (13%) se declaram casadas, três se dizem solteiras e duas, divorciadas. Na grande maioria das *web pages* (34) não há referência explícita ao estado civil da autora, mas em oito delas há referência a um namorado (cinco afirmam tê-lo, dois afirmam estar sem, e uma se diz à procura).

Das casadas, cinco têm filhos (três com 2 filhos, duas com 1 filho). Três outras autoras mencionam os filhos: a da WP 33 afirma ter quatro filhos e um neto, mas não faz referência a seu estado civil; a da WP 41 se diz solteira e mãe de três filhos e a da WP 1 afirma ser divorciada e ter dois filhos.

4.1.5 Religião

Há somente uma menção à religião católica (WP 26), que se coloca como a não-marcada, uma vez que é a religião predominante no país; as outras religiões citadas são: espiritualista ou kardecista (duas autoras), membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (uma autora), evangélica (três autoras) e cristã (uma autora). Uma autora se diz praticante de uma forma de bruxaria denominada Wicca (WP 20). Nas *web pages* em que a autora se diz evangélica ou cristã, sempre há uma referência a Deus, como nos exemplos abaixo:

5) Meu MAIOR amor = DEUS (WP 53)

6) Buscai o Reino de Deus e a sua justiça e todas as outras coisas vos serão acrescentadas. Mateus 6:33 (WP 45)

7) Nasci em berço evangélico, isto é, quando nasci, meus pais já eram evangélicos conheci assim, a Palavra e o temor a Deus muito cedo (WP 38)

4.1.6 Signos do Zodíaco

Doze autoras (22%) informam seus signos do zodíaco (algumas com o “signo ascendente”) como parte de suas características pessoais, muitas vezes pressupondo que os leitores compartilhem do conhecimento sobre o significado e características dos signos. Na WP 35, a autora completa a oração “como eu sou...” da seguinte forma: “VIRGINIANA... PRECISO DIZER MAIS???”, considerando que essa informação seja suficiente para que o leitor possa imaginar como é sua personalidade. A autora da WP 51, que declara que “curte Astrologia e fazer Mapa Astral para amigos e outros ainda a se tornar...”, é bem específica a respeito do seu signo: “Sol em Libra, Ascendente Escorpião, Lua em Touro”. Outras autoras também usam o signo do zodíaco como dado para que o leitor construa uma imagem a seu respeito, mas explicitam um traço da personalidade que é característico do signo do zodíaco ao qual pertencem:

8) Meu signo é Libra, com ascendente em Libra (isso significa que sou terrivelmente indecisa :->), (WP 30)

9) Sou canceriana e como tal sou ciumenta, um pouco tímida às vezes (WP 42)

4.1.7 Raça/etnia

Há poucas referências diretas à raça ou etnia da autora, somente uma se declara negra (WP 41), colocando entre parênteses a observação que seus amigos a consideram morena, mas que, para ela, “não existe esse tipo de definição: ou se é branco, ou negro, ou mestiço”. Outra autora (WP 40), que não faz afirmações diretas a esse respeito, nos fornece indícios que, a meu ver, a constroem também como uma pessoa da raça negra. Em um trecho de sua apresentação pessoal, ela se diz preocupada com a questão do negro no país e ainda comenta “O negro é um vencedor, chegou sem ter para onde ir e muitas vezes hoje ele que

é o doutor", afirma também que admira o líder americano Luther King e o ator negro brasileiro Lázaro Ramos, que tem se destacado nos últimos anos na televisão e no cinema. Logo a seguir, como legenda de uma figura representando escravos negros do Quilombo de Palmares, escreve: "Essa figura acima é uma espécie de homenagem aos meus antepassados".

Há também outras referências aos antepassados, a autora da WP 49 se diz descendente de japonês (o que se pode também notar pelo seu sobrenome claramente japonês e também pela foto), a da WP 44 faz um pequeno relato de seus antepassados e a da WP 33 utiliza-se da sua *web page* para mostrar sua família e antepassados:

10) Minha descendência (*sic*) é italiana com brasileiro . A família da minha mãe é toda da Itália (Sicília - meus avós e bisavós, pois tataravós são da Arabia Saudita e Escócia) e do meu é um pouco indígena, um pouco brasileira mesmo. É uma salada de cores, raças e nações. (WP44)

11) Saber de onde viemos, conhecer quem são os tataravós, bisavós, avós, tios, primos são coisas tão importantes! Daqui desta página passarei a mostrar um pouco da família de meus pais. (WP33)

No restante das páginas, a cor e o tipo físico podem ser, muitas vezes, inferidos pelas fotos, que aparecem em grande número das *web pages* (como mostrado no item 4.5). De fato, as autoras são mulheres brancas ou "pardas"³⁷, com exceção da WP45, em que aparece na foto uma mulher negra.

4.1.8 Local de origem e residência

O lugar de nascimento e/ou residência é um dado bastante citado pelas autoras e nota-se que todas moram em zona urbana, em todas as regiões do país. Quase um quinto delas afirma morar em cidades do interior de São Paulo e uma na capital. O Rio de Janeiro

³⁷ Pardo é uma das denominações utilizadas pelo IBGE para classificação racial no Censo. Quase 40% da população brasileira se declara parda, segundo dados do último censo.

aparece como a cidade de residência ou origem de mais autoras (quatro), mas o interior do estado do Rio também aparece em duas *web pages*. Minas Gerais e Espírito Santo também são locais de residência citados no *corpus*. Há duas autoras, originárias da Bahia, que no momento relatado nas *web pages*, residiam no exterior, uma em Zurique, e outra em Boston. Há, no entanto, uma autora que declara morar em Salvador e uma em Plataforma (subúrbio de Salvador). Da região Nordeste também aparecem Natal e Recife, e da região Norte há uma autora de São Luiz e uma do Pará. Já no Sul, há três autoras de Porto Alegre, uma residindo em Torres (RS), uma de Florianópolis, uma de Cascavel (PR) e uma em Foz do Iguaçu. Por fim, na região Centro-Oeste, uma autora reside em Brasília e uma em Poconé (MT).

4.2 A apresentação pessoal

Denomino “apresentação pessoal” um texto que a autora apresenta na primeira página de sua *web page*. Não há uma fórmula fixa para essa apresentação, e de fato, analisando as páginas do *corpus*, notamos que o texto se apresenta de formas diversas. Na grande maioria das páginas analisadas (mais de 80%), as autoras utilizam gêneros textuais híbridos que, no entanto, se assemelham a uma carta pessoal ou, em termos de comunicação mediada por computador, a um *e-mail* de apresentação pessoal.

Dos textos analisados, quase a metade se inicia com uma abertura em forma de saudação: encontramos assim 6 ocorrências de *Oi!*, 5 de *Olá!*, 1 de *Boa noite!* 5 de *Bem Vindo!* e suas variações e uma de *Muito prazer*. Não há, como seria o caso em um *e-mail* pessoal, a indicação do nome do destinatário, uma vez que a *home page* é uma forma de comunicação de um-para-muitos, e a autora sabe que, a princípio, sua página pode ser lida por qualquer internauta. Entretanto, algumas autoras se dirigem diretamente a esse leitor

que pode ser qualquer um que chegue a sua página pelos caminhos mais diversos. Simone, na WP 14, saúda o internauta: *Caros Internautas*; já Kátia personaliza sua saudação: *Caro Amigo Internauta* (WP 36) e Ângela se dirige a um universo maior: *Boa noite a todos!* (WP 15).

O corpo do texto é o lugar em que, como na carta pessoal, há o desenvolvimento dos tópicos discursivos. As autoras das *web pages*, em sua maioria, projetam um leitor que pouco compartilha de suas vidas, o que demanda que façam, logo após a saudação, uma breve apresentação em que incluem os dados biográficos e sócio-culturais indicados acima como nome, idade ou data de nascimento, profissão, local de residência, estado civil, entre outros. É no corpo do texto, também, que encontramos descrições dos gostos e preferências pessoais, dos motivos que levaram a autora a fazer a página, e de outros assuntos que julgam pertinentes. Embora tratando de temas pessoais, o texto não se constrói como monólogo; ao contrário, o leitor é a toda hora envolvido na trama do texto e instigado a participar da interação.

Segue-se então um fechamento, que inclui um ato de fala de agradecimento ou diretivo seguido de uma saudação de despedida. Essas saudações, que ocorreram em 15 *web pages*, incluem: *beijos* e suas variações *beijinhos*, *bjim*, *um beijo azul em seu coração*, *um beijo a todos*; *Um abraço* e *um abraço a todos*; a forma de despedida em inglês *bye!* e frases optativas como *Que Deus seja (sic) com você* e *Fiquem na paz do senhor Jesus Cristo*.

Por fim, nove autoras incluíram em sua apresentação pessoal uma assinatura, assinalando assim, mais uma vez, a autoria do texto. Como assinatura, encontramos na *web page*: primeiro nome (4 ocorrências), primeiro e segundo nomes (2 ocorrências), apelido ou hipocorístico (2 ocorrências) e nome e sobrenome (1 ocorrência).

É importante assinalar que, do *corpus* analisado, somente quatro páginas apresentam a estrutura textual explicitada acima, o que indica que a apresentação pessoal nas *web pages* pessoais não é um gênero textual consagrado e com uma estrutura já pré-determinada. Reproduzo abaixo, a título exemplo, o texto de apresentação de uma *home page* que segue a estrutura textual-discursiva explicitada acima, não apresentando, no entanto, a assinatura da autora³⁸:

12) WP 42:

Abertura	Oi!
Corpo do texto	<p>Pelo visto você tem curiosidade em saber quem é essa Maluka... Bom, me chamo Joana, nasci dia 11 de julho de 1.980 e desde então moro em Santos-SP. Sou canceriana e como tal sou ciumenta, um pouco tímida às vezes, adoro fazer coleções: chaveiros, bichinhos de pelúcia, perfumes, cartas do mundo inteiro. Ihh, são tantas coisas...☺</p> <p>Atualmente estou cursando o segundo ano de Engenharia de Computação na U.X. Eu adoro ouvir música, gosto de Bon Jovi, Titãs, Paralamas, Legião Urbana, Jewel, Enya, Skank, Kid Abelha... Curto cinema também, gosto de filmes de suspense, mistério, terror, aventura, drama, ... Mas prefiro comédia, nada como uma boa risada, não é?</p> <p>Acesso a Internet desde novembro de 1996, sempre pela CW, uma provedora aqui de Santos, e agora pela UOL. Neste tempo conheci muitos internautas, e alguns tornaram-se grandes amigos, e amigas... (não somente virtuais), dentre esses amigos, um se destacou e acabamos virando namorados, estamos a 1 ano e meio e eu me apaixono cada vez mais. Seu nome é Victor e ele também tem uma Home Page.</p> <p>Ah, esqueci de falar o porquê do apelido Maluka... Bom, vou tentar explicar. Nunca fui considerada muito normal pelas minhas amigas e sempre era chamada de doida, maluca, entre outros "apelidos carinhosos". Então resolvi assumir essa loucura publicamente, mas achei que o nick Maluca ia ser muito comum, então coloquei Maluka. Se você quiser ver quem é essa maluca, basta dar uma olhadinha na seção de fotos.</p>
Fechamento	<p>Bom, acho que não falta mais nada.. Mas caso você ainda queira saber algo a meu respeito, me mande um mail...Prometo que terá resposta.</p> <p>Ah, dê uma olhadinha na minha page do ICQ...</p>
Saudação de despedida	Beijinhos...

³⁸ Os textos das *web pages* reproduzidos neste capítulo e no capítulo seguinte foram aqui incluídos sem a formatação original (cor, tipo e tamanho de fonte, alinhamento na página, etc.). A ortografia, sintaxe e pontuação foram reproduzidas como nos originais.

O texto de Joana se assemelha a uma carta pessoal “enviada” a um interlocutor que, embora anônimo, é a toda hora convocado a participar da interação. Nos quatro parágrafos que compõem o corpo do texto, Joana apresenta seus gostos pessoais, suas relações com a Internet e com os internautas, e por fim nos explica algo que pressupõe como sendo uma dúvida do internauta: por que tem o apelido de Maluka, nome usado na designação de sua *home page* (denominada *Page da Maluka*). No 5º parágrafo, Joana finaliza (*Bom, acho que não falta mais nada*) e, tal como em uma carta pessoal, pede a seu leitor que lhe envie uma “resposta” que, no caso seria um e-mail, se ainda restassem dúvidas. A saudação final de Joana (*Beijinhos...*) é também característica de uma carta pessoal e projeta certa intimidade com seu leitor.

Algumas autoras adotam variações ao modelo acima explicitado, incluindo títulos e subtítulos em seus textos, algo pouco comum em uma carta ou e-mail pessoal. Encontramos, assim, títulos para apresentação pessoal, entre eles: *Biografia* (WP2), *Apresentação* (WP3, WP18), *Conheça-me* (WP 7), *Meu estilo* (WP19), *Minha vida* (WP20), *Um pouquinho de mim* (WP33), que se colocam ora em lugar da saudação inicial, ora antes dela. Abaixo, reproduzo um exemplo desse tipo de texto³⁹:

³⁹ As palavras em azul, ou sublinhadas, indicam *hiperlinks*.

13) WP 7:

Título	Conheça-me
Corpo do texto	<p>Chamo-me Ana Maria. Tenho 1,50m, 60Kg, cabelos castanhos claros, olhos verdes, 45 anos, divorciada, formação superior-LETRAS. Trabalho e, nas folgas, gosto de ler, ver TV, assistir a bons filmes, escutar música, passear para conhecer lugares diferentes... e muito mais. Meu sonho é... é... tanta coisa... Ah! Fazer amizades legais na internet, dessas de seguidamente estar em contato via e-mail, chat, ou mesmo o nosso velho e bom correio. Uma amizade duradoura. Ah! De onde sou? Natural de Porto Alegre (amo D+), porém moro em Torres. Coisas da vida... É um bom lugar, também. Ambas fazem parte do mesmo Estado que tanto amo.</p> <p>Esta página foi criada, também, com o intuito de ajudar os internautas iniciantes a "surfarem" com mais facilidade no mundo virtual. Espero colaborar para isso. Periodicamente estou pesquisando bons links em revistas.</p>
Fechamento	Aceito sugestões.
Saudação de despedida	Bye!

Nota-se que a autora não inclui no texto a saudação ao leitor, no lugar, inclui o título de sua apresentação *Conheça-me*. O restante do texto, no entanto, segue a estrutura explicitada acima.

Outra estrutura textual utilizada pelas autoras, encontrada em 11 das *web pages* analisadas, é a que denominei “perfil”. No perfil, as autoras escolhem os tópicos a respeito dos quais querem oferecer informações, e os completam. Alguns tópicos (data de nascimento, profissão, entre outros) aparecem em todos os perfis, mas a própria escolha dos tópicos já muito revela sobre a autora. Abaixo, para comparação, dois exemplos retirados do corpus:

14) WP 21

Nome: Maria Alice
 Aniversário: 17/02/1984
 Profissão: estudante de jornalismo
 Filme: A vida de David Gale
 Música: Pies descalzos

Livro: Don Quijote de la Mancha
Sonho: fazer de meus filhos o que meus pais fizeram de mim
Deus: meu combustível
Saudades: meu defeito! de quase tudo que vivi de bom!
Uma paixão: minha família e amigos
Frase: Dizem violento, o rio que tudo arrasta, mas não dizem quão violentas são, as margens que o reprimem.

15) WP 48:

LUMA

Profissão: Administradora – (nome da Instituição)
Pós-Graduação em Gestão Estratégica – (nome da Instituição)
Aniversário: 13 de abril
Cor: Amarelo
Signo: Áries
Hobbies: Fotografia e filmagem
Felicidade: Minha família
Irmão: Grande Brother Javert
Animal de estimação: Matoso (In Memoriam)
Curtição: Músicas, Literatura e Automobilismo
Sonho: Viajar por todo o mundo
Point: Qualquer lugar bem acompanhada
Mania: Dieta
Adora: Doces
Time de Futebol: [Cruzeiro](#)
Frase: Carpe Diem

As duas autoras informam a profissão, o dia do aniversário, e a frase predileta, mas os gostos e preferências são colocados em diferentes tópicos. Luma nos dá informações quanto a seu irmão (embora um tanto quanto misteriosa), animal de estimação, e signo, e menciona seus passatempos e gostos em diferentes tópicos: “point”, “time de futebol”, “hobbies” e “curtição”. Informa-nos também que tem mania de dieta, mas que adora doces, o que provavelmente é um problema para as dietas. Apesar de afirmar que “curte” música e literatura, não faz como Maria Alice, que indica o nome do livro, do filme e da música que mais gosta. As duas mencionam a família demonstrando, pela escolha do tópico, como as consideram: “felicidade” para Luma e “paixão” para Maria Alice.

Os “perfis” de Maria Alice e de Luma, assim como os textos de apresentação pessoal das outras autoras, se inserem em uma *web page* composta de várias páginas, sendo

assim somente uma das ferramentas utilizadas pelas autoras para responder à pergunta “quem sou eu?”.

No tópico seguinte, apresento os motivos pelos quais estas mulheres decidiram ter, na rede mundial de computadores, uma página pessoal, uma vez que – do total de usuários da Internet - estima-se que somente 10% possuem *web pages*.

4.3 Por que construir uma *web page* pessoal?

Em diversas *web pages*, as autoras explicitam os motivos pelos quais decidiram criar uma página pessoal. Ao mostrar um pouco da vida, dos amigos, dos gostos e desgostos ou, nas palavras de uma autora, “mostrar um pouco a forma como penso, as coisas que gosto que faço ou estudo” (WP9), essas mulheres buscam conhecer pessoas e fazer novos amigos. Esse é o motivo mais citado pelas autoras. A *web page* funcionaria assim como “cartão de visitas” que proporciona a pessoas fora do relacionamento presencial da autora e que nas situações do dia a dia teriam poucas chances de se tornar conhecidas, uma série de informações pessoais que poderia despertar o desejo, neste outro, de estabelecer contato visando uma amizade. A Internet, como já foi mostrado, oferece várias formas de comunicação interpessoal e, mesmo fora do âmbito da *web page* pessoal, o internauta pode fazer contato através de e-mail, mensagem instantânea, vídeo conferência, entre outros. Considerem-se os exemplos:

16) Eu fiz este site aqui para **conhecer pessoas** independente do sexo ou da idade. Quero **fazer amizades**, conhecer pessoalmente é claro... (WP19)

17) Gosto também de aprender novas línguas e, **conhecer pessoas** simpáticas, vencendo pela internet, a distância que nos separa. (WP 53)

18) Meu sonho é... é... tanta coisa... Ah! **Fazer amizades** legais na internet, dessas de seguidamente estar em contato via e-mail, chat, ou mesmo o nosso velho e bom correio. Uma amizade duradoura. (...) (WP47)

19) Espero que esta página seja também meu cartão de visitas para os **novos amigos** que conhecer através da Internet. Se quiser entre em contato... Sempre é bom fazer novos amigos! (WP22)

20) Há muito tempo que tenho vontade de ter minha HP e levar um pouquinho de entretenimento as pessoas , e com isso, **fazer muitos amigos**. (WP 54)

Observa-se também que algumas autoras declaram já ter conhecido pessoas que se tornaram amigas (e um namorado), através da Internet:

21) Gosto de fazer novas amizades e através da net **tenho conhecido várias pessoas legais e amigos de verdade** gostaria de citar seus nomes, mas são tantos que poderia esquecer alguns. (WP 52)

22) Acesso a Internet desde novembro de 1996, sempre pela CW, uma provedora aqui de Santos, e agora pela UOL. Neste tempo **conheci muitos internautas, e alguns tornaram-se grandes amigos, e amigas...** (não somente virtuais), dentre esses amigos, um se destacou e acabamos virando namorados, estamos a 1 ano e meio e eu me apaixono cada vez mais. (WP42)

As autoras das *web pages* 31 e 32 deixam claro que não estão buscando um relacionamento que vá além da amizade, a primeira enfatiza o desejo de bater papo “inteligente” e a outra afirma que não está interessada em amizades com “segundas intenções”:

23) Pretendo conseguir amigos virtuais que se interessam em bater papo, mas um papo inteligente. (WP 31)

24) obs: n quero amizade pra sacanagens não valeu so amizade sinceras e sem segundas intenções ... (WP 32)

Isso demonstra que as autoras têm ciência de que ao colocar na Internet sua *web page* com dados e informações pessoais, há riscos de que os leitores potenciais possam “enquadrar” a interação em termos diferentes daqueles a que ela propõe. Afinal, a Internet

se tornou também um espaço para a busca de parceiros sexuais e amorosos, visando relacionamentos duradouros ou não (Fruet 2001, Pinheiro 2002).

Fazer novas amizades não é o único motivo levantado pelas autoras. Três delas afirmam ter construído suas páginas para aprender ou pôr em prática suas habilidades para criar uma *home page*, adquiridas através de ensino formal ou não:

25) Quando fiz isso, testava **como criar uma home page**. (WP4)

26) Esta página é **parte de um trabalho acadêmico** que estou concluindo para a avaliação final de informática do segundo semestre de 2000. É para mim uma experiência nova, pois é a primeira vez que crio uma home page. (WP13)

27) Fiz esta página em pouquíssimo tempo. Na verdade, nem era a minha intenção colocá-la no ar. Eu queria apenas **testar meus primários conhecimentos de webmaster**. (WP 25)

Outro motivo apontado para se criar uma página pessoal foi o desejo de fornecer informações e fontes de referência na área de atuação profissional da autora. Nota-se que algumas fazem referência específica a alunos e colegas de profissão, principais interlocutores potenciais de suas páginas:

28) Confeccionei este site, com muito carinho, para que eu possa trazer aos meus alunos, colegas e pacientes algumas informações sobre os diversos temas da área na qual me dedico. (WP3)

29) Este é o principal objetivo deste site: dar apoio e incentivo às pesquisas, e ser um "armário" de materiais de aula também. (WP2)

30) Minha homepage tem como principal objetivo servir como fonte de referência para profissionais de saúde, já que nela tentarei incluir links desta área, principalmente ligados a minha área de atuação profissional. (WP22)

Dentre os outros motivos que apresentam há a vontade de mostrar a cidade natal, disponibilizar "links" para "sites" de interesse e manter contato com amigos:

31) O objetivo dessa página é mostrar Pinheiral, os amigos, os artistas, os eventos, a política enfim...o que vai pela nossa cidade (WP 33)

32) Esta página foi criada, também, com o intuito de ajudar os internautas iniciantes a "surfarem" com mais facilidade no mundo virtual. Espero colaborar para isso. Periodicamente estou pesquisando bons links em revistas. (WP 7)

33) Resolvi montar esse site em homenagem aos meus amigos, que mandam tantos e-mails com piadas e historinhas legais, para trocar assuntos alegres e inteligentes. (WP 8)

E, por fim, a autora da *web page* 17, uma moça de 17 anos, declara que o motivo que a levou a construir sua página pessoal foi “por não ter o que fazer mesmo... hehehe” (WP17). A página, no formato padrão do portal UOL, possui um texto com sete linhas sobre um fundo lilás, e uma figura de uma abelha estilizada. Certamente, não requereu tempo nem esforço da parte da autora, e sua confecção pode ter sido um passatempo para ela. Afinal, a Internet também é um espaço de entretenimento para muitos usuários.

Nos tópicos seguintes apresentarei as ferramentas próprias da comunicação mediada por computador que contribuem, para além do texto escrito, na construção das *web pages* pessoais.

4.4 Hipertextualidade

A forma com que as autoras se apresentam nas páginas pessoais é semelhante a outras formas de escrita autobiográfica, como e-mails e cartas pessoais de apresentação, “perfis”, apresentações pessoais em orelhas de livros impressos, autobiografia impressa, carta pessoal a correspondentes (*penpal*), anúncios pessoais, apresentação pessoal para pedidos de emprego, entre outros (Komesu 2003; Miller e Mather 1998). De fato, encontramos páginas pessoais em que as narrativas autobiográficas pouco se diferenciam das encontradas no meio impresso mais tradicional. Na WP 7, por exemplo, Ana Maria faz uma apresentação de si através de um pequeno texto, ao lado de uma fotografia pessoal. O

que difere essa apresentação pessoal de outra apresentada em meio impresso é que ela apresenta quatro *links*⁴⁰ (em azul, sublinhados) que levam o leitor a textos com informações extras sobre o que está sendo mencionado. Forma-se assim um hipertexto, em que os *links* estruturam de maneira variada a ordem textual. Os *links* promovem ligações entre os *nós* que compõem o hipertexto: outros textos, fragmentos, palavras, fotografias⁴¹. A página não apresenta recursos tecnológicos sofisticados e, além dos *links*, faz uso de fotografias e recursos de áudio, tendo como ponto de partida a breve apresentação pessoal, reproduzida abaixo:

34) WP 7:

Chamo-me Ana Maria. Tenho 1,50m, 60Kg, cabelos castanhos claros, olhos verdes, 45 anos, divorciada, formação superior-LETRAS. Trabalho e, nas folgas, gosto de [ler](#), ver TV, assistir a bons filmes, escutar [música](#), passear para conhecer lugares diferentes... e muito mais. Meu sonho é... é... tanta coisa... Ah! Fazer amizades legais na internet, dessas de seguidamente estar em contato via e-mail, chat, ou mesmo o nosso velho e bom correio. Uma amizade duradoura. Ah! De onde sou? Natural de [Porto Alegre](#) (amo D+), porém moro em [Torres](#). Coisas da vida... É um bom lugar, também. Ambas fazem parte do mesmo Estado que tanto amo.

Esta página foi criada, também, com o intuito de ajudar os internautas iniciantes a "surfarem" com mais facilidade no mundo virtual. Espero colaborar para isso. Periodicamente estou pesquisando bons links em revistas. Aceito sugestões. Bye! Deixe-me sua mensagem clicando no ícone abaixo:



O leitor interessado poderá, ao clicar em [ler](#), saber os autores de que Ana Maria gosta, pois é direcionado para uma página em que se encontram os nomes de seus autores

⁴⁰ Na terminologia da Internet, *hyperlink* ou *link* é “uma ligação entre partes diferentes de um hipertexto ou entre um hipertexto e outro. Um caminho que o usuário pode seguir para conectar documentos e páginas da Web”. (Sawaya, 1999:265)

⁴¹ Como lembrado por diversos autores (Xavier 2004) o hipertexto não é exclusivo dos ambientes virtuais, uma vez que está presente na escrita tradicional em forma de notas de rodapé em textos científicos (como a que o leitor agora lê), índices remissivos, sumários, que proporcionam ao leitor possibilidades de leituras alternativas, não-lineares. Mas como esclarece Xavier “a inovação trazida pelo texto eletrônico está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura, em princípio básico de sua construção” (Xavier 2004:175)

preferidos, da mesma forma que em [música](#) ela nos informa seus compositores favoritos e também apresenta o nome da música favorita dentre as compostas por aqueles compositores, com a possibilidade de ser ouvida pelo leitor/visitante caso ele possua, em seu computador, os *softwares* necessários.

Os *links* estabelecem, nas *web pages*, possibilidades de leitura apontadas pelo autor, que delinea caminhos que o leitor poderá seguir. Cabe ao leitor optar por seguir a leitura linear do texto, ou fazê-la de forma fragmentada, buscando o que se apresenta nos *links*. A autora da *web page* 15, Ângela, inclui em sua narrativa um *link* em que fornece detalhes sobre uma das pessoas envolvidas no evento que está narrando, oferecendo assim ao leitor a possibilidade de optar pela forma com que vai ler o texto:

35) Aos 9 anos ganhei da minha melhor amiga do colégio, a [Luisa Fernanda](#), ah! essa história vocês vão gostar! Certo, certo, eu interrompo demais o pensamento! Então, quem quiser saber a história clique no nome da Luisa. Bem, Luisa (...) (WP15)

O leitor poderá seguir a leitura de forma linear, indo diretamente ao final (caso ache que a autora realmente “interrompe demais o pensamento”), ou buscar saber a história da amiga Luisa Fernanda (“ah essa história vocês vão gostar!”). O *link* aparece assim como solução para agradar a todos os leitores, e que a autora usa de forma consciente (“quem quiser saber a história clique no nome da Luisa”).

De forma geral, a *home page* pessoal é construída através de textos, fotos, desenhos, sons, músicas, cores, e através de *hiperlinks* que remetem o visitante não só para outras partes de sua página pessoal (como nos casos mostrados acima) como também para outros *web sites* (Chandler 1998; Miller e Mather 1998; Wynn e Katz 1997), proporcionando uma visão geral da rede de amigos, de ídolos, de preocupações e lugares que são representativos do “mundo” daquele autor.

Sherry Turkle (1995:258) considera que, em uma *home page* “a identidade de alguém emerge a partir de quem a pessoa conhece, suas associações e conexões”. Miller (1995 serial) declara: “Mostre-me seus *links* e eu te direi quem és”. O hipertexto permite que uma informação fragmentada seja ligada de forma complexa sem que haja, necessariamente, uma ordem hierárquica.

Os *links* exteriores levam o leitor a páginas diversas produzidas por amigos ou sites institucionais e comerciais disponíveis na Internet. Na *web page* de Mariana (WP 24), mostrada anteriormente, encontramos, já na página principal, *links* para *BSBFestas e Eventos* (um site de entretenimento em Brasília), para o jornal *Correio Braziliense*, para sites de receitas culinárias (*Cybercook, Mais Você, Note Anote*) e para o site da faculdade em que a autora se formou (*UNEB*). Além desses, a autora apresenta uma lista de *links*, cujo índice apresenta os seguintes tópicos:

36) WP 24:

- [Páginas de Amigos](#)
- [Cartões Eletrônicos](#)
- [Desenhos](#)
- [IRC](#)
- [Atores Lindos](#)
- [Jornais](#)
- [Para Fazer Downloads](#)
- [Astrologia](#)
- [Música](#)
- [Cosméticos e Moda](#)
- [Eventos](#)
- [Programas Gerais](#)

Cada um desses *links* leva o leitor a uma lista com outros *links*, como por exemplo em “atores lindos” temos:

37) WP 24

LINDOS

[The Zone Tom Cruise - HomePage do Tom Cruise](#)

[Mr ShowBiz - Brad Pitt](#)

[Mr ShowBiz - Richard Gere](#)

[Nicolas Cage](#)

[Andy Garcia Gallery](#)

Notamos que, através dos *links*, tomamos conhecimento da cidade em que mora (Brasília), onde estudou (UNEB), suas músicas e desenhos prediletos, os atores que considera lindos, seu interesse por culinária, astrologia, IRC, cosméticos e moda, e que tipo de eventos costuma freqüentar. A autora conecta-se dessa forma a uma verdadeira rede de pessoas e interesses que revelam ao leitor interessado vários aspectos de sua personalidade.

Através dos *links*, a pessoa apresenta aspectos de seu “eu” de forma quase simultânea, não hierárquica, como na WP 51, em que a autora, Carla, se apresenta para seus correspondentes internacionais como “carioca, arquiteta, professora, casada, dois filhos, 36 anos, Sol em Libra, Ascendente Escorpião, Lua em Touro”. Aí vemos fotos pessoais, em que ela aparece na praia, e outras juntamente com seu marido e filhos. Carla apresenta de maneira informal seus *hobbies* e preferências, assim como uma breve história de sua família. No final da página, há *links* que levam o leitor a outras páginas da mesma autora:

38) WP 51:

Minhas outras
páginas:

[Arquitetura e Decoração](#)

[Astrológica....mente.](#)

[Eu faço sua página!](#)

Figura 2 - Trecho da *web page* 51

Essas outras páginas da autora nos apresentam outras faces de Carla, a arquiteta, a astróloga e a *web-designer*. Em cada uma delas, a autora apresenta formas e conteúdos “adequados” a cada uma dessas identidades. Na página da arquiteta, por exemplo, Carla aparece em uma foto tirada dentro de um escritório, com roupas de trabalho, bem diferente da foto com a família em uma cachoeira e mesmo a sozinha na praia, apresentadas na *web page* pessoal.

Também a autora da *web page* 43, Cristina, disponibiliza um link para outra *web page* que possui e que, ao contrário da *web page* analisada, em que Cristina se revela uma moça com interesses bem comuns para sua idade, revela ao leitor o seu “lado obscuro”. Assim, ela convida o leitor a clicar no *link* para um *web site* denominado Morcega: “Para quem quiser conhecer uma vampira de verdade... ou minha outra face de um clique ai e conheça o lado obscuro de Cristina...” em que aparece em fotos usando um vestido longo e uma capa preta e um chapéu, com uma figura de fundo que retrata um castelo abandonado. Cristina,

assim como Carla, optou por criar novas *web pages* para diferentes faces de seu eu fragmentado.

Da mesma forma, a autora da *web page* 09 constrói, através de *links*, sua homossexualidade, que não é revelada no discurso autobiográfico. Logo na parte superior da primeira página, há uma barra com seis *links* para as demais páginas do *web site*, entre eles observa-se um *link* para *Xena WP* e um denominado *Casa de Sappho*, figuras relacionadas ao universo gay feminino:

39)WP 9:



Figura 3 - barra de “links” da web page 9

O *link* *Xena WP* leva o leitor a uma página em que há informações sobre a série de televisão “*Xena, the Warrior Princess*”, cuja heroína mantém um romance (ainda que implícito) com sua pupila. A série é colocada entre as preferidas do público gay americano e parece que o mesmo se dá por aqui. Já em *Casa de Sappho*, ainda “em preparação”, a autora relaciona livros e filmes que serão comentados, e convida seus leitores a enviar comentários. *Sappho*, ou Safo de Lesbos, como é sabido, é uma poetisa grega cujos poemas são associados ao amor homossexual. Retorno a esse assunto no próximo capítulo.

4.5 Interatividade

4.5.1 Interatividade explícita

O processo de criação de uma *web page* envolve, além da rede de conexões que se estabelece no interior da mesma, através da hipertextualidade, o contato com o leitor/visitante. Como afirma Komesu (2003), a estratégia comunicacional das *web pages*

seria a da função *fática* da linguagem, que privilegia o estabelecimento de contato entre o autor e seu leitor. A maioria das *web pages* é de alguma forma explicitamente interativa, ou seja, oferece possibilidades para que os leitores/visitantes entrem em contato com o autor. Os autores normalmente solicitam aos visitantes comentários ou sugestões, que podem ser enviados por e-mail, através da assinatura nos “livros de visitas”, ou da participação em pesquisas. Essas formas de interação com o leitor/visitante são fatores que distinguem o meio digital de outros suportes da escrita.

Na *web page* 07, reproduzida anteriormente, a autora pede explicitamente a participação do leitor: “Aceito sugestões”, e indica a forma com que o leitor poderá se comunicar com ela (“Deixe-me sua mensagem clicando no ícone abaixo”). Ao clicar no ícone representando uma caixa de correio americano, estabelece-se um *link* com o programa de gerenciamento de *e-mail* do leitor, abrindo uma página já endereçada para o autor da *home page*. Na grande maioria das *web pages* analisadas, a autora fornece seu endereço de e-mail, quer seja através do *link* ou do próprio endereço eletrônico, sempre com uma mensagem convidando o leitor a entrar em contato (“me escrevam!!!”-WP 8; “Escreva para mim...vamos trocar idéias e conhecimentos....”- WP 47).

Algumas fornecem ainda o número identificador de sistemas de mensagens eletrônicas síncronas como o ICQ, Yahoo Messenger, etc. (WP 47, WP 43, WP 42) e uma outra (WP 14) fornece os números de seus telefones (residencial e celular).

A autora da WP 48 coloca, junto a seu endereço de *e-mail*, uma figura do desenho animado Garfield, em que o gato aparece ao lado da caixa de correio com a frase: “My mailbox needs a reason to live” (em português: minha caixa de correio precisa de uma razão para viver). Já na WP 24, a autora – que afirma ser casada - declara acima de seu endereço

de *e-mail*: “E-mail, sugestões, dúvidas e pedidos de casamento:”. A brincadeira, a paródia e a ironia parecem ser características dessa forma de comunicação, como mostrarei adiante.

O convite à interação com o leitor/visitante também se dá na forma de um “livro de visitas” (*guestbook*) presente em várias páginas pessoais. Através de um formulário eletrônico, o visitante pode deixar comentários (“assinar” o livro de visitas), que ficam à disposição de quem desejar ler. Os autores das *web pages* também pedem a seus leitores que deixem sua contribuição nesta modalidade de interação: “Assinem meu livro de visitas!!!” (WP 26). Abaixo, a reprodução de um desses formulários, retirado da WP 19:

40)

Preencha os campos abaixo e deixe aqui sua mensagem.

Nome :

Idade :

Cidade :

E-mail :

Comentários :

Assinar

Apagar

Figura 4- Formulário para envio de comentários/assinatura em “Livro de Visitas”

A interação com o leitor se dá também em forma de pesquisas ou enquetes que as autoras fazem com seus leitores. Na *home page* da WP 25, a autora – que se autodenomina Didica - pergunta a seus leitores:

41) WP 25

PESQUISA DIDICA

O que é mais ridículo atualmente?

- O BBB4
- Se benzer ao passar em frente a qualquer igreja Católica
- Pessoas que se acham o máximo só porque fazem UFMA
- O salário mínimo

Quem é você:

Seu e-mail:

Desça a lenha!	Xi, errei
----------------	-----------

Figura 5 – Formulário de pesquisa da *web page 25*

É de se notar a informalidade e o tom de brincadeira com que a pesquisa é feita, inclusive nas “teclas” de enviar (“Desça a lenha!”) e de apagar (“Xi, errei”). Didica ainda nos informa o resultado da pesquisa até o momento: “Até agora, está ganhando o BBB4”. Como não poderia deixar de ser, ao perguntar o que os leitores consideram *mais ridículo* atualmente, a pesquisa pressupõe as atitudes e coisas que Didica considera “ridículas”. O mesmo tom de brincadeira aparece na pesquisa que Mariana, autora da WP 24, faz sobre sua *home page*: à pergunta “O que você achou da minha Home Page?” são oferecidas as seguintes opções de resposta:

42) WP 24

A melhor que já vi!!! Nossa senhora...



Ótima



Boa.. boa



Legalzinha...



A pior que já vi... vai tentar fazer outra coisa da vida....

Figura 6 – Formulário de pesquisa da *web page* 24

Como já observou Miller (1995), o uso da ironia é uma forma de se alterar o “enquadre” (*frame*) da interação (Goffman, 1974)⁴² de maneira a permitir que informações sejam emitidas de formas mais sutis. Para ser aplicada à comunicação mediada por computador, a distinção feita por Goffman (1959) entre informações emitidas (*given*) e informações transmitidas (*given off*) deve ser colocada em outros termos, já que não podemos perceber os olhares, gestos, e outros recursos da interação face a face:

a informação implícita que vaza é para-lingüística, mais do que não-verbal – uma questão de estilo, estrutura e vocabulário – ou para-comunicacional – uma questão de como eu lido com uma *Web page* em comparação a formas costumeiras de fazê-lo. (Miller, 1995 serial)

⁴² A noção de “frames” ou “enquadres interativos de interpretação” “se refere à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretado” (Tannen e Wallat 2002:188)

Na verdade, algumas autoras parecem informar ao leitor/visitante, através do estilo e das escolhas lingüísticas, que suas páginas podem ser enquadradas como entretenimento e diversão, e que o senso de humor também é uma de suas qualidades.

4.5.2 Interatividade constitutiva

A interatividade também se estabelece de formas menos explícitas, mas não menos importantes para o estabelecimento (e manutenção) do contato com o leitor/visitante, uma vez que todo sujeito constitui-se como entidade de dupla face: o “eu” só pode instituir-se como tal em relação ao “outro”. A partir da interação na e pela linguagem é que tanto o “eu” quanto o “outro” se constituem.

Os conceitos de sujeito e identidade têm, pois, dupla face: é preciso considerar não só o indivíduo em si, mas igualmente os outros seres, com os quais mantêm relações de (inter)dependência. Sendo assim, o ser humano institui-se a si mesmo como um ser, ao mesmo tempo em que não pode ignorar seu interlocutor nem o grupo no qual se insere. O “eu” isolado não existe, porque o sujeito e o outro se complementam, e é no espaço da interação que ele exerce sua capacidade de escolha.

A idéia de que o eu e o outro são instituídos a partir da interação pela linguagem foi formulada primeiramente por Bakhtin/Volochinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, através do conceito de dialogismo, ou natureza dialógica da linguagem: o eu pressupõe o outro, ambos estão inseparavelmente ligados e interagem pela linguagem. Para o autor russo, o diálogo não se apresenta apenas como uma das formas da interação verbal, mas como condição da linguagem, na medida em que o texto é sempre resposta a outras interações. A verdadeira substância da língua é, para Bahktin (1981), constituída “pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*” (p.123).

Maingueneau (2001:54) distingue a “interatividade”, constitutiva de todo discurso, de “interação oral” característica da conversação face a face, e afirma que:

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é, de fato, marcada por uma *interatividade* constitutiva (fala-se também de *dialogismo*), é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu próprio discurso.

Considero assim que a interatividade não é exclusiva da modalidade falada da língua, o que tem sido mostrado por pesquisadores em diversos gêneros da escrita (Marcuschi 2001; Silva 2002) nessa trilha de estudos inspirados por Bakhtin.

Na análise das *web-pages* fica claro que o autor está sempre lançando mão de estratégias interativas através das quais o leitor é interpelado e convocado a interagir. A forma mais evidente da inclusão do outro nas *web pages* é o uso de *você* ou *vocês*, tanto como pronome indeterminado quanto de 2ª pessoa. É com essa forma que as autoras se referem a seus leitores/visitantes, estabelecendo um contato direto e simulando uma interação quase íntima, como se estivessem face a face com seu interlocutor. Na WP 9, por exemplo, Haydée discorre sobre sua forma de vivenciar as coisas, sempre misturando realidade e fantasia, e comenta: “não sei se **você** já teve esse tipo de experiência”. Durante a leitura do texto, sentimos como se Haydée estivesse “batendo um papo” com o leitor, trocando idéias, guiando-o através da página (“por aqui, **você** ainda pode encontrar algumas coisas sobre meus amigos do passado...”), encorajando-o a continuar sua “visita” (“afinal, se **vocês** já se deram ao trabalho de chegar até aqui, talvez seja interessante me conhecer um pouco mais”). O mesmo ocorre na WP 14, quando Simone informa: “ao longo dessas páginas, **você** encontrará informações a respeito das outras atividades que desenvolvo”, ou na WP 44: “Bem, **vocês** conheceram-me um pouco e espero que gostem da minha Home”.

Além do uso do pronome de segunda pessoa, encontramos nas *web pages* várias marcas da interatividade, entre elas os marcadores discursivos⁴³, que apresentam diferentes funções interacionais, mas que sempre revelam o caráter interacional das *web pages*. Entre tantos marcadores encontrados, cito como exemplo os marcadores interrogativos (*né? não é? viu? hein?*) e os marcadores iniciais (**bom, bem, ah!, ihh**) em exemplos reproduzidos a seguir:

43) Vocês querem saber, **né?** (WP30);

44) Mas prefiro comédia, nada como uma boa risada, **não é?** (WP 42)

45) nada de macumbas ou qualquer outra coisa do gênero, **viu?** (WP 30);

46) Que curiosidade, **hein?**(WP 22)

47) Oi! Pelo visto você tem curiosidade em saber quem é essa Maluka... **Bom**, me chamo Joana... (WP 42);

48) **Ah!** E se você quiser tirar alguma dúvida... (WP 16);

49) **Ihh**, são tantas coisas... ☺ (WP 42).

Os marcadores interrogativos *né?* e *não é?* indicam não só que a autora pressupõe a concordância de seu leitor a respeito do que foi afirmado mas que também busca por ela. No caso de *viu?* a autora chama a atenção para o fato de que não é macumbeira, informação que pressupõe ter sido a conclusão inferida pelo leitor. Já o uso do marcador *hein?* demonstra uma suposta indignação da autora com a curiosidade dos seus leitores, e demonstra de fato um movimento interativo em relação ao leitor.

⁴³ Marcadores discursivos são expressões verbais, que podem ser lexicais (sabe, olha) ou não (ahn, hein), sintaticamente independentes, com conteúdo semântico vazio ou esvaziado, que exercem funções interativas importantes (Marcuschi, 1986). Tais funções dizem respeito tanto à orientação interpessoal como à monitoração de ações do ouvinte/leitor.

O marcador **bom** no exemplo acima sinaliza a introdução de um novo tópico na interação, indicando para o leitor que o tópico em questão foi encerrado, e que um novo tópico se inicia. Como observado por Silva (2002), também nas homepages o marcador **ah!** exprime, em tom exclamativo, um tom de surpresa em relação ao que será dito. A autora tenta chamar a atenção de seu interlocutor para um tópico que parecia esquecido, mas que ao mesmo tempo, se apresenta como pertinente e importante. “Nessa página você poderá encontrar um pouquinho de tudo: poemas, fotos, músicas, textos, pensamentos. **Ah!** E se você quiser tirar alguma dúvida de Língua Portuguesa” (WP 16). O marcador **ihh** tem função semelhante à de **ah!**, porém, além de (re)introduzir um tópico parece demonstrar uma certa irritação do autor com o que está sendo relatado. No exemplo abaixo, Joana está fazendo um relato de seus gostos, sua personalidade, as coisas que coleciona, e utiliza-se do marcador para fazer um comentário: “Sou canceriana e como tal sou ciumenta, um pouco tímida às vezes, adoro fazer coleções: chaveiros, bichinhos de pelúcia, cartas do mundo inteiro. **Ihh**, são tantas coisas... ☺.” (WP 42).

A interação com o leitor/visitante se dá também através de enunciados interrogativos, que aparecem como perguntas retóricas, ou antecipando dúvidas do leitor projetado:

50) **De onde sou?** Natural de Porto Alegre” (WP 7)

51) **Eu?** Bom sou do jeito que vcs estão vendo (WP 11)

52) **Sabia que eu tenho duas cadelinhas aqui em casa?** (WP 49)

Poucas são as *web pages* em que o leitor não é de alguma forma lembrado, ou chamado a participar. Além dos atos de fala diretivos (em que as autoras pedem/convidam

os leitores a enviar-lhes e-mails, assinar o “livro de visitas”, participar de enquetes, etc.), são também realizados atos de fala de:

a) **Saudação:** em que as autoras saúdam os leitores visitantes, dando as “boas-vindas”, ou através de fórmulas relativamente estereotipadas de cumprimento:

53) Bem vindo a minha página!” (WP 24)

54) Olá! Em primeiro lugar, sejam bem-vindos à minha página pessoal (WP 25)

55) Oi!!! Tudo certinho? (WP49)

b) **Despedida:** em que as autoras indicam o encerramento da apresentação pessoal e que é geralmente seguida de expressões de afetividade:

56) Bom, já vou ficando por aqui neste espaço... Aos meus amigos, deixo um big beijo especial (WP 30)

57) Um beijo azul em seu coração (WP 36)

c) **Agradecimento ao leitor/visitante:** em que há um ato de reconhecimento da ação do leitor, no caso, o fato de que o leitor tenha se disposto a “visitar” a *web page* da autora:

58) Caro amigo Internauta, obrigada por aqui estar (WP 36)

59) Voltem sempre e muito Obrigado!!! (WP 54)

60) Obrigado pela visita e divirta-se!” (WP 13)

d) Dedicatórias e agradecimentos:

Dentre os atos de fala encontrados, chama a atenção do leitor, nas *web pages* analisadas, as dedicatórias, agradecimentos e beijos. Diferente do agradecimento ao leitor que visita a *web page* comentado no item (c), os agradecimentos aqui são dirigidos a pessoas que fazem parte do círculo de relacionamento da autora. Ela menciona nesta parte de sua página não somente as pessoas que a ajudaram a elaborar a *web page*, mas pessoas que em geral são importantes em sua vida. Kátia (WP 36) dedica sua página aos que acreditam na vida, na sorte e no amor, provavelmente partilhando com ela dessas crenças, e também a pessoas que fazem parte de sua vida:

61)WP 36:

Mais uma vez, dedico esta nova versão de minha Home Page a todos aqueles que, de alguma forma, crêem na vida, na sorte e no amor... Aqueles que confiam em mim e alimentam-me com esta confiança, com suas atitudes maravilhosas de carinho, força e compreensão. E, se você está agora neste espaço, é porque faz parte deste grupo. E, a você, tenho que dizer: OBRIGADA!! (K. A.)

O leitor/visitante é incluído no grupo, simplesmente por estar lendo a página de Kátia, e a ele a autora dirige seu agradecimento. Entre parênteses, Kátia assina a dedicatória, com seu nome e sobrenome.

Uma outra forma de agradecimento se dá em forma de “mandar beijos” para amigos, parentes, e pessoas que a autora considera significativos. Abaixo, reproduzo os agradecimentos de July, autora da WP 11:

62) WP 11:

AGRADECIMENTOS E BEIJOS

Quero mandar um beijão para: DEISE, GLAUBER, PRO MEU IRMÃO, QUE SE EU NÃO COLOCAR O NOME DELE AKI JÁ VIU, PRA MINHA MÃE, PRO MEU PAI, PROS MEUS

TIOS E TIAS, MINHA VÓ MARIA E MINHA VÓ JANDIRA, PRO MEU VÔ (AEEEE VÉIO NERSO), PROS MEUS PRIMOS E PRIMAS, PARA TODOS QUE ESTÃO NO MEU ICQ E QUE MANTÊM CONTATO COMIGO (TEM UNS LÁ QUE NUNCA TC), PRO BRENO(MEU AMORZINHO, CE É O CACHORRO MAIS LINDO DO MUNDO), PRA VC QUE TA LENDO E VISITOU MEU SITE, VOLTE SEMPRE (isso aki tá parecendo sacola de papel de supermercado "Servimos bem para servir sempre.") hehehehehehe UM BEIJO MAIS QUE ESPECIAL PRO RICARDO, RI: VOCÊ ESTÁ SENDO MUITO ESPECIAL E IMPORTANTE EM MINHA VIDA, CONTINUE NELA HEIN, TE AMO!!!!!!... E pra todo mundo que eu esqueci... Hehehehehe

A autora inclui na lista amigos, parentes, o cachorro, o namorado, mas não se esquece do leitor anônimo (“PRA VC QUE TA LENDO E VISITOU MEU SITE, VOLTE SEMPRE”). Ela faz pequenos comentários, típicos da interação oral, como se mandasse recadinhas especiais para determinadas pessoas: “AEEEE VÉIO NERSO”, referindo-se ao avô, RI: VOCÊ ESTÁ SENDO MUITO ESPECIAL E IMPORTANTE EM MINHA VIDA, CONTINUE NELA HEIN, TE AMO!!!!!!..., a respeito de Ricardo (que parece ser seu namorado) e mesmo quando menciona Breno, seu cão: MEU AMORZINHO, CE É O CACHORRO MAIS LINDO DO MUNDO. Para finalizar sua lista de agradecimentos, July não deixa de mencionar as pessoas que possam ter sido esquecidas.

Na *web page* de Regiane (WP 18), os agradecimentos se dão no corpo do texto da apresentação; logo após afirmar que mantém amizades “até hoje” com as colegas de faculdades, a autora agradece a suas outras turmas, além das amigas da faculdade:

63) WP 18:

Bom, não são apenas estas as amigas que tenho, então deixo meu agradecimento a todas as minhas turmas:

- A turma da diretoria, onde fazem parte meninos sensíveis e especiais.
- A turma do BKB.
- A turma do Donna.
- A turma da Comgas, que tem me trazido experiências valiosas em meu dia-a-dia.

Não posso deixar de agradecer especialmente o crescimento que tem me trazido o meu namorado, o Felipe, que aparece aí na foto. A altura dele, reflete o coração dele.

Regiane nos informa mais adiante que já trabalhou no Bank Boston (BKB?), e que trabalha atualmente na Comgas; mas não oferece esclarecimentos quanto ao Donna, uma vez que o menciona somente essa vez, usando o artigo definido. De qualquer forma, Regiane se inscreve em várias “turmas”, mostrando assim ser uma jovem que possui, além das várias amizades, um namorado, Felipe - a quem também agradece. Quanto ao namorado, ela nos informa que é ele quem aparece na foto a seu lado.

Através das dedicatórias e agradecimentos, as autoras inserem na rede de interações, estabelecida também através de *hiperlinks*, novas pessoas, novas turmas, novos amigos. Nessa área, não há *hiperlinks* apontando para outras *web pages* do “mundo virtual”, mas a menção dos nomes remete o leitor ao “mundo real”, onde se encontram as pessoas a quem as páginas são dedicadas, mostrando também como esses dois “mundos” na verdade não são tão distintos para as autoras.

4.6 Recursos não-verbais

As fotografias pessoais aparecem em 33 das 54 *web pages* analisadas. Muitas vezes, a foto é colocada logo abaixo do nome da pessoa na página principal da *web page* (como na WP 10), ou ao lado do texto introdutório (WP 07). As autoras aparecem nas fotos sozinhas, em *close-ups*, ou de corpo inteiro, com amigos, familiares, companheiros, filhos e até com animais de estimação. Há fotos tiradas em passeios, cachoeiras, praias, festas, no ambiente de trabalho, em casa, na escola... Algumas páginas apresentam verdadeiros álbuns de retratos, como a WP 43, em que há um *link* “fotos” que nos leva a uma página dividida em fotos pessoais e fotos com amigos. Nas fotos pessoais, há 12 fotos, nas quais Cristina aparece em diferentes situações e nas fotos com amigos há 18 fotos tiradas em festas, churrascos, seminários, etc. Na página de Tatiana (WP 26) o link “fotos” remete o leitor para um índice de fotos, em que elas aparecem separadas por anos. Há também um

link denominado “modelo”, aí as fotos (total de 18) parecem ter sido tiradas profissionalmente, em um ensaio fotográfico.

Também são comuns fotos em que a autora não aparece, mas outras pessoas (animais, lugares) a ela relacionadas são fotografadas. Há fotos dos filhos, dos pais, dos animais de estimação, dos amigos, de cantores, de atores, enfim, elas trazem para o universo “virtual” pedaços de um mundo “real” que é vivenciado ao lado de outras pessoas.

Somente em uma *web page* (WP 2), o texto é escrito em um fundo branco, sem qualquer imagem, foto ou som. A página em questão, no entanto, poderia ser classificada como profissional, pois é esse aspecto de sua vida que a autora – especialista em redes de computadores – dá destaque. Ela declara mesmo que o objetivo da página é: “dar apoio e incentivo às pesquisas, e ser um “armário” de materiais de aula também”. Uma outra página, bem similar a essa, é a WP 3, cuja autora é médica e também professora. O texto é colocado em um fundo branco, com a mesma aparência da WP 2, e o foco também é a vida profissional da Dra. Claudia. Há uma apresentação de seu *curriculum*, lista de cirurgias realizadas; enfim seu objetivo é claro: “Confeccionei este site, com muito carinho, para que eu possa trazer aos meus alunos, colegas e pacientes algumas informações sobre os diversos temas da área na qual me dedico”. Porém, há no final da *home page*, um *link* para fotos, onde encontramos, além de fotos de cirurgias e de casos clínicos, algumas fotos pessoais da autora, nas quais aparece sozinha ou acompanhada de colegas médicos. Essa é também a única parte do *site* com fundo musical.

Os outros recursos não-verbais utilizados pelas autoras em 53 *web pages* do *corpus* são: desenhos, figuras (estáticas e/ou em movimento), “papéis” de fundo decorados ou coloridos, diferentes fontes e cores do texto, além de alguns recursos de áudio. Esses recursos, juntamente com a linguagem verbal empregada, concorrem para que o

leitor/visitante construa uma imagem da autora, que também refletirá sua visão de mundo, suas crenças, valores e estereótipos de gênero, de idade, entre outros.

No próximo capítulo, analiso as construções de gênero das autoras a partir da análise das práticas textuais-discursivas e das características lingüísticas presentes nas *web pages*. Procuo determinar as formas com que as identidades de gênero são reveladas e os entrecruzamentos entre gênero e outros aspectos da identidade social.

CAPÍTULO 5

Construindo gênero nas Web Pages

Neste capítulo, analiso as formas com que as autoras das *web pages* se constroem como mulheres. Ser mulher é entendido aqui como uma série de qualidades abstratas, socialmente determinadas, que fazem com que um ser humano se perceba e seja percebido como mulher⁴⁴. Há uma gama de formas através das quais o ser mulher pode-se apresentar na sociedade brasileira neste início do século XXI, levando-se em consideração a classe social, ocupação, escolaridade, idade, opção sexual, entre outros. É nesses entrecruzamentos que minha análise se focaliza.

Como já afirmei anteriormente, ao me referir a papéis e padrões de comportamento, tanto femininos quanto masculinos, estou me referindo a estereótipos construídos histórica e socialmente do que é ser mulher ou ser homem. Um desses estereótipos de uma sociedade patriarcal e androcêntrica⁴⁵, como a nossa, é aquele que considera o homem adulto (branco da classe média) como racional, objetivo, sem emoções, focado nos “negócios”, etc. enquanto as mulheres (e crianças) são vistas como emocionais, irracionais, desfocadas, preocupadas com coisas banais (Eckert 2003).

Nos encontros face a face, a presença do corpo físico, que torna evidente certas características de gênero, garante que nos reconheçamos e nos definamos enquanto seres sexuados. As representações sociais e culturais das diferenças físicas entre os sexos

⁴⁴ Mais uma vez, gostaria de deixar claro que, embora use por conveniência “mulher” ou “feminino” no singular, entendo que são conceitos fluídos, e melhor representados como plurais.

⁴⁵ Patriarcado é definido pela feminista Adrienne Rich como sendo “o poder paterno: um sistema político, ideológico, familiar e social no qual os homens – pela força, pressão direta, ou através de rituais, tradição, leis e língua, costumes, etiqueta, educação, e a divisão de trabalho - determinam os papéis que as mulheres terão ou não terão, e através do qual o feminino é sempre subsumido pelo masculino. Não implica necessariamente que a mulher não tenha poder, ou que todas as mulheres em uma dada cultura não possam ter certos poderes... Sob o patriarcado, posso viver em confinamento (*purdah*) ou dirigir um caminhão; posso me tornar chefe de estado por eleição ou por hereditariedade ou lavar a roupa íntima da mulher de um milionário; posso servir ao meu marido de manhã cedo seu café dentre paredes de barro de uma vila berbere ou marchar em um passeata acadêmica; qualquer que seja meu status ou situação, minha classe econômica, ou minha preferência sexual, eu vivo sob o poder paterno, e tenho acesso somente ao privilégio e à influência que o patriarcado me permite ter acesso, e somente se pagar o preço da aceitação masculina” (Rich 1976: 40-41; citado por Bem 1993:40 minha tradução). Já androcêntrismo refere-se à tendência para privilegiar as experiências e pontos de vistas masculinos, considerando-os como padrão neutro universal, e as experiências e pontos de vista femininos como sendo um desvio dessa norma (Bem 1993).

proporcionam informações básicas não somente sobre a maneira como as interações interpessoais devem ser conduzidas, mas também sobre como se estrutura a realidade social. De fato, não sabemos como interagir com outro ser humano, como entendê-lo ou julgá-lo se não atribuirmos a ele um gênero, ou se não o “encaixarmos” dentro de um “*continuum* de gênero” (O’Brien 1999). A comunicação mediada por computador em suas formas exclusivamente textuais exclui os meios usuais de compreensão simbólica relacionados à aparência física como gestos, tons de voz..., mas sabemos que as *web pages* oferecem recursos multimeios que, a princípio, podem inscrever marcas de gênero nos sujeitos que se apresentam.

Dessa forma, nas páginas aqui analisadas, não é necessária a reivindicação direta, ou seja, a autora não precisa declarar “sou mulher” (como ocorre em outras formas de CMC⁴⁶), pois ela pode lançar mão de outros recursos que significam gênero. De fato, a palavra “mulher(es)” ocorre somente duas vezes no *corpus*, ambas em referência a uma terceira pessoa. O que ocorre, então, são formas mais ou menos diretas com que o “eu” estabelece relações com termos significadores de gênero (nomes, pronomes, substantivos e adjetivos femininos), e/ou com lógicas subjacentes ao discurso que por sua vez revelam identidades femininas.

Minha análise se inicia pelas formas mais diretas e óbvias de indexação de gênero que a língua portuguesa nos oferece: os nomes próprios femininos e as palavras com flexão de gênero. Na segunda parte do capítulo teço algumas considerações sobre como o corpo se apresenta no espaço “incorpóreo” da Internet. A partir da seção 5.3 inicio uma análise das formas com que as mulheres constroem identidades de gênero que ora fazem eco a um

⁴⁶ Nas salas de bate papo, por exemplo, é comum se perguntar pelo sexo do interlocutor, caso não seja possível inferi-lo pelo *nickname*.

discurso tradicional e ora resistem a ele, tomando como foco principalmente os seguintes temas: maternidade, vida profissional, corpo, sexualidade, relação com o outro e idade.

A análise teve como critério básico selecionar segmentos dos textos das *web pages* em que havia referência a temas e categorias que considerei, a partir dos elementos encontrados nos próprios textos, relevantes: a maternidade, as relações com o corpo, a sexualidade, a idade, as relações com o outro. Esses critérios não foram decididos *a priori* mas surgiram a partir da leitura atenta dos textos. A fala das mulheres foi assim considerada como ponto central da análise, e minha interpretação, embora (como afirmado anteriormente) influenciada por minhas posições teóricas e ideológicas, foi limitada pelo discurso das autoras. Deste modo, a partir dos textos busquei inferir os comportamentos, valores e crenças denotados e os discursos subjacentes a eles.

5.1 *Web pages* femininas?

Ao contrário de outras formas de comunicação mediada por computador, não há nas *web pages* analisadas qualquer ambigüidade a respeito do gênero do autor: todas revelam seres mulheres. Os indícios mais óbvios de gênero que se apresentam são os nomes femininos (encontrados em 100% das páginas), as fotografias das autoras (em 60% das páginas), e as flexões de gênero encontradas nos itens lexicais dos textos (em 84% das páginas). Indo de encontro ao que propõem estudiosos de outros gêneros da CMC em língua inglesa, existem nas *web pages* analisadas pistas de ordem lingüística ou não que possibilitam aos participantes do evento comunicativo, como acontece na grande maioria dos casos em encontros face a face, atribuir gênero ao falante. Entre elas, nas *web pages* aparecem fotografias que, como será mostrado, é uma das formas com que corpo se virtualiza, uma vez que a foto personifica a autora e a materializa no mundo incorpóreo das redes de computadores.

Os nomes e apelidos adotados pelas autoras, quer reais ou não, são femininos (e seriam considerados femininos por qualquer falante de português); entre eles encontramos nomes próprios como Adriana, Cláudia, Ana Maria, Fabiana, Mariana, Renata, Maria Alice, Simone, Helena, Bruna, Ângela, Tatiana, Elaine, Eliane, Kátia, Marilene, Luciana (entre outros); hipocorísticos como Lu, Luma, Mila, Dri e “nicknames”⁴⁷ como Ros@Selv@gem, Sedutora, Maluka. Na verdade, são raros os nomes em português empregados, na mesma forma, aos dois sexos, uma vez que a prática onomástica no Brasil pressupõe nomes “femininos” diferentes de nomes “masculinos”⁴⁸.

Como mostrado no capítulo anterior, os nomes das autoras aparecem geralmente em destaque no início da página principal da *web page* como parte da denominação da página pessoal (“Home page da ...”, “Página da...”); como parte do endereço localizador na Internet (por exemplo <http://anapaulaprado.xxx.xxx.com.br/index.htm>) e muitas vezes aparece novamente no início e na assinatura do corpo do texto.

A língua portuguesa marca o gênero do falante morfossintaticamente em substantivos, adjetivos, e pronomes o que torna a atribuição de gênero ao autor de um texto sobre si em língua portuguesa, ao contrário do inglês, tarefa de simples reconhecimento dos morfemas de gênero. Na verdade, é quase impossível não aparecer pelo menos alguns desses indícios em uma apresentação pessoal com mais de um parágrafo, o que é comprovado nas *web pages* aqui analisadas. Já nas primeiras linhas das apresentações pessoais aparecem palavras que concordam em gênero com o enunciador, relacionadas principalmente a: profissão (médica, promotora de vendas, acadêmica, aluna, escritora,

⁴⁷ “nicknames” (apelido em inglês) se referem a nomes adotados nas diversas formas de comunicação *on-line*, como em salas de bate-papo, sistemas de mensagens instantâneas, listas de discussão, etc.

⁴⁸ Há, no entanto, algumas exceções, como nomes terminados em “ir” (Claudemir, Edir, Evanir) ou “i”/“y” (Darci, (H)ely), que, no entanto, não ocorrem no *corpus*. Dentre as autoras das *web pages*, encontramos uma Haydée, que é um nome feminino em francês (terminação “ée”), mas que poderia causar ambigüidade para um falante que desconheça as regras do francês.

professora, enfermeira, formada, técnica, licenciada, cirurgiã, desempregada, instrutora, monitora, administradora, arquiteta); estado civil e posição familiar (filha, casada, divorciada, mãe); qualidades e defeitos (simpática, teimosa, saudosista, indecisa, maluka), religião (evangélica), naturalidade (soteropolitana, gaúcha) e signo do zodíaco (aquariana).

Segue abaixo um exemplo de *web page* retirado do corpus (WP 16) que, prototipicamente, ilustra os aspectos abordados neste tópico: o nome feminino, a fotografia⁴⁹, e a flexão do substantivo “professora”:

1) WP 16:



Figura 7 – Priscilla M. Home Page

⁴⁹ A fotografia foi por mim alterada de forma preservar a privacidade da autora.

No entanto, como afirmado anteriormente, essas marcas significadoras de gênero não são suficientes para entendermos as formas de feminilidade, ou as maneiras com que o “ser mulher” é vivenciado e apresentado por essas autoras; para tal temos que buscar as formas mais sutis com que os gêneros se constroem. Podemos afirmar que as autoras “entram na sala como mulheres”, cabe verificar se elas “agem” ou “se mostram” como mulheres no restante da interação, e de que formas isso se dá.

5.2 O corpo no ciberespaço

Para Descartes e uma longa tradição filosófica que o seguiu, há uma distinção rígida entre corpo e mente, sendo que se coloca na mente a essência do eu e nega-se que haja no corpo marcas da identidade, mesmo que socialmente construídas. Seguindo esta tradição, o ciberespaço foi entendido como o espaço em que corpo e mente se separam, e o usuário se apresenta “descorporificado”, como pura Mente. Allucquere Roseanne Stone nos falava, em 1991, que o esquecimento do corpo no ciberespaço resulta de um velho erro cartesiano, e que, além disso: “os criadores do ciberespaço prevêm uma era em que vão poder se esquecer do corpo. Mas é importante lembrar que a comunidade virtual se origina no físico, e a ele deve voltar” (1991:113).

Atribui-se aos fenomenologistas (especialmente ao filósofo francês Merleau-Ponty) a idéia de que a consciência deve ser compreendida, não à maneira do cogito cartesiano, mas dimensionada pelo corpo, via universo da percepção. O nosso primeiro contato com o mundo e com o outro se dá através do corpo e, antes de qualquer reflexão sobre o mundo ou sobre o outro, já os experimentamos, e possuímos algum conhecimento que nos foi proporcionado por nosso corpo. Essa experiência corporal influencia a forma como percebemos o outro, e a forma como interpretamos o que se está sendo dito. A experiência

física nos acompanha em todas as formas de comunicação interpessoal e se manifesta em sinais não verbais que são às vezes tomados como indícios sociais.

Estudos realmente comprovam que identidades corporificadas aparecem nos vários tipos de comunicação mediada por computador (Stone 1995). Na verdade, importa-se para o espaço virtual os marcadores culturais do corpo, que aparecem de maneira às vezes sutil e outras vezes de forma mais óbvia. Esses corpos representados estão, na verdade, sob o controle do usuário, que tem a possibilidade, em princípio, de manipular as representações de seu corpo, através de descrições e fotografias que não corresponderiam à maneira com que ele percebe e vivencia seu corpo. O interlocutor, por sua vez, opera com as evidências textuais ou visuais que o outro disponibiliza, e é a partir dessas evidências que ele constrói uma imagem do outro. A importância de “ver” o outro (que no caso se dá através de uma fotografia), para dele construir uma imagem, é ressaltada no *corpus* na medida em que as autoras disponibilizam suas fotos e solicitam fotos aos internautas interessados em manter contato com elas:

2) Gente!! por favor me mandem suas fotos!!! Gosto de ver como as pessoas são e tudo mais....Ah vcs já me viram né? não seria justo eu não ver vcs , não acham? (WP19)

3) Se gostou do pouco que leu sobre mim e quiser me conhecer melhor me escreva, de preferência enviando sua foto!!! ;-) (WP 43)

Como foi afirmado no capítulo anterior, na maioria das *web pages* do *corpus* (33 delas), as autoras se mostram através de fotografias, algumas somente de seu rosto, e algumas em que é possível visualizar seu corpo inteiro. As fotos ora aparecem na primeira página, logo após o título da *web page*, ora estão disponibilizadas através de *links* que levam o leitor a verdadeiros álbuns fotográficos. Há autoras que expressam a dificuldade

em se descrever fisicamente e sugerem que as fotos cumprem esse papel melhor do que uma descrição. É o caso dos exemplos abaixo:

4) “Eu? Bom sou do jeito que vcs estão vendo” (WP 11):

5) Bom, pra falar a verdade sou péssima pra fazer descrições, por isso se quiser saber como eu sou com detalhes, é só ir à seção *Olha eu*. Lá tem algumas fotos minha!! (WP 49)

Entretanto, além das fotografias, encontramos também em algumas páginas dados biométricos e descrições de corpos, principalmente quanto à altura, peso, cor dos olhos e cabelos. Em geral, as autoras parecem não estar preocupadas em chamar atenção para detalhes de seu físico, mas apenas em fornecer informações que, juntamente, com outros dados biográficos, relações de interesses, etc. irão construir um eu virtual “adequado” a seus objetivos.

5.3 Diferentes discursos, diferentes feminilidades

Esta seção explora as práticas discursivas das autoras buscando mostrar como elas constroem e mantêm algumas “versões” de feminilidade. Considero o discurso, tomando a vertente foucaultiana, como práticas que *formam* os objetos dos quais falam ou, nas palavras de Fairclough: “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as “constituem”; diferentes discursos constituem entidades-chave (...) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais” (2001:22). Circulam em nossa sociedade vários discursos que veiculam sistemas de significados e conjuntos de valores sobre o que é ser mulher. Entre eles há discursos de viés tradicional ou conservador, ligados às bases patriarcais de nossa sociedade, que valorizam o *status quo*, e outros discursos que adotam perspectivas

“feministas”, onde são exaltadas, por exemplo, a igualdade de direitos e deveres, a realização profissional e a independência financeira da mulher.

5.3.1 Maternidade

Como primeiro exemplo, tomo a maternidade, que pode ser vista sob a ótica do discurso tradicional que a relaciona de forma quase essencial à identidade da mulher (ser mulher é ser mãe). Nas *web pages* analisadas, esse discurso aparece tanto nos textos das mulheres que afirmam ter filhos como nas que desejam os ter. Os filhos são considerados nos discursos das mães como quase sagrados (presente de Deus), crianças lindas que sempre trazem alegria e felicidade. Percebe-se, em seus textos, a grande centralidade dos filhos no projeto existencial das mulheres em questão. Considerem-se os exemplos abaixo:

6) Eu tenho 2 filhos (Daniel e Danilo), sou divorciada. Eles são minha alegria, me fizeram aprender a me doar....(WP 1)

7) tenho dois presentes que deus me deu que são meus filhos ela 10 ele 8 anos e somos felizes... (WP 32)

8) Casada e mãe de um filho lindo que é a alegria da minha vida. (WP 54)

9) O meu nome é Beth, sou casada tenho dois filhos. O Danilo e a Thaíni, duas crianças lindas e abençoadas (...) O que move a minha vida é o amor que sinto pela minha família. (WP5)

10) [Juntos](#), temos 5 filhos muito, mas muito legais mesmo (WP 15)

Para mulheres que ainda não são mães a maternidade, juntamente com o casamento, é considerada como um “sonho” a ser realizado:

11) Sonho: fazer de meus filhos o que meus pais fizeram de mim (WP21)

12) Sonho: casar e ter meus filhos (WP6)

O cuidado dos filhos (a “maternagem”) , principalmente nos primeiros anos de vida, também é visto como tarefa e responsabilidade da mulher, que têm assim de conciliar os vários papéis que ela toma para si, principalmente quando está inserida no mercado de trabalho. Apesar da possibilidade de conciliação desses papéis, as mulheres a sentem como uma tarefa difícil, uma vez que resulta em algum sacrifício. É o que expressa Lisandra, uma mulher de 23 anos, no trecho a seguir:

13) Embora eu tenha vários amigos, quase não consigo vê-los. Como eu estudo, trabalho, faço cursinho e ainda tenho tres filhos lindos pra cuidar, fica meio dificil. Mas todos eles(as) são D+ !!! (WP41)

A autora parece viver um impasse ao tentar conciliar tantas atribuições –*estudo, trabalho, cursinho, filhos lindos para cuidar* – e o convívio com os amigos (que ela considera “D+”) parece ter sido sacrificado, uma vez que Lisandra não consegue vê-los. Contudo, apesar dos sacrifícios, Lisandra reproduz o discurso do amor materno irrestrito ao afirmar e reafirmar a beleza e a graça dos filhos (“Esta aí embaixo é minha filha gente!!! Olhem que graça!!! ”). Entretanto, há em seu *web site*, uma informação que não se ajusta propriamente ao discurso social dominante, qual seja, o fato de Lisandra declarar, em dois locais distintos da *web page*, que é solteira. Ela não fornece nenhuma informação sobre o(s) pai(s) das crianças, nem afirma ter tido os filhos como “produção independente”, ou seja, sem necessariamente ter tido um companheiro ou marido. Entretanto, o fato dela afirmar e repetir a informação de que é *solteira* (e não viúva, separada ou divorciada) me parece indicar que Lisandra, ao mesmo tempo que considera o fato de ser solteira e ter

três filhos aos 23 anos algo digno de nota (o que faz duas vezes em um trecho relativamente pequeno), também se considera uma mulher de 23 anos que, além de “ser mãe”, também tem outros interesses que revelam outras identidades, como a mulher que estuda, trabalha, gosta de dançar e sair à noite, etc.

Discursos de resistência também aparecem nas *web pages* muitas vezes de formas contraditórias. Ângela, autora da *web page* 29, afirma que, ao não se casar aos 18 anos, como era hábito na sua família, estava indo de encontro ao que era esperado por seus familiares, e para que pudesse fazer suas próprias escolhas, teve de *quebrar tabus*. Ela afirma:

14) Quebrei alguns tabus como trabalhar fora, estudar a noite, não casar com dezoito anos - como era o hábito para as moças de minha família. Ao invés disso, sai de casa, fui morar sozinha, estudar e trabalhar. (WP29)

Apesar das mudanças apontadas por Ângela no que concerne à sua relação com o casamento, a família e o trabalho, a autora as apresenta de forma contraditória. Ela afirma que, aos 32 anos, continua solteira e mantendo um namoro há dez anos. Sua representação do casamento, por outro lado, é bastante idealizada, uma vez que valoriza uma simbiose entre os membros do casal que denotaria a felicidade conjugal. Ao citar seus avós maternos, a autora comenta:

15) Meus avós maternos foram e sempre serão meus maiores exemplos de felicidade de casamento. Depois de 60 anos de casados ainda andavam de mãos dadas, faziam suas refeições juntos e não saíam de casa um sem o outro. (WP29)

Desse modo, ao mesmo tempo em que a autora se apresenta como alguém capaz de tomar suas próprias decisões e ter opiniões que apontam para mudanças, inclusive as que

iriam contra o *status quo* da sociedade patriarcal, ela valoriza um tipo de casamento que bem a posiciona dentro desse mundo, onde a mulher se relaciona com o outro, não como sujeito independente, mas como simbioticamente ligada ao outro.

5.3.2 Vida profissional

Como afirmado anteriormente, as mulheres autoras das *web pages* analisadas são, em sua maioria, profissionais ou estudantes, com alto nível de escolaridade. Elas não se enquadram assim no perfil tradicional que limitava às mulheres de classe média os papéis de mãe, esposa, educadora e responsável pelo cuidado com os idosos, mas fazem parte de gerações que já incluíram o papel de trabalhar fora do âmbito doméstico e ter uma carreira profissional como também sendo papéis femininos. As identidades que essas mulheres projetam, incorporam esse papel, e não o questionam.

Temos assim, em diversas páginas do *corpus*, a referência à vida profissional, em forma de um relato do que já foi conquistado, ou em termos de objetivos e metas futuras. Várias mulheres relatam suas conquistas profissionais, como Ângela, autora da *web page* 15 e Gláucia (WP33) (entre tantos outros exemplos) :

16) WP 15

Sou escritora de [livros](#) infantis e juvenis, [ilustradora](#) e [tradutora](#). Enquanto isso, fui professora de [Expressão Gráfica](#) da [FAU/UFRJ](#) durante muitos anos. Nesse tempo, dei aulas de desenho artístico, fiz algumas pesquisas e fiz vários amigos.

17) WP 33:

Tenho 12 anos de Prefeitura Municipal, e já passei por diversos setores: Educação, Turismo e Agricultura, Promoção Social, experiência com o trabalho realizado no Conselho Tutelar.

Pela Secretaria de Turismo realizei, com o apoio de um grupo maravilhoso, eventos como o "Primeiro Concurso de Fotografias - Pinheiral, Nossas Virtudes" e os eventos "Sem Criança o Mundo Dança", voltei para a Promoção Social como digitadora do PAIF, Defensoria Pública, e finalmente!!!! na Procuradoria Jurídica da Prefeitura.

As expectativas e a preocupação com a vida profissional e escolar, bem como com o crescimento pessoal da maioria das autoras, também são mais citados do que as em relação ao casamento e à maternidade, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

18) meu objetivo é, no futuro, montar um site jornalístico. (WP 25)

19) Por esse motivo também pretendo ser professora (WP 26)

20) Quando formar-me pretendo lecionar e especializar-me em cirurgia de pequenos animais. (WP 44)

Os “sonhos” das mulheres autoras das *web pages* aqui analisadas também incluem a realização profissional. A autora da WP 40, uma estudante de jornalismo de 21 anos, declara ter sonhos de ser uma profissional de sucesso em sua área: “Me tornar uma grande jornalista; Apresentar um programa; Ganhar dinheiro com o suor do meu trabalho” (WP40). Estudar Jornalismo também era um sonho para Ana Paula (WP 37) que superou vários obstáculos para conseguir voltar a estudar, mas julga que a realização profissional é merecedora de tamanho esforço: “[estudar jornalismo] é a realização de um sonho que irá me possibilitar outros sonhos, crescimento, conhecimento e satisfação pessoal e profissional.” (WP 37). Outros sonhos citados pelas mulheres se referem a um objeto de desejo (um piano), e a viajar, evidenciando as múltiplas esferas em que a mulher atua e almeja atuar.

5.3.3 Corpo

A partir de uma leitura mais atenta das descrições de corpos que algumas autoras fazem em suas páginas, pode-se afirmar que as convenções e padrões do “mundo real” relativos aos corpos femininos são transportados para os ambientes virtuais de forma às vezes contraditória: o mito da beleza, por exemplo, se manifesta em construções textuais de corpos que se apresentam como magros, sensuais e bonitos, mas há também a valorização da beleza por um viés indireto.

A autora da *web page* 26, uma mulher de 22 anos, declara já ter feito curso de modelo e manequim, e descreve sua aparência da seguinte forma: “1,69 m. de altura, peso 56 kg., tenho olhos e cabelos castanho claro” (WP26). Na primeira página de seu site, há uma foto em que ela, apesar de estar sentada, parece ser realmente uma mulher alta e magra. Sua preocupação com o padrão estético veiculado por um discurso que prega a magreza como atributo feminino aparece em uma observação que faz logo abaixo da foto: “Obs.: Eu estava com uns quilinhos a mais nessa foto”. A autora, ao fazer esta observação, chama a atenção do leitor para um fato que seria dificilmente notado por quem a vê na foto. Ela mostra que tem um padrão de “magreza” rígido, bem de acordo com o veiculado pela mídia atual, o que provavelmente já a levou a voltar ao que considera como sendo seu peso ideal.

A questão do corpo sensual aparece na WP 1, em que a autora apresenta uma foto de seu rosto, e não informa seus dados biométricos ou faz uma descrição de seu corpo. No entanto, afirma que gosta de roupas justas e curtas e faz logo a seguir o comentário que ama “malhar”. Ela deixa implícita a relação entre malhar e ter um corpo adequado para usar roupas justas e curtas, que é confirmada ao sermos informados que, entre outras partes de seu corpo que ela “adora”, estão suas pernas:

21) sempre tive um estilo próprio de me vestir e dou preferência a roupas justas e um pouco curtas, amo malhar. Em meu corpo adoro minhas sardas, pernas e boca. (WP1)

As mulheres também mostram preocupação com a beleza e a forma física por uma via mais indireta: igualmente importante é “a alma” ou o “espírito”, de maneira que o cuidado ou “culto ao corpo” se justifica não pelo seu valor simplesmente estético, mas como forma de promoção de saúde do corpo e da alma. A autora de WP 19 afirma também estar com “quilinhos a mais” e gostar de “malhar”, mas a atividade física para ela faz bem

para o corpo e para alma, sendo assim, a perda de peso é um bônus que advém de uma atividade que ela “adora”. Já Milane (autora da WP 18) afirma que gosta de se cuidar, não para atender padrões de beleza impostos, mas para se manter “equilibrada”:

22) Adoro tb a minha academia...fazer aeróbica...é tão bom pro corpo e pra alma...e eu to precisando perder uns quilinhos mesmo.Vamos juntar o útil ao agradável, né (WP 19)

23)[O que gosto de fazer?] Me cuidar (para o equilíbrio do espírito e do corpo) (WP 18)

A preocupação em se enquadrar no padrão de beleza atual, que valoriza corpos esguios e altos, é visto também de forma menos rígida, como por uma autora que, apesar de achar “nem gorda, nem magra”, nem muito bonita, tem uma atitude positiva em relação à sua aparência. Ela afirma:

24) Tenho 1,60m (nem gorda, nem magra); morena clara, cabelos longos, castanhos e encaracolados. Olhos também castanhos, quase negros. Não sou boniiiiita, MAS, gosto muito do que vejo no espelho...rsrsrs!!! WP53

Nota-se que a avaliação positiva é atenuada no texto através dos três pontos de exclamação e do uso de *rs* (notação utilizada na Internet para indicar risos) demonstrando que se assumir como uma mulher que está satisfeita com a aparência deve ser feito com reserva, de modo a não ser considerada “convencida”, ou outras qualidades que não condizem com o discurso tradicional sobre o que a mulher pode ou não pode aparentar ser.

5.3.4 Sexualidade

O termo “sexualidade” refere-se aqui somente à preferência de um indivíduo na escolha de seus parceiros sexuais, podendo ser por pessoas do mesmo sexo

(homossexualidade) ou do sexo oposto (heterossexualidade)⁵⁰. Em nossa sociedade, assume-se a heterossexualidade como normativa ou, até mesmo, como “compulsória” (Cameron e Kulick 2003), e como tal, ser heterossexual é considerado o comportamento natural, não-marcado. Declarar-se heterossexual em uma sociedade que se pressupõe heterossexual é assim, no mínimo, redundante, salvo em circunstâncias em que o pressuposto não se aplica (como em um ambiente em que grande parte das pessoas seja homossexual), ou quando há procura por relacionamento sexual ou amoroso em que é aconselhável que se explicita a preferência sexual (como nos casos de anúncios de jornais e *sites* de relacionamento).

A heterossexualidade determina uma série de eventos, ou estágios de vida considerados “normais” como, no caso das mulheres, namorar, ter relacionamentos “sérios”, casar ou morar junto com o parceiro, ter filhos e deles cuidar. O percurso por outros caminhos, como não se casar, não ter filhos, ou assumir relacionamentos homossexuais, embora se apresentando cada vez mais como opções reais para algumas mulheres, ainda é vivenciado pela maioria das mulheres como opções mais difíceis, em que sempre pesa o preconceito e a rejeição (Bem 1993).

A orientação sexual das autoras das *web pages* não é declarada diretamente em nenhuma das *web pages*, ou seja, nenhuma autora afirma ser homo ou heterossexual. No entanto, é sabido que a sexualidade também é construída na interação através da linguagem por meio de diferentes recursos (Cameron 1997, Hall 1995), o que me fez procurar nas *web pages* se e como as autoras, ao se construírem como mulheres, também se assumem como homo ou heterossexuais, já que a sexualidade é um elemento essencial da feminilidade.

⁵⁰ Estou assim considerando a sexualidade como entendida na linguagem ordinária e não, tomada em sentido mais amplo, englobando todas as formas de expressão do desejo erótico.

No *corpus* analisado, a heterossexualidade é indicada indiretamente pelas autoras das *web pages* através de referência ao casamento, ou a outras pessoas de seu convívio no presente ou no passado, principalmente a um parceiro (marido ou namorado), ou a filhos. Percebe-se também que algumas autoras demonstram desejo em ter um relacionamento com uma pessoa do sexo oposto.

Ao referir-se a seu marido ou namorado, ou a si mesmas como esposas e namoradas de alguém, as autoras pressupõem uma sociedade que opera em termos de namoros e casamentos heterossexuais, e nela inscrevem sua heterossexualidade. No *corpus*, encontramos as seguintes formas de indexação da sexualidade:

a) As autoras afirmam ser ou ter sido casadas, ou fazem referência ao marido:

Exemplos:

25) O meu nome é Beth, **sou casada** tenho dois filhos. (WP5)

26) Eu tenho 2 filhos (Daniel e Danilo), **sou divorciada**. (WP1)

27) Sou **casada** com o Prof: Edmilson (WP44)

28) tenho dois presentes que deus me deu que são meus filhos ela 10 ele 8 anos e somos felizes. com **meu marido** ne rsssssss (WP32)

Nos exemplos acima, assim como em outros do *corpus*, as autoras afirmam ser casadas (ou divorciada), indicando a heterossexualidade, mesmo quando não fazem referência ao (ex)-marido (exemplos 25 e 26), uma vez que, pelas leis do Brasil, o casamento homossexual não é permitido legalmente.

b) As autoras fazem referência a um namorado:

Exemplos:

29) Não posso deixar de agradecer especialmente o crescimento que tem me trazido o **meu namorado**, o Felipe, que aparece aí na foto. (WP18)

30) **Namorado:** DRACUL (WP 8)

31) Em uma das minhas viagens, no final de 2001, eu conheci o Fábio; **meu namorado** há seis meses. (WP39)

Em diversas *web pages* do *corpus*, faz-se referência a um namorado atual ou passado, quer nomeando-o como parte de sua apresentação pessoal, quer mostrando sua foto, indicando um link para a *web page* dele, ou fazendo algum agradecimento a ele. O fato de namorar ser considerado algo “normal” em determinadas fases da vida também se reflete em três *web pages*, em que as autoras afirmam estarem sozinhas *no momento* (ou *atualmente*):

32) Bem, **no momento estou sem namorado**, mas também não estou procurando, porque a pouco(nem foi tão pouco assim) terminei um namoro bem estressante (WP19)

33) **Atualmente, estou solteira**, aprendendo a fazer companhia pra mim mesma e a me conhecer. Além do que, estou me dedicando totalmente à faculdade. Claro que sinto falta de alguém pra abraçar, beijar e me fazer companhia, mas tudo isso está sendo muito bom pra mim e estou muito feliz. (WP26)

34) **No momento estou sozinha**, o que não significa que eu esteja à procura de alguém. (WP43)

Nos dois primeiros exemplos acima, as autoras declaram não estar insatisfeitas com o fato de não terem namorado, uma por ter terminado recentemente um relacionamento “estressante” e a outra por estar se dedicando aos estudos. Mas a própria necessidade de explicar o porquê de estar sem namorado já é uma indicação de que este estado (estar solteira) não é considerado pela autora como o normal, que não demandaria explicações. Lingüísticamente, as autoras marcam suas falas com uma adversativa “mas” (“mas também não estou procurando”, “mas tudo isso está sendo bom pra mim”). A autora da WP 26 afirma que depois de três “namoros sérios” agora *está solteira*, e que está “aprendendo a fazer companhia” para si mesma, o que também denota que *estar solteira* é algo novo para ela.

Já no terceiro exemplo, a autora se diz sozinha, e pressupõe que o leitor infira que deve estar procurando um parceiro, ao que ela nega (“o que não significa que eu...”) e fornece uma explicação. Nota-se que, nos trechos 33 e 34 acima, não há referência explícita ao sexo do parceiro, que são referidos como “alguém”, o que nos impede de afirmar, com base nesses trechos, algo sobre a preferência sexual das autoras. No caso da WP 26, a autora deixa claro (na seção “recados” de sua *web page*) que, pelo menos um dos relacionamentos que teve foi heterossexual, já que se refere ao ex-namorado pelo nome (Alexandre), e afirma em seu “perfil” que seu sonho é “casar e ter meus filhos”.

Ao contrário dessas autoras que afirmam não estar buscando, ao menos no momento, um relacionamento, a autora da *web page* 20, uma moça de 16 anos, afirma que está buscando uma pessoa para fazê-la feliz:

35) ESTOU A PROCURA DE UMA PESSOA PARA ME FAZER FELIZ, QUERIA ENCONTRAR UMA PESSOA QUE CORRESPONDESSE AOS MEUS SENTIMENTOS, E QUE QUISESSE PASSAR A MAIORIA DO TEMPO DO MEU LADO. (WP20)

Todas as mulheres acima, mesmo com posições diferentes a respeito do casamento e do namoro, partilham do discurso dominante que prevê as relações heterossexuais como norma. Ser mulher é assim, para elas, ser heterossexual. A única autora que parece dar voz a um discurso contrário, o da não-heterossexualidade, como mostrado no capítulo 4, o faz de maneira sutil. A homossexualidade é construída pela autora através de referências a alguns nomes normalmente ligados ao universo lésbico (Xena e Sappho). No entanto, ela em nenhum momento indica sua preferência sexual, quer através de um ato de fala direto em que se afirma homossexual, ou através de referência a uma parceira ou namorada. Não se pode afirmar que a autora “opta” por não revelar sua sexualidade, ao contrário, parece-me que este exemplo nos mostra como é atual em nossa sociedade o discurso da

heterossexualidade normativa e que, resistir a ele, não é uma questão simples e direta. Como é típico dos discursos dominantes, este também opera de forma quase invisível, tornando muito difícil a crítica e a resistência a ele.

5.3.5 O outro

As autoras expressam, em diversas páginas, suas visões dos homens e da masculinidade. O discurso androcêntrico, que considera o homem como padrão neutro universal, pressupõe mulheres que atuam em relação a eles, como esposas, filhas, mães. As diferentes formas que encontramos para falar sobre os homens (o outro) nos constroem como diferentes sujeitos (objetos?) femininos.

As mulheres mais jovens relatam admiração por atores e cantores famosos, admiração esta que se dá de forma bastante explícita, como nos exemplos abaixo:

36)AMOOOOOOO meus gatinhos gaúchos Família Lima (WP 11)

37)gosto do gatão do Rick Martin tb (WP 19)

38)[Tom Cruise] Eu amo esse ator maravilhoso e vi já todos os seus filmes mais de 10 vezes, (...). Ele é super charmoso e tem um sorriso que é capaz de enlouquecer qualquer uma. E que todos os homens me perdoem, mas ele é o ÚNICO homem perfeito. E ele é uma referência de beleza pra mim... Pois é, já tive até 2 namorados que parecem de leve com ele hehehe. (WP 24)

No exemplo (36), o uso de maiúsculas (que na linguagem da Internet equivale a gritar) e a repetição da vogal “o” (que reproduz na escrita o alongamento da vogal) indicam a ênfase com que a autora declara sua admiração pelo grupo musical. Nota-se que a admiração não é pelo lado profissional dos artistas, mas que através da escolha lexical, as mulheres os consideram objetos de desejo sexual (“gatinhos”, “gatão”, “super charmoso”, “capaz de enlouquecer”). A autora da WP 24 idealiza a figura do ator Tom Cruise considerando-o “o ÚNICO homem perfeito”; em outras páginas do *corpus* também

encontramos a figura de um homem idealizado pelas autoras – que os qualificam de maneira bem genérica como sendo alguém “legal”, “especial”, “um príncipe”:

39)Com isso espero conhecer alguém que com o tempo se torne **especial** para mim.

(WP 43)

40)Sei lá... mas... se por acaso não for pra ser com ele, então que eu seja feliz com alguém tão **especial** quanto o Cesar!!! =) Tipo... ele não é perfeito e nem nada... é um garoto comum, mas para mim, ele é o cara mais lindo do mundo... o mais simpático... o mais tudo de bom!! (WP 49)

41)gosto muito de ouvir Marisa Monte, principalmente a música "Amor I love you" que me faz lembrar de um amigo muito querido e **muito especial, um príncipe**, seu nome? Marcelo, mas infelizmente ele mora muito longe de mim (Tocantins). (WP 52)

42)quero agora me divertir um pouco conhecer várias pessoas para conhecer no futuro um cara **legal**,que goste de mim e que eu goste tb é claro. (WP19)

Em todos os exemplos acima, nota-se que as mulheres idealizam homens que, apesar de não serem artistas como Tom Cruise, são desejados por estarem afastados delas quer seja no tempo (fizeram parte de seu passado ou farão no futuro) ou no espaço (“infelizmente ele mora muito longe de mim”). O príncipe encantado aparece assim, não com seu cavalo branco como nos contos de fada (“ele não é perfeito nem nada”), mas como um homem “especial”, capaz de amá-las e respeitá-las.

Em geral, as autoras casadas expressam sentimentos positivos em relação aos companheiros (“gente boa”, “sabe tudo de tudo”, “melhor compositor do mundo”) e demonstram sentimentos de carinho e afeto para com eles (“amor da minha vida” “mais importante”). Um casamento estável também é considerado como extraordinário, pelo qual deve-se dar graças (“bênção”, “graças a Deus”):

43)Sou casada com o Prof: Edmilson (mas ele não foi meu prof. calma!). Ele é gente boa, as vezes está atacado, mas, é apenas de momento, depois,volta ao normal. Ele é um CDF de primeira! Sabe tudo de tudo! Nunca vi ninguém assim. Estamos casados a 5 anos e vivemos bem, graças a Deus. (WP 44)

44)Tenho a bênção de ser casada com o amor da minha vida, Alexandre, o melhor compositor do mundo! Não falo mais pra .. vocês sabem. (WP 15)

45) Mas o mais importante que tenho aqui é o meu marido, o Dmitriy e a nossa linda filha, Larisa. Eu amo minha família!! (WP24)

Não são somente os homens que as autoras incluem em suas redes de conexões. Chama a atenção nas *web pages* em exame algo que, para Coates (1996), é característico das práticas comunicativas femininas: a construção da amizade entre as mulheres. As jovens autoras mencionam e celebram suas amigas nas *web pages* tanto quanto seus familiares ou namorados. Considerem-se os exemplos retirados do *corpus*:

46) Algumas vezes saio para lugares mais badalados (boate, barzinhos,...) para sair da rotina e quando isso acontece é para se divertir realmente, juntos das minhas amigas. (WP 39)

47)Esta de quem estou falando é minha melhor amiga.Se chama Camila e tem 18 anos.Ela faz design na Feevale.Ela é muito legal!... (WP 19)

48)Minhas amigas, em especial,são: Elizabeth, Patrícia, Aline e Lílian. (...) Eu e minhas amigas nos divertimos muito na faculdade tem cada uma que acontece por lá.... (WP 44)

A autora do último trecho acima menciona a palavra amiga(s) seis vezes em sua apresentação pessoal o que, em contraste com o número de vezes que cita “minha mãe” (três vezes) e Edmilson (seu marido, duas vezes), nos dá a dimensão que as amigas ocupam em sua vida.

É prática comum entre as mais jovens sair para se divertir à noite com um grupo formado exclusivamente por mulheres. O trecho reproduzido em (51) acima é um dos exemplos dessa prática (se divertir com as amigas), que é também retratada no exemplo abaixo:

49) A Alexandra é a minha companheira de farrá... hehe Ah! De vez em quando saio com a Kelly e a Karen tb! Ah! E a Carol!! (WP 49)

Importa ainda observar que a autora se refere à sua amiga como “companheira de farra”, expressão que, no tempo de sua mãe e no discurso social dominante, era exclusiva do universo masculino, a quem era permitido sair para a “farra”.

Há autoras que se apresentam sempre em referência ao outro, não delimitando claramente as fronteiras entre seu eu e as outras pessoas que constituem seu círculo social, enquadrando-se no estereótipo da mulher dependente. É o caso de Regiane (WP 18) que já em sua foto, logo após a identificação da *web page*, aparece junto com um rapaz, que ela informa ser seu namorado. O texto de apresentação de Regiane, reproduzido abaixo, demonstra como seu eu se constitui sempre em relação a um outro representado por *amigas, amigos, família, namorado, turmas, todas essas pessoas*, que aparecem em diversos trechos do texto⁵¹:

50) WP 18

Já vivi 26 anos, cercada de **amigas** e **amigos**, carinho da **minha família**, aprendendo muito, tentando ensinar o que percebi positivo e estando aberta sempre para o que está por vir.

Cursei economia na universidade Mackenzie. É um ótimo local para desenvolver sua vida acadêmica, pois é um ambiente alegre e construtivo. **As amigas** que mantenho até hoje são de lá e agradeço muito por tê-las conhecido, por serem pessoas especiais.

Bom, não são apenas estas **as amigas** que tenho, então deixo meu agradecimento a todas as **minhas turmas**:

- **A turma da diretoria**, onde fazem parte meninos sensíveis e especiais.
- **A turma do BKB**.
- **A turma do Donna**.
- **A turma da Comgas**, que tem me trazido experiências valiosas em meu dia-a-dia.

Não posso deixar de agradecer especialmente o crescimento que tem me trazido **o meu namorado**, o Felipe, que aparece aí na foto. A altura dele, reflete o coração dele.

E graças a **todas estas pessoas** que citei, tenho dias felizes e motivação para lutar cada vez mais, acreditando em mim e no futuro.

⁵¹ No estudo de Ferreira (2002), o perfil de dependência e simbiose com o alter é identificado nas donas-de-casa, enquanto que as mulheres executivas apresentam um eu individualizado.

Nota-se que o eu aparece nas formas verbais do texto (vivi, percebi, cursei etc.) mas sempre em contato com o outro, e que o texto de apresentação, já no segundo parágrafo, deixa de ser um relato sobre a vida e os gostos de Regiane para se tornar um agradecimento a todas as pessoas em torno das quais sua vida revolve.

Outras mulheres assumem um eu que apesar de reconhecer o outro, dele se mostra independente. Isso se verifica, por exemplo, na apresentação de Eugenia, em que o pronome eu aparece nove vezes, e juntamente com outras formas pronominais e verbais de primeira pessoa, estabelece a autonomia da autora em relação ao outro:

51) WP 34

Na foto ao lado **eu** estou na Disney, um presente que **eu me** dei de aniversario (17.05 tenho 27 anos e **continuo** aceitando presentes) no periodo em que **eu** morava em Boston.

Bom **acho** que a grande maioria de vcs ja sabe que **eu** tenho o sangue cigano, e que **eu** ja morei em muitos lugares aqui no Brasil, em Boston....e que alem destes muitos lugares, **eu** conheco uma infinidade de outros.

Agora e a hora de vcs descobrirem mais ao **meu** respeito.

Bom **eu** trabalho na ITATRANS, uma empresa que faz o transporte de cargas internacionais.

E um servico interessante e que **me** coloca de certa forma em contato com varios lugares do mundo, pois depois de fazer algumas vezes o transporte de cargas de um lugar do mundo inevitavelmente a gente comeca e querer saber mais sobre o lugar e sai na pesquisa para ter mais informacoes. Outro lado bom desse servico e que **eu** sempre estou usando um **meu** ingles e espanhol, coisa que **eu** tinha muito medo de esquecer.

Acho que sobre esse pedacinho da **minha** vida nao tem muito mais o que falar, apesar de que mais adiante quando for falar os **meus** amigos, **falarei** sobre algumas pessoas que trabalham **comigo**.

A autora não nega a existência dos amigos e colegas de trabalho, mas se estabelece no mundo como sujeito independente, e agente de seus próprios atos, que se dá presentes, viaja, trabalha, usa o inglês e espanhol, etc. Ao contrário de Regiane, esta autora não aceita

o estereótipo que define as mulheres como passivas, dependentes, e voltadas para o outro, mas se impõe como mulher independente.

5.4 Gênero e Idade

Identities de gênero são construídas sobre identidades de idade, uma vez que em cada fase de nossas vidas são esperadas certas posições quanto à maturidade, responsabilidade, controle emocional, racionalidade, capacidade intelectual, entre outras. As *web pages* do *corpus* são de autoria de mulheres que se encontram em diferentes faixas etárias, entre os 16 e os 50 anos, sendo que a maioria delas tem entre 20 e 30 anos. Observa-se que as diferenças nas expectativas e nos estilos de vida das diferentes faixas etárias são claramente refletidos nos temas tratados nos *web sites*, no uso da linguagem e dos recursos extra-lingüísticos.

Contudo, é importante salientar que é difícil atribuir, à idade somente, as diferenças encontradas, uma vez que outros fatores ou categorias sociais se entrecruzam com idade – escolaridade, profissão, posição familiar – na constituição das identidades. O que é “normal” em nossa sociedade para uma mulher de classe média de mais de quarenta anos, por exemplo, é que ela já tenha concluído sua vida escolar, tenha ingressado no mercado de trabalho e já tenha tido filhos, fatores esses que, por si só, já constituem identidades diversas. No entanto, as diferenças que se apresentam entre as *web pages* das duas faixas etárias extremas do *corpus* (as mais velhas *versus* as mais novas), principalmente no que se refere ao nível micro estrutural e na organização tópica dos textos, me pareceram dignas da análise, que apresento a seguir.

Uma característica que se destaca nas *web pages* das mulheres das faixas etárias mais jovens é a informalidade, o que se reflete de diversas formas nos textos analisados. Nota-se o uso de expressões gíricas, forma de inclusão das autoras em um grupo similar ao

seu, entre elas, cito: balada, mó, sussú, ficar (com alguém), tudo de bom, galera, birita, mistureba, merreca. Considerem-se os exemplos em que aparecem algumas dessas gírias:

52) Nas minhas horas vagas gosto de sair, ir em um barzinho, tomar umas birita (WP 19)

53) Normalmente a gente saia de balada!!! (...) mas agora eu estou super sussú!! Eu saio mais pra me divertir! Nem ligo mais se vou ou não ficar com alguém.. sabia?. (WP 49)

Verifica-se também, nesse último trecho, outras características que marcam a informalidade da interação, como o uso excessivo de ponto de exclamação, itens onomatopéicos (hehe), redução de palavras (pra), e uso de marcadores discursivos mais típicos da linguagem oral (Ah!, sabia?).

Outro indicador da informalidade encontrado nos textos são as abreviaturas, que são características da linguagem utilizada na comunicação mediada por computador síncrona. Tais itens incluem vc/vcs (vocês), blz (beleza) tb (também), Hp (home page) entre outros. As autoras jovens se mostram assim como usuárias competentes de outras modalidades de comunicação mediada por computador:

54) Eu adoro praia gente! Vcs não fazem idéia! (WP 19)

55) Se der, eu coloco as fotos aqui na Hp, blz?! (WP 40)

A forma não canônica da ortografia também é uma característica das *web pages* das jovens, reproduzindo o que é encontrado na CMC síncrona, e acontece em maior ou menor grau, dependendo do estilo pessoal da autora. A falta de acentuação é percebida em várias *web pages*, e aparece no exemplo abaixo, em que o ditongo nasal “ao” é representado como “aum”; observam-se também as seguintes características: a vogal “o” átona em final de palavra é representada com “u”, e o som /k/ é representado pela letra k:

56) por tudo que fizeram por mim e que eu sei que vaum continuar fazendu. Pelos otimos conselhos e pelo "quartinho da amargura" , sem ele eu naum teria colocado a cabeça um pouquinho no lugar. Valeu. (WP 20)

Quanto ao temas tratados, encontramos aqueles relacionados ao universo dessas jovens de classe média urbana brasileira, entre eles: escola/faculdade; irmãos, primos e amigos; namorados; animais de estimação; bandas e artistas favoritos e lazer. Os textos são repletos de comentários que se dão em forma de inserções o que torna meio caótica a organização do fluxo de informação.

Tomando as *web pages* das mulheres na maior faixa etária do *corpus* (41 a 50 anos), notamos diferenças em relação às páginas das mais jovens, em termos da seleção dos recursos lingüísticos e textual e dos temas por elas abordados. Consideremos, em primeiro lugar, a escolha lexical feita por essas autoras. Encontramos itens lexicais que não são parte da linguagem coloquial, configurando um léxico formal, entre esse itens destaco: pesares, embrenhamos, incrivelmente penosa, vivenciar, árida, parafernália, com intuito de, periodicamente. Abaixo, um exemplo prototípico:

57) Algumas vezes nos embrenhamos de tal forma em nossas fantasias nos deixando seduzir por tudo aquilo que sonhamos que a volta a realidade se torna incrivelmente penosa. (WP9)

A sintaxe também se apresenta mais próxima à da língua culta do que o observado nas páginas das mais jovens. A forma culta do pronome é um exemplo da diferença encontrada nas duas faixas etárias:

58) Chamo-me Ana Maria. (WP 07) – 45 anos

59) Se chama Camila e tem 18 anos (WP 19) – 20 anos

O uso do léxico formal e da sintaxe mais próxima da norma padrão não impede, entretanto, que as *web pages* também apresentem características da informalidade, como uso de marcadores discursivos (Ah!, Bem) e outras convenções da língua escrita adotadas na Internet. Entre elas, encontramos os “emoticons” (☺) e abreviaturas (D+). Essas mulheres, a partir do uso desses recursos, se constroem também como mulheres que participam das interações *on line* e têm familiaridade com suas convenções. Seguem exemplos do uso desses recursos nas *web pages* de mulheres da faixa etária entre 40 e 50 anos:

60) Ah! De onde sou? Natural de [Porto Alegre](#) (amo D+) (WP 07)

61) Aceito ofertas de emprego... ☺ ... Bem, é preciso pelo menos tentar... (WP 09)

Os temas tratados nessas *web pages* giram em torno das conquistas no trabalho, a família, e os interesses pessoais. Vale notar também que essas autoras estão entre as que explicitam os motivos pelos quais construíram suas páginas pessoais, e se mantêm focadas em seus objetivos. Isso se revela na forma com que a organização tópica do texto se organiza, que em geral se dá de forma mais centrada, ou seja, com menos interrupções e comentários inseridos do que o observado nas páginas das mais jovens.

CONCLUSÃO

Nesta parte final do trabalho, apresento, de forma resumida, o que foi aqui analisado, para depois fazer alguns comentários finais que deixo à guisa de conclusão. Na verdade, a conclusão deste trabalho se tornou um desafio bem maior do que o imaginado, uma vez que, durante todo o percurso analítico busquei evitar as generalizações, e tomar o “ser mulher” em sua heterogeneidade, epifanias de sujeitos que se constroem e são construídos no discurso.

A comunicação mediada por computador, modalidade de interação própria do meio eletrônico, veio revolucionar mais uma vez as formas de comunicação entre os seres humanos, diminuindo de forma nunca antes imaginada as barreiras de tempo e espaço que nos separam. O que a princípio parecia se constituir como uma nova fronteira, em que mentes sem corpos pudessem se expressar e interagir de uma forma mais democrática do que nas outras formas de comunicação, não se constituiu como tal, uma vez que os usuários levaram para esse novo “espaço” suas velhas representações do outro, que retratam as relações de poder, de gênero, de raça, etc. socio-historicamente construídas.

Os estudos na área de linguagem e gênero aqui discutidos mostraram as diferenças entre as falas femininas e masculinas tanto em termos da micro-estrutura textual quanto no nível das formas de interação, confirmando que no ciberespaço, ao contrário do que é dito na *charge* reproduzida no primeiro capítulo, é possível reconhecer o outro, mesmo estando ele protegido pela tela de um computador. Não se buscou aqui reproduzir esses estudos, que em sua maioria tomam “mulher” como ser genérico, e não nas suas diferenças: mulheres com posições sociais, níveis de escolaridade, raça, sexualidade, estado civil, etc., participando de eventos comunicativos com objetivos diferentes e interlocutores diferentes.

A partir de uma perspectiva teórica que toma a identidade como algo construído na interação com o outro e através da linguagem, ou seja, como ato de fala e não como essência do ser, procurou-se, em páginas pessoais da Internet selecionadas para compor o *corpus* desta tese, os recursos, entre eles os próprios do meio digital, que as autoras lançaram mão para responder à crítica pergunta “Quem sou eu ?”.

Conforme explicitado no capítulo 4, além dos textos de apresentação e perfis, nos quais as autoras fornecem seus dados pessoais e outras informações que revelam identidades, essas se mostram também através da hipertextualidade, ou seja, através de *hiperlinks* que remetem o leitor para outras partes de sua *home page* e para outras páginas ou *sites* disponíveis na Internet, que muitas vezes revelam identidades em contradição com a apresentada na página principal.

As *web pages* são construídas como textos em que os autores dialogam com seu leitor, que é a toda hora lembrado, interpelado, questionado. Para tal, são usados não somente recursos próprios da língua, como marcadores conversacionais e perguntas, mas também o leitor é convidado a dar sua opinião sobre as *web pages*, a enviar e-mails, e a responder questionários e enquetes.

Na grande maioria das páginas analisadas também encontramos recursos não verbais, como fotos, tamanho, tipo e cor das letras, desenhos estáticos e em movimento, cores e “papel” de fundo que juntamente com recursos de áudio diferenciam as *web pages* de outros suportes e gêneros textuais autobiográficos. Esses recursos também contribuem para a apresentação do eu virtual, uma vez que são também lidos como signos.

No último capítulo da tese, buscou-se captar as formas como que o ser mulher ou a feminilidade se manifesta. Partiu-se do pressuposto que há discursos que, a despeito das heterogeneidades encontradas nos membros do grupo, criam uma identidade social unificada, e acabam por definir o que, em um certo momento, é tido como “identidade

feminina”. Desse modo, identifica-se um discurso tradicional, que valoriza a posição da mulher como subordinada ao homem, e outro(s) que contesta(m) essa posição e exalta(m) a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Esses discursos convivem em nossa sociedade atualmente e, ao mesmo tempo em que é impossível negar os imensos avanços já alcançados pelas mulheres, há que se reconhecer que as desigualdades persistem no espaço público e privado.

Da análise dos discursos das mulheres nas *web pages*, pudemos observar a oscilação entre esses dois modelos: por um lado a mulher se coloca como independente e autônoma, agente em sua própria vida, capaz de atuar em qualquer área profissional, e fazer suas próprias escolhas, mas por outro ainda reproduz o discurso da mulher tradicional, esposa e mãe dedicada, que projeta no outro sua razão de viver.

Os discursos conflitantes foram captados à medida em que as mulheres discorriam sobre temas como a maternidade e a maternagem, a relação com o outro, a vida profissional e a sexualidade. Foram captadas assim, muitas vezes na mesma *web page*, discursos que denotam diferentes versões de feminilidade, que apontam para diferentes possibilidades de ser mulher no Brasil atualmente.

Após concluída a pesquisa, tentei voltar às *web pages* para observar se tinham sido atualizadas, e de que forma tinham sido alteradas, uma vez que as autoras afirmam sempre que o processo de construção das *web pages* nunca está acabado, elas estão sempre “em construção”. Para minha surpresa, muitas páginas não estavam mais disponíveis, e entre as que ainda podiam ser acessadas, não havia nenhuma que tivesse sido atualizada. De fato, muitas delas mantinham sua forma original do momento em que tinham sido criadas há três ou quatro anos. Notei também que outro gênero digital está sendo usado por essas autoras, que migraram suas páginas e agora mantêm os chamados *blogs*, que atuam como diários eletrônicos, uma forma que mais se ajusta, devido a características técnicas, às

necessidades de atualização das páginas pessoais. Essas se tornaram quase que formas estáticas de apresentação do eu, em que os dados “mais permanentes” (idade, naturalidade, fotos, interesses gerais) são disponibilizados. Assim, se abrem outras possibilidades de pesquisas neste campo fascinante que é a comunicação mediada por computador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Sonia de Oliveira (2001). Interação on-line e oralidade. In: V. Menezes (Org.) *Interação e aprendizagem em ambientes virtuais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, pp. 126-145.
- AUSTIN, John (1962). *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press.
- BAKHTIN, Mikhail (1981) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BALKA, Ellen (s/d). Women's access to on-line discussions about feminism. Texto disponível em <http://www.cpsr.org/cpsr/gender/access.discuss.fem> [22/05/2003]
- BARROS, Ricardo Paes de, Ana Flávia MACHADO, et al. (1997). A desigualdade da pobreza: estratégias ocupacionais e diferenciais por gênero. *Textos para discussão n. 453*. Rio de Janeiro IPEA. Texto disponível em www.ipea.gov.br/pub/td/td0453.pdf [12/08/2003]
- BECHAR-ISRAELI, Haya (1995). "From <Bonehead> to <cLoNehEAd>: nicknames, play and identity on Internet Relay Chat." *Journal of Computer Mediated Communication* 1(2): serial., Disponível em: <http://www.ascusc.org/jcmc/vol1/issue2/bechar.htm> [12/12/2002]
- BEM, Sandra (1993). *The lenses of gender: transforming the debate on sexual inequality*. New Haven: Yale University Press.
- BERGVALL, Victoria L. (1999). "Toward a comprehensive theory of language and gender." *Language in Society* 28: 273-293.
- BERGVALL, Victoria L., Janet M. BING, Alice FREED, Orgs. (1996). *Rethinking language and gender research: theory and practice*. London, New York: Longman.
- BING, Janet M. e Victoria L. BERGVALL (1996). The question of questions: beyond binary thinking. In: V.L. Bergvall, J. M. Bing e A. Freed (Orgs.). *Rethinking language and gender research: theory and practice*. London, New York: Longman, pp. 1-30.
- BROWN, Penelope e Stephen C. LEVINSON (1987). *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRUCKMAN, Amy (1993). Gender swapping on the Internet. Proceedings of INET '93. disponível em <http://ftp.game.org/pub/mud/text/research/gender-swapping.txt> [12/12/2002]

- BUCHOLTZ, Mary e Kira HALL (1995). Introduction. In: M. Bucholtz e K. Hall (Orgs.). *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. New York, London: Routledge, pp. 1-22.
- BUCHOLTZ, Mary, A. C. LIANG, e Laurel SUTTON, Orgs. (1999). *Reinventing identities: the gendered self in discourse*. New York: Oxford University Press.
- BUTEN, John (1996). The first personal *home page* survey. Disponível em: <http://www.asc.upenn.edu/USR/sbuten/phpi.htm>. Citado por Döring (2002).
- BUTLER, Judith (1990). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- BUTLER, Judith (1999). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: G. L. Louro (Org.). *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 151-172.
- CAMERON, Deborah (1995). Rethinking language and gender studies: some issues for the 1990s. In: S. Mills (Org.) *Language and gender: interdisciplinary perspectives*. London, New York: Longman, pp. 31-44.
- CAMERON, Deborah (1996). The language-gender interface: challenging co-optation. In: V. L. Bergvall, J. M. Bing e A. Freed (Orgs.) *Rethinking language and gender research: theory and practice*. London, New York: Longman, pp. 31-53.
- CAMERON, Deborah (1997). Theoretical debates in feminist linguistics: questions of sex and gender. In: R. Wodak (Org.). *Gender and discourse*. London: Sage, pp. 21-36.
- CAMERON, Deborah (1998). "'Is there any ketchup, Vera?': Gender, power and pragmatics." *Discourse & Society* 9(4): 437-455.
- CAMERON, Deborah (1999). Performing gender identities: young men's talk and the construction of heterosexual masculinity. In: A. Jaworski e N. Coupland (Orgs.). *The Discourse Reader*. London, New York: Routledge, pp. 442-458.
- CAMERON, Deborah, Fiona McALINDEN, et al. (1988). Lakoff in context: the social and linguistic functions of tag questions. In: J. Coates e D. Cameron (Orgs.). *Women in their speech communities*. London: Longman, pp. 74-93.
- CAMERON, Deborah e Don KULICK (2003). *Language and Sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHANDLER, Daniel (1998). Personal home pages and the construction of identities on the Web. Texto disponível em <http://www.aber.ac.uk/media/Documents/short/webident.html> [23/11/2003]

- CHERNY, Lynn (1994). "Gender differences in text-based virtual reality". Comunicação apresentada na "Third Berkeley Women and Language Conference". Texto disponível em <http://www.usyd.edu.au/su/social/papers/cherny2.html> [02/04/2003].
- CHERNY, Lynn (1999). *Conversation and community: chat in a virtual world*. Stanford, CSLI Publications.
- COATES, Jennifer (1993). *Women, men and language: a sociolinguistic account of gender differences in language*. London: Longman.
- COATES, Jennifer (1996) *Women talk: conversation between women friends*. Oxford: Blackwell.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (1996). Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Disponível em http://www.mct.gov.br/legis/outros_atos/res196_96.htm [23/02/2003]
- CRYSTAL, David (2001). *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DANET, Brenda (1996). Text as mask: gender and identity on the Internet. Venice, Italy, Proceedings of the Conference on Masquerade and gendered identity. Disponível em: <http://atar.msc.huji.ac.il/~msdanet/mask.html> [07/02/2003]
- DANET, Brenda, Lucia RUEDENBERG-WRIGHT, et al. (1996). "Hmmm... where's that smoke coming from? Writing, play and performance on Internet Relay Chat." *Journal of Computer Mediated Communication* 2(4). Disponível em: <http://www.ascusc.org/jcmc/vol2/issue4/danet.html> [07/02/2003]
- DERRIDA, Jacques (1991) [1972]. Assinatura Acontecimento Contexto. In: J. Derrida, *Margens da Filosofia*. Campinas: Papyrus, pp. 349-373
- DÖRING, Nicola (2002). "Personal Home Pages on the Web: a review of research." *Journal of Computer Mediated Communication* 7(3): serial. Texto disponível em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol7/issue3/doering.html> [23/02/2003]
- ECKERT, Penelope (2003) Language and gender in adolescence In: J. Holmes e M. Meyerhoff (Orgs.). *The handbook of language and gender*. London: Blackwell, pp. 381-400.
- ECKERT, Penelope e Sally McCONNEL-GINET (1998 [1992]). Communities of practice: where language, gender, and power all live. In: J. Coates (Org.). *Language and Gender: a reader*. Oxford: Blackwell, pp. 484-494.
- EDWARDS, Paul (1990). "The army and the microworld: computers and the politics of gender identity." *Signs* 16(1): 102-127.

- ERICKSON, Thomas (1996). "The world wide web as social hypertext." *Communications of the ACM* 39(1): 15-17. Texto disponível em http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/SocialHypertext.html [05/10/2003]
- FAIRCLOUGH, Norman (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- FAIRCLOUGH, Norman (2003). *Analyzing discourse: textual analysis for social research*. New York: Routledge.
- FERREIRA, Dina Maria Martins (2002). *Discurso feminino e identidade social*. São Paulo: Annablume, Fapesp.
- FERRIS, Sharmila Pixy (1996). "Women on-line: cultural and relational aspects of women's communication in on-line discussion groups." *Interpersonal Computing and Technology: an electronic journal for the 21st century* 4(3-4): 29-40. Texto disponível em <http://www.helsinki.fi/science/optek/1996/n3/ferris.txt> [20/02/2003]
- FISHMAN, Pamela (1983). Interaction: the work women do. In: B. Thorne, C. Kramarae e N. Henley (Orgs.) *Language, gender and society*. Rowley, Mass: Newbury House, pp. 89-101.
- FREED, Alice (1996). Language and gender research in an experimental setting. In: V. L. Bergvall, J. M. Bing e A. Freed (Orgs.) *Rethinking language and gender research: theory and practice*. London and New York: Longman, pp. 54-76.
- FREED, Alice (2003). Epilogue: reflections on language and gender research. In: J. Holmes e M. Meyerhoff (Orgs.). *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell, pp. 699-721.
- FRUET, Henrique (2001). "Do PC para o coração" *Isto é online* 1632, disponível em: http://www.terra.com.br/istoe/1632/ciencia/1632_do_pc_para_coracao.htm [17/04/2004]
- GIBSON, Willian (1984). *Neuromancer*. London: Harper Collins Publishers.
- GOFFMAN, Erving (1959). *The presentation of self in everyday life*. New York: Doubleday Anchor.
- GOFFMAN, Erving (1974) *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Cambridge, Ma: Harvard University Press.
- GRADOLL, David e Joan SWANN (1989). *Gender voices*. Oxford: Blackwell.
- GUMPERZ, John (1982). *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.

- HALL, Kira (1995). Lip service on the fantasy lines. In: K. Hall e M. Bucholtz. *Gender articulated : language and the socially constructed self*. London, New York, Routledge: pp.183-216.
- HALL, Kira (1996). Cyberfeminism. In: S. C. Herring (Org.) *Computer-mediated communication: linguistic, social and cross-cultural perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 147-170.
- HALL, Kira e Mary BUCHOLTZ, Orgs. (1995). *Gender articulated: language and the socially constructed self*. London, New York: Routledge.
- HALL, Stuart (1992). The question of cultural identity. In: S. Hall, D. Held and T. McGrew (Orgs.). *Modernity and its future*. London: Open University Press.
- HALL, Stuart (2000). Quem precisa da identidade? In: Silva, T.T (Org.). *Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, pp. 103-133
- HARAWAY, Donna (1985). A manifesto for cyborgs: science, technology, and socialist feminism in the 1980s. *Socialist Review* 80 (2) 65-107.
- HEBERLE, Viviane M. (2000). Análise Crítica do discurso e estudos de gênero (gender): subsídios para a leitura e interpretação de textos. In: M.B.M Fortkamp e L.M.B. Tomitch (Orgs.) *Aspectos de Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular: 289-316
- HEIM, Michael (1993). *The Metaphysics of Virtual Reality*. Oxford: Oxford University Press
- HERRING, Susan C. (1992). Gender and participation in computer-mediated linguistic discourse. ERIC Clearinghouse on Languages and Linguistics, documento ED345552. Washington, DC.
- HERRING, Susan C. (1993). Gender and democracy in computer-mediated communication. *Electronic Journal of Communication* 3 (2). Disponível em <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/ejc.txt> [20/02/2003]
- HERRING, Susan C. (1994). Gender differences in computer-mediated communication: bringing familiar baggage to the new frontier. Keynote Talk at American Library Association annual convention. Miami, FL. Texto disponível em <http://www.vcn.bc.ca/sig/comm-nets/herring.txt> [02/03/2003]
- HERRING, Susan C. (1996). Introduction. In: S. C. Herring. *Computer-mediated communication: linguistic, social and cross-cultural perspectives*. Philadelphia: John Benjamins, pp. 1-10.
- HERRING, Susan C. (1999). "The rhetorical dynamics of gender harassment on-line." *The Information Society* 15(3): 151-167.

- HERRING, Susan C. (1999 [1996]). Posting in a different voice: gender and ethics in computer-mediated communication. In: P.A.Mayer. *Computer media and communication: a reader*. Oxford: Oxford University Press, pp. 241- 264.
- HERRING, Susan C. (2000). "Gender differences in CMC: findings and implications." *The Computer Professionals for Social Responsibility Newsletter* 18(1).
- HERRING, Susan C. (2001). Computer-mediated discourse. In: D. Tannen, D. Schiffrin e H. Hamilton. *The handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell, pp. 612-634.
- HERRING, Susan C. (2003). Computer-mediated discourse analysis: an approach to researching online behavior. In: S. A. Barab, R. Kling e J. H. Gray. *Designing for virtual communities in the service of learning*. New York: Cambridge University Press, serial. Disponível em <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.html> [12/01/2003]
- HERRING, Susan C. (2003a). Gender and power in online communication. In: J. Holmes e M. Meyerhoff. *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 202-228.
- HERRING, Susan C., Deborah A. JOHNSON, et al. (1992). Participation in electronic discourse in a "feminist" field. In: K. Hall, M. Bucholtz e B. Moonwomon (Orgs.). *Locating power: proceedings of the Second Berkeley Women and Language Conference*. Berkeley, CA: Berkeley Women and Language Group, pp. 250-262.
- HERRING Susan C., Deborah A. Johnson, et al. (1995). "This discussion is going too far!": Male resistance to female participation on the Internet. K. Hall e M. Bucholtz. *Gender articulated: language and the socially constructed self*. New York, London: Routledge, pp. 67-96.
- HILGERT, José Gaston (2001). A construção do texto "falado" por escrito na Internet. In: D. Preti. *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, pp. 17-55.
- HOLMES, Janet (1984). "Hedging your bets and sitting on the fence: some evidence for hedges as support structures." *Te Reo* 27: 47-62.
- HOLMES, Janet (1995). *Women, men and politeness*. London: Longman.
- HOLMES, Janet (1997). "Women, language and identity." *Journal of Sociolinguistics* 1(2): 195-223.
- HOLMES, Janet e Miriam MEYERHOFF (2003). Different voices, different views: an introduction to current research in language and gender. In: J. Holmes and M. Meyerhoff. *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell, pp. 1-17.

- HOLMES, Janet e Miriam MEYERHOFF, Orgs. (2003a). *The handbook of language and gender*. Malden, MA, Blackwell.
- JAMES, Deborah e Janice DRAKICH. (1993) Understanding gender differences in amount of talk: a critical review of research. In: D. Tannen (Org.) *Gender and conversational interaction*. New York, Oxford: Oxford University Press, pp. 281-312
- JONES, Rodney H. (2004) The problem of context in computer-mediated communication. In: P. LeVine e R. Scollon (Orgs.) *Discourse and technology: multimodal discourse analysis*. Washington, DC: Georgetown University Press, pp. 20-33
- KAPLAN, Nancy e Eva FARREL (1994). "Weavers of Webs: A portrait of young women on the net." *The Arachnet Electronic Journal on Virtual Culture* 2(1). Texto disponível em:
<http://raven.ubalt.edu/kaplan/weavers/weavers.html> [17/03/2003]
- KENDALL, Shari e Deborah TANNEN (2001). Discourse and gender. In: D. Schiffrin, D. Tannen e H. Hamilton (Orgs.). *The handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell, pp. 548-567.
- KOMESU, Fabiana Cristina (2003). As relações intergenéricas constitutivas da escrita das *home pages*. In: M.B.M. Abaurre, M.L.T. Mayrink-Sabinson e R.S.Fiad (Orgs.). *Escrita e gênero na aquisição da escrita*. Campinas: Komedi, pp. 223-262.
- KOMESU, Fabiana Cristina (2004). Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: L. A. Marcuschi e A. C. S. Xavier (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 110-119.
- KRAMARAE, Cheris e H. Jeanie TAYLOR (1993). Women and men on electronic networks: a conversation or a monologue? In: H. J. Taylor, C. Kramarae e M. Ebben. *Women, information, technology, and scholarship*. Urbana, IL: Center for advanced study, pp. 52-61.
- LAKOFF, Robin T. (1975). *Language and woman's place*. New York ; London: Harper & Row.
- LAQUEUR, Thomas (2000). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- LÉVY, Pierre (1996) *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34
- LÉVY, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- LINDE, Charlotte (1993). *Life stories: the creation of coherence*. Oxford: Oxford University Press.

- MAGALHÃES, Maria Izabel S. (1995). "A critical discourse analysis of gender relations in Brazil" *Journal of Pragmatics* 23: 183-197
- MALTZ, Daniel N. e Ruth A. BORKER (1998 [1982]). A cultural approach to male-female miscommunication. In: J.Coates (Org.). *Language and gender: a reader*. Oxford: Blackwell, pp. 417-434.
- MAINGUENEAU, Dominique (2001). *Análise de texto de comunicação*. São Paulo, Cortez.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1986) *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1997). "Oralidade e escrita." *Signótica* 9: 119-145.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (2001) Marcas da interatividade no processo de textualização na escrita. Texto digitado (inédito), pp. 1-14.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio e Antonio Carlos XAVIER Orgs. (2004). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- McCLEARY, Leland Emerson (1996). Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador. Tese de doutoramento. São Paulo, USP.
- MCLUHAN, Marshall (1994). *Understanding Media: the extensions of man*. Cambridge: MIT Press.
- MILLER, Hugh (1995). The presentation of self in electronic life: Goffman on the Internet. Comunicação apresentada na Conferência "Embodied Knowledge and Virtual Space", Universidade de Londres. Disponível em <http://ess.ntu.ac.uk/miller/cyberpsych/goffman.htm> [26/03/2002]
- MILLER, Hugh e Russel MATHER (1998). The presentation of self in WWW home pages. IRIS 98 Conference, Bristol, UK. Disponível em <http://ess.ntu.ac.uk/miller/cyberpsych/millmath.htm> [6/03/2004]
- MILLS, Sara, Org. (1995). *Language and gender: interdisciplinary perspectives*. London: Longman.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo (2003). Socioconstrucionismo: discurso e identidade social In: L.P, Moita Lopes (Org.). *Discursos de identidades*. Campinas: Mercado das Letras, pp. 13-38.
- MORAES, Maria Lygia Quartim (1998) "Usos e limites da categoria gênero". *Cadernos Pagu* 11 pp. 99-105.
- NERI, Marcelo Côrtes (2003). Mapa da exclusão digital. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, IBRE, CPS. Texto disponível em:

- http://www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/apresentacao/Texto_Principal_Partel.pdf [23/10/2003]
- NUA (2002). How many on-line? Dados disponíveis em: http://www.nua.ie/surveys/how_many_online/world.html [27/01/2003]
- O'BRIEN, Jodi (1999). Writing in the body: gender (re)production in online interaction. In: M. A. Smith and P. Kollock. *Communities in Cyberspace*. London, New York, Routledge: 76-104.
- OCHS, Elinor (1992). Indexing gender. In: A. Duranti and C. Goodwin (Orgs.). *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 335-358.
- PAASONEN, Susanna (2000). Different kinds of freedom: identity and play on the Internet, Paper for the Seminar "Media Usage and the transformation of everyday experience" University of Turku, 2/12/2000. Texto disponível em: www.translocal.net/susanna/freedom.html [17/03/2003]
- PÊCHEUX, Michel (1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp.
- PINHEIRO, Daniela (2002). "Tecla comigo, vai... – porque milhões de brasileiros resolveram procurar um romance na Internet". *Veja online* 1778 disponível em: http://www2.uol.com.br/veja/201102/p_076.html [17/04/2004]
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (1992). A trama do signo: Derrida e a desconstrução de um projeto saussuriano. In: R. Arrojo (Org.). *O signo desconstruído - implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, pp. 25-29.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (2002). A confecção do memorial como exercício de reconstituição do *self*. In: L.P. Moita Lopes e L.C.Bastos (Orgs.) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, pp.339-350
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (2002a). A construção de identidades e a política de representação. In: L. M. A. Ferreira e E. G. D. Orrico. *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, pp. 77-88.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (2002b). Prefácio. In: D.M.M.Ferreira. *Discurso feminino e identidade social*. São Paulo: Annablume; Fapesp, pp. 11-17.
- RHEINGOLD, Howard (1991). *Virtual Reality*. New York: Simon & Schuster
- RHEINGOLD, Howard (1993). *The virtual community: homesteading on the electronic frontier*. Reading, Mass.: Addison-Wesley.

- RODINO, Michelle (1997). "Breaking out binaries: reconceptualizing gender in its relationship to language in computer-mediated-communication." *Journal of Computer Mediated Communication* 3(3), serial.
- SACKS, Harvey, Emanuel SCHEGLOFF, et al. (1974). "A simplest systematics for the organization of turn taking in conversation." *Language* 50(4): 696-735.
- SAVICKI, Victor, Dawn LINGENFELTER, et al. (1996). "Gender language style and group composition in Internet discussion groups." *Journal of Computer Mediated Communication* 2(3), serial.
- SAWAYA, Márcia Regina (1999). *Dicionário de informática e Internet*. São Paulo: Nobel.
- SILVA, Jane Quintiliano (2002). Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade nas escrita dos textos. Tese de doutoramento inédita. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- SMITH, Christine B., Margaret L. McLAUGHLIN, et al. (1997). "Conduct controls on Usenet." *Journal of Computer Mediated Communication* 2(4), serial.
- SMITH, Judy e Ellen BALKA (1988). Chatting on a feminist computer network. In: C. Kramarae (Org.). *Technology and women's voices: keeping in touch*. London and New York: Routledge & Kegan Paul, pp. 82-97.
- SOUKUP, Charles (1999). "The gendered interactional patterns of computer-mediated chatrooms: a critical ethnographic study." *The Information Society* 15(3): 169-176.
- SPENDER, Dale (1980). *Men made language*. New York: Routledge.
- STERLING, Bruce (1993). History of the Internet. 2003. Texto disponível em http://mrs.umn.edu/~mcphee/Courses/Readings/Sterlings_history_of_Internet.html [20/03/2003]
- STEWART, Concetta M., Stella F. SHIELDS, et al. (1999). "Gender and participation in synchronous CMC: an IRC case study." *Interpersonal Computing and Technology: An Electronic Journal for the 21st Century* Volume 7(1-2): on line. Texto disponível em: <http://jan.ucc.nau.edu/~ipct-j/1999/n1-2/stewart.html> [27/02/2003]
- STONE, Allucquere Roseanne (1991) Will The Real Body Please Stand Up?: Boundary Stories About Virtual Cultures. In: Michael Benedikt (editor). *Cyberspace: First Steps*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 81-118
- STONE, Allucquere Roseanne (1995) *The war of desire and technology at the close of the mechanical age*. Cambridge, MA: MIT Press.

- SUSSMAN, Nan M. e Dianne H. TYSON (2000). "Sex and power: gender differences in computer-mediated interactions." *Computers in Human Behavior* 16: 381-394.
- SUTTON, Laurel A. (1994). Using Usenet: gender, power and silence in electronic discourse. Proceedings of the 20th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, Berkeley, Berkeley Linguistics Society, pp. 506-520.
- TALBOT, Mary (1998). *Language and gender: an introduction*. Cambridge: Polity Press.
- TALBOT, Mary (2003). Gender stereotypes: reproduction and challenge. In: M. Meyerhoff e J. Holmes (Orgs.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell, pp. 468-486
- TANNEN, Deborah (1990). *You just don't understand: women and men in conversation*. New York: William Morrow.
- TANNEN, Deborah (1993). *Gender and conversational interaction*. New York, Oxford: Oxford UP.
- TANNEN, Deborah e Cinthia WALLAT (2002) Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: B.T.Ribeiro e P.M. Garcez (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, pp. 183-214.
- THORNE, Barrie e Nancy HENLEY (1975). Difference and dominance: an overview of language, gender, and society. In: B. Thorne e N. Henley. *Language and sex: difference and dominance*. Rowley, Mass: Newbury House, pp. 5-42.
- TRIAS, Jennifer Vaughn (1997). Democracy or Difference: a literature review of gender differences in online communication. Texto disponível em: <http://nimbus.ocis.temple.edu/~jvaughn/papers/litrev.html> [17/03/2003]
- TROEMEL-PLOETZ, Senta (1998 [1991]). Selling the apolitical. In: J. Coates (Org.). *Language and gender: a reader*. Oxford: Blackwell, pp. 446-457.
- TURKLE, Sherry (1995). *Life on the screen: identity in the age of the Internet*. New York: Simon & Schuster.
- UCHIDA, Aki (1998 [1992]). When 'difference' is 'dominance': a critique of the 'anti-power-based' cultural approach to sex differences. In: D. Cameron (Org.). *The feminist critique of language: a reader*. London: Routledge, pp. 280-292.
- VANBERG, Lona (s/d) The role of women in the history of computers. Texto disponível em <http://www.ucalgary.ca/~dabrent/380/webproj/lna.html> [05/10/2004]
- VENTURI, Gustavo, Recamán, Marisol e Bokany, Vilma (2001) A mulher brasileira nos espaços público e privado. Núcleo de Opinião Pública, Fundação Perseu Abramo.

Documento eletrônico disponível em
<http://www.fpa.org.br/nop/mulheres/apresentacao.htm> [21/06/2005]

- WEST, Candace e Don ZIMMERMAN (1983). Small insults: a study of interruptions in cross-sex conversations between unacquainted persons. In: B. Thorne, C. Kramarae e N. Henley (Orgs.). *Language, gender and society*. Rowley, Mass.: Newbury House, pp.102-117.
- WYNN, Eleanor e James KATZ (1997). Hyperbole over Cyberspace: self-presentation and social boundaries in Internet home pages and discourse. *The Information Society*, 13:297-327.
- WITMER, Diane F. e Sandra Lee KATZMAN (1997). "On-line smiles: does gender make a difference in the use of graphic accents?" *Journal of Computer Mediated Communication* 2(4), serial.
- WODAK, Ruth, Org.. (1997). *Gender and discourse*. London: Sage.
- WOOD, Kathleen (1998). Undergraduates' life stories in the deaf education English literacy system: revealing discursive identities with coherence resources. Tese de Doutorado inédita. Washington, DC: Georgetown University.
- WOODWARD, Kathryn (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: T.T. da Silva (Org.) *Identidade e diferença - a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes pp:7-72.
- XAVIER, Antonio Carlos (2004). Leitura, texto e hipertexto. In: L.A. Marcuschi e A.C. Xavier (Orgs.) (2004). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp:170-180.
- ZIMMERMAN, Don e Candace WEST (1975). Sex roles, interruptions and silences in conversation. In: B. Thorne e N. Henley (Orgs.). *Language and sex: difference and dominance*. Rowley, MA: Newbury House, pp. 105-129.